

Sílvia Isabel Pinto Cardoso

Óculos, coque e Shhh!
Um olhar sobre a auto-imagem e o estereótipo
do bibliotecário em Portugal

Dissertação de Mestrado em Educação e Bibliotecas

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Manuela Barreto
Nunes



UNIVERSIDADE
PORTUCALENSE

Departamento de Ciências da Educação e do Património

Janeiro, 2014

NOTA: Esta dissertação está redigida segundo os instrumentos ortográficos anteriores ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

A gente se auto define todo o tempo, eu poderia ser assim ou assado. Fazer melhor, querer mais, superação, aceleração, multidão, decisão e os dias se vão. As pessoas não param para olhar, para ouvir, para refletir, não prestam atenção no outro, é tudo a tempo e a hora. Sentenciado de qualquer maneira. Pessoas são etiquetadas e colocadas em prateleiras em ordem alfabética pra facilitar o serviço. Muitos dizem - eu já nasci pronto. Eu não. Vivo nascendo todos os dias. Meus passos têm ritmo de bossa nova e ainda sou poesia!...

Renata Fagundes (2012)

AGRADECIMENTOS

“None of us got where we are solely by pulling ourselves up by our bootstraps. We got here because somebody - a parent, a teacher, an Ivy League crony or a few nuns - bent down and helped us pick up our boots.”

Thurgood Marshall

Consciente da importância que este projecto teria enquanto desafio pessoal, desconhecia-se que pudesse ter vindo a envolver o interesse de tantas pessoas que, com a sua disponibilidade e colaboração, viriam a tornar-se sólidos pilares no decorrer de todas as etapas de investigação. Não parece, por isso, descabida a ideia de agradecer, desta forma informal:

À Professora Doutora Manuela Barreto Nunes pela orientação, pela partilha de ideias, pela disponibilidade e simpatia com que sempre me recebeu.

A todos os bibliotecários que fizeram parte do meu estudo e que colaboraram incisamente repartindo dados e experiências, especialmente aos bibliotecários que amavelmente se prontificaram a participar nas entrevistas e me deram acesso a informações tão úteis e enriquecedoras.

Ao Dinis pelo apoio, dedicação e auxílio nos momentos mais críticos deste projecto.

Aos meus pais e irmãos, que estiveram presentes em todo o meu percurso académico e que me deram a liberdade de fazer as minhas escolhas.

À Dra. Clarinda Moreira, à Cláudia Silva, à Manuela Torres e ao Carlos Mike Cunha pelas ajudas pontuais e cruciais no desenrolar deste desafio, e às minhas colegas de curso, que mais uma vez estiveram presentes e se revelaram elementos chave.

A todas as pessoas que, directa ou indirectamente, fizeram parte do meu aprimoramento conceptual.

ÓCULOS, COQUE E SHHH!
UM OLHAR SOBRE A AUTO-IMAGEM E O ESTEREÓTIPO
DO BIBLIOTECÁRIO EM PORTUGAL

RESUMO

O estereótipo em torno da carreira de bibliotecário é bem familiar na cultura popular. Nela predomina uma imagem feminina, de óculos, coque, roupa formal, com ar sério ou provocador, mas, sobretudo, caracterizada pela expressão onomatopaica “*Shhh*”. Este estereótipo, por vezes de índole negativo, pode estar na base de desvalorização e falta de reconhecimento profissional por parte da sociedade, que desconhece as funções desempenhadas pelo profissional de informação na biblioteca. Mas, particularmente, pode também representar uma fraca realização profissional por parte do bibliotecário, que não vê reconhecidas as suas valências. Nesse sentido, esta dissertação procura mostrar as características principais dos bibliotecários que desempenham funções em bibliotecas públicas em Portugal e dar a conhecer uma nova faceta da profissão, assim como compreender qual a auto-imagem real e social dos bibliotecários e a sua relação com os estereótipos delineados pela sociedade actual.

Para a abordagem metodológica, e para melhor compreender, explorar e descrever o fenómeno, optou-se por uma metodologia de investigação quantitativa com base em inquéritos por questionário; recorrendo-se posteriormente a entrevistas semi-estruturadas para complementar e aprofundar os dados obtidos nos inquéritos. A amostra retirada dos inquéritos foi constituída por 194 profissionais de bibliotecas públicas, sendo que apenas 10, de diferentes zonas do território nacional, foram submetidos a entrevistas. Conclui-se que o dinamismo e as novas potencialidades das bibliotecas municipais têm vindo a alterar a imagem do próprio profissional da informação, que se sente menos associado ao estereótipo de “rato de biblioteca”, sendo-lhe conferidos novos papéis na sociedade. No entanto, sentindo-se ainda incompreendidos por uma sociedade que pouco frequenta os espaços da biblioteca, e que por isso desconhece as suas funções e papéis sociais, apelam e defendem a união entre a classe em prol da divulgação de uma imagem mais ajustada da profissão e das bibliotecas.

Palavras-chave: Bibliotecário, Bibliotecas Públicas, Imagem do Bibliotecário, Estereótipo, Auto-imagem, Bibliotecários em Portugal

GLASSES, BUN AND SHHH!
A LOOK AT THE SELF-IMAGE AND THE STEREOTYPE
OF LIBRARIAN IN PORTUGAL

ABSTRACT

The stereotype around the librarian career is well familiar in popular culture. Predominant in it is a feminine image of glasses, bun, formal clothes, serious-looking or provocative, but above all, characterized by the onomatopoeic expression "Shhh." This stereotype, sometimes negative in nature, can be the basis of devaluation and lack of professional recognition by society that ignores the functions performed by the information professional in the library. But, particularly, can be representative of a weak professional achievement by the librarian, who doesn't see their valences recognized. Thus, this dissertation seeks to show the main characteristics of librarians who perform functions in Public Libraries in Portugal, and publicize a new facet of the profession, as well as understanding the real self-image and social of librarians and their relationship with stereotypes outlined by current society.

For the methodological approach, to better understand, explore and describe the phenomenon, it was opted for a methodology of quantitative investigation based on questionnaire surveys, followed by semi-structured interviews to complement and deepen the data obtained in the survey. The sample taken from surveys consisted of 194 professionals of public libraries, of which only 10, from different areas of the national territory, were subjected to interviews. The study concluded that the dynamism and potential of the new local libraries have been changing the image of their own professional of information who feels less associated with the stereotype of "book-worm", being given him/her new roles in society. However, still feeling misunderstood by a society that scarcely attends the library places and therefore unaware of their functions and roles, the librarians appeal and defend the union of the class to help create a more adjusted image of the profession and libraries.

Keywords: Librarian, Librarian Image, Stereotype, Self-image, Librarians in Portugal

SUMÁRIO

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES.....	9
ÍNDICE DE TABELAS.....	10
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	11
INTRODUÇÃO.....	13
PARTE 1 – ESTUDO TEÓRICO.....	19
CAPÍTULO 1 – O EU, O NÓS E OS OUTROS.....	20
1.1. ME, MYSELF AND I, OU O QUE SE ENTENDE POR AUTO-CONCEITO.....	20
1.2. INFLUÊNCIA SOCIAL NA DEFINIÇÃO DO EU.....	23
1.3. ESTEREÓTIPOS: CRIAÇÃO E IMPACTO.....	24
CAPÍTULO 2 – REPRESENTAÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO NA CULTURA POPULAR... 27	
2.1. NA CULTURA CINEMATOGRAFICA.....	30
2.2. NA LITERATURA.....	35
2.3. NA PUBLICIDADE.....	37
CAPÍTULO 3 – O ESTEREÓTIPO VISTO PELOS BIBLIOTECÁRIOS.....	40
PARTE 2 – ESTUDO EMPÍRICO.....	46
CAPÍTULO 4 – NATUREZA DO ESTUDO E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	47
4.1. QUESTÕES E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO.....	48
4.2. OBJECTIVOS.....	48
4.3. CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DE ESTUDO.....	49
4.4. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS.....	50
4.4.1. Variáveis.....	51
4.4.2. Questionários.....	51
4.4.3. Entrevista Semi-estruturada.....	54
CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS.....	56
5.1. AUTO-IMAGEM DOS BIBLIOTECÁRIOS EM PORTUGAL.....	57
a. Género.....	57
b. Idade.....	58
c. Estado civil.....	59
d. Formação.....	59
e. Exercício profissional e designação da profissão.....	61

f. Auto-imagem psicológica	65
g. Auto-imagem física	71
5.2. AUTO-IMAGEM SOCIAL DOS BIBLIOTECÁRIOS EM PORTUGAL	79
5.3. SER BIBLIOTECÁRIO EM PORTUGAL.....	88
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
ANEXOS.....	118
ANEXO 1: QUESTIONÁRIO AOS PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS - FEMININO	
ANEXO 2: QUESTIONÁRIO AOS PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS - MASCULINO	
ANEXO 3: GUIÃO DA ENTREVISTA	
ANEXO 4: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1. Bibliotecária na série "No meio do nada"	28
Ilustração 2. The Librarian Action Figure da Archie McPhee.	29
Ilustração 3. Rufus Wainwright, Helena Bonham Carter - Out Of The Game	30
Ilustração 4. Spot publicitário da Mercedes Bens E-Klasse.....	37
Ilustração 5. Cartaz publicitário da Bacardi "Librarian by day, Bacardi by night"	38
Ilustração 6. Imagem da bibliotecária do anúncio da Lipton Ice Tea.....	38
Ilustração 7. Mapa representativo da distribuição da População em estudo	50
Ilustração 8. Mapa representativo da distribuição da Amostra	53
Ilustração 9. Folheto da campanha "Trabalhar com Arquitectos"	97

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Análise bibliométrica por tipo de recurso e ano de publicação	17
Tabela 2. Análise bibliométrica por recurso e por tema	18
Tabela 3. Representação do Bibliotecário no Cinema	33
Tabela 4. Listagem de filmes com referência a bibliotecários	34
Tabela 5. Variáveis em estudo	51
Tabela 6. Distribuição da amostra relativa à variável designação dada à profissão.....	63
Tabela 7. Imagens apresentadas como exemplos de bibliotecários e suas características para auto-imagem dos inquiridos	77
Tabela 8. Imagens apresentadas como exemplos de bibliotecários e suas características para auto-imagem social dos inquiridos	84
Tabela 9. Itens a considerar na variável Realização Profissional	89
Tabela 10. Distribuição da amostra relativa à variável Satisfação com a Remuneração	90
Tabela 11. Distribuição da amostra relativa à variável Status Profissional/Estereótipo	92
Tabela 12. Distribuição da amostra relativa à variável Satisfação Global com a Profissão	96

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição da amostra relativa à variável género	58
Gráfico 2. Distribuição da amostra relativa à variável idade dos inquiridos.....	59
Gráfico 3. Distribuição da amostra relativa à variável estado civil	59
Gráfico 4. Distribuição da amostra relativa à variável habilitações académicas	61
Gráfico 5. Distribuição da amostra relativa à variável vínculo contratual	62
Gráfico 6. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelos bibliotecários como descritivas de si mesmo.....	65
Gráfico 7. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelos bibliotecários do género masculino como descritivas de si mesmo.....	67
Gráfico 8. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelos bibliotecários do género feminino como descritivas de si mesmo.....	67
Gráfico 9. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelos bibliotecários como descritivas de si mesmo.....	68
Gráfico 10. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelos bibliotecários do género feminino como descritivas de si mesmo.....	68
Gráfico 11. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelos bibliotecários do género masculino como descritivas de si mesmo.....	69
Gráfico 12. Distribuição da amostra relativa à variável interesses/passatempos dos bibliotecários.....	71
Gráfico 13. Distribuição da amostra relativa à variável modificações corporais.....	72
Gráfico 14. Distribuição da amostra relativa à variável vestuário	73
Gráfico 15. Distribuição da amostra relativa à variável penteado usado pelas bibliotecárias do género feminino no local de trabalho.....	74
Gráfico 16. Distribuição da amostra relativa à variável penteado usado pelos bibliotecários do género masculino no local de trabalho.....	74
Gráfico 17. Distribuição da amostra relativa à variável frequência de uso de óculos.....	75
Gráfico 18. Distribuição da amostra relativa à variável frequência de uso de óculos pelas bibliotecárias do género feminino	75
Gráfico 19. Distribuição da amostra relativa à variável frequência de uso de óculos pelos bibliotecários do género masculino	76
Gráfico 20. Distribuição da amostra relativamente à imagem com a qual os bibliotecários mais se identificam	78

Gráfico 21. Distribuição da amostra relativamente à imagem com a qual as bibliotecárias mais se identificam	79
Gráfico 22. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelos bibliotecários como apontadas pela sociedade à sua profissão	80
Gráfico 23. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelos bibliotecários do género masculino como apontadas pela sociedade à sua profissão	81
Gráfico 24. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelas bibliotecárias do género feminino como apontadas pela sociedade à sua profissão	82
Gráfico 25. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelos bibliotecários como apontadas pela sociedade à sua profissão	83
Gráfico 26. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelos bibliotecários do género masculino como apontadas pela sociedade à sua profissão	83
Gráfico 27. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelas bibliotecárias do género feminino como apontadas pela sociedade à sua profissão	83
Gráfico 28. Distribuição da amostra relativamente à imagem que as bibliotecárias acreditam que a sociedade tem delas	85
Gráfico 29. Distribuição da amostra relativamente à imagem que os bibliotecários acreditam que a sociedade tem deles	86

INTRODUÇÃO

No one is obliged to become a librarian. (...) Librarians are made, not born.

(Bowes, 1979)

A profissão do bibliotecário é frequentemente associada a uma imagem pré-fabricada pela sociedade e reproduzida repetidamente na literatura, no cinema e na televisão. Abordagens como: *“É preciso ter um curso para trabalhar aqui?”*, *“Trabalhar na biblioteca é que deve ser aborrecido...”*, *“Não tem ar de quem trabalha numa biblioteca”*, ou mesmo *“A senhora é bem divertida, para quem trabalha na biblioteca”*, são bastante comuns e muitos são os que se queixam da incapacidade de combater esta imagem estereotipada da profissão. Uma imagem distorcida pode representar um ruído na comunicação entre o bibliotecário e a sociedade (Silva, 2009), sobretudo quando se vive uma cultura de aparência. Rocho (2007) considera que a visão estereotipada da profissão do bibliotecário é ainda uma *“herança dos monges medievais, guardiões, leitores, conservadores”*, amantes dos livros e com um trabalho tecnicista, defendendo que os profissionais deveriam impor-se de modo a ganhar notoriedade na sociedade.

Muitos têm sido os esforços a nível mundial no combate à figura feminina de coque, óculos, roupa formal e sinal de silêncio, vocalizado com o famoso *“Shhh!”*. Surgem constantemente novos artigos em revistas, criam-se novos blogues, disseminam-se as páginas dedicadas ao tema nas redes sociais, onde relatos de bibliotecários se multiplicam e sugerem uma acrescida preocupação em quebrar estereótipos.

Esta preocupação, que acompanha a profissão há décadas, e que Dupré (2001) considera quase uma obsessão, está bastante saliente no artigo da autoria de Hall, *“Behind the bun, or batgirl was a librarian”* (1992):

In books, films, TV, cartoons, comic strips, the unmistakable impression emerges of a very dull, earnest body, usually female, wearing glasses (probably those little half-glasses), her hair in a - yes, here it comes - a BUN! - a spinster, wearing sensible shoes, support hose, tweed skirt, droopy woolly, need I continue? It would seem that the more exciting aspects of life have passed her by, and she is condemned to a life of dull drudgery. Often these creatures are only doing this miserable job as a last resort, because, for

whatever unfortunate reasons, more academically stimulating or financially rewarding work is not for them.¹

Será uma insegurança, enquanto profissionais, base de toda esta preocupação com a imagem? Ou serão estes vítimas de causas externas?

O facto é que a avaliação que o profissional faz de si mesmo, reflecte e advém da avaliação que os outros fazem dele, e uma auto-imagem individual condicionada pela auto-imagem colectiva pode ter repercussões ao nível da auto-estima e, consequentemente, da auto-realização profissional. Walter (2008) vai mais longe ao referir que “a forma como o profissional se vê e se coloca no mundo tem consequências para ele próprio, para a profissão e para o mercado no qual ele necessariamente se insere”. A ideia generalizada de um bibliotecário como alguém comodista, adepto da organização e não receptivo a mudanças, pode em parte desvalorizar o trabalho do bibliotecário e das suas capacidades e competências, e esta percepção pode influenciar directamente oportunidades de promoção profissional e até mesmo o salário definido para o cargo (Kneale, 2009).

O que se pode fazer para alterar esta imagem pré-concebida? Araújo (2010) defende que “a esses profissionais falta uma divulgação mais efectiva de suas competências, que possibilite consolidar uma imagem positiva dos mesmos no mercado de trabalho” e que essas estratégias são definidas pelo marketing pessoal. Surge então um novo desafio para os profissionais actuais: promover o seu trabalho e dar a conhecer as suas capacidades e competências, com vista ao derrube de fronteiras estabelecidas pela imagem do comodista bibliotecário. De muito têm contribuído iniciativas como a de Kneale em “You don’t look like a librarian” (2002), a de Absher em “The Lipstick librarian” (1997), a de Weaver em “The bellydancing librarian” (2001) ou a de Barros, entre outros, no blogue “Bibliotecários sem fronteiras” (2002).

É possível afirmar que as representações sociais do bibliotecário têm vindo a alterar-se gradualmente, sobretudo com as mudanças externas, tais como o uso das

¹ Nos livros, nos filmes, na TV, nos desenhos animados, na banda desenhada, emerge a impressão inconfundível de um corpo muito aborrecido, sério, geralmente do sexo feminino, usando óculos (provavelmente aqueles pequenos half-glasses), com uns cabelos em um – sim, aí vem – um COQUE! – uma solteirona, usando sapatos confortáveis, meias de descanso, saia de lã cardada, camisola de lá descaída, preciso continuar? Parece que os aspectos mais emocionantes da vida passaram por ela, e ela está condenada a uma vida de trabalho entediante. Muitas vezes essas criaturas só estão a fazer este trabalho miserável como último recurso, porque, por qualquer motivo infeliz, um trabalho academicamente mais estimulante ou financeiramente compensador não é para eles. (Tradução de autor)

tecnologias da informação e o recurso às redes sociais (Walter, 2008). Estas mudanças tiveram também consequências na definição da profissão do bibliotecário. Hoje em dia, o desempenho de funções na biblioteca pode acarretar diferentes títulos: assistente técnico de biblioteca, técnico profissional de biblioteca, técnico superior de biblioteca, profissional da informação, gestor da informação, entre outros. Esta multiplicidade de títulos parece procurar fugir aos estereótipos que a palavra “bibliotecário” pode comportar. O facto é que poucas são as profissões que adoptam o nome dos edifícios nos quais se exerce a actividade (Biblioteca – Bibliotecário; Arquivo – Arquivista; Museu - Museólogo). Toda esta diversidade de títulos leva à questão feita por Davis (2000), “Como nos devemos chamar a nós próprios?”. Mais uma vez a indefinição do indivíduo em relação à sua profissão, faz retomar a problemática inicial de que a auto-imagem individual do bibliotecário está condicionada por uma série de factores externos.

Esta temática sempre interessou, do ponto de vista pessoal, à autora deste trabalho, e parte da decisão de abordá-la na dissertação está no infográfico partilhado pelo sítio web “Master Degree Online”, intitulado “Anatomy of the librarian”². Pesquisas posteriores levaram-na a conhecer muitos outros estudos idênticos em vários países, com grande preponderância de estudos oriundos dos E.U.A. e do Brasil. Surtiu assim a curiosidade e subsequentemente uma grande vontade de realizar um estudo idêntico em Portugal.

E é neste sentido, de tentar conhecer a auto-imagem profissional do bibliotecário em Portugal, que se articulou a pergunta de partida, que constituiria o fio condutor desta investigação: Qual a auto-imagem profissional dos bibliotecários a desempenhar funções em bibliotecas públicas em Portugal?

Assim, considera-se objectivo deste trabalho dar a conhecer as características dos bibliotecários em Portugal, procurando dessa forma combater a falta de conhecimento por parte da sociedade portuguesa actual em relação à função e aptidões do bibliotecário. Ao conhecer a auto-imagem do bibliotecário, identificando as características mais comuns à profissão, ao conhecer as suas opiniões relativamente à imagem que transparece na sociedade e ao estereótipo que ronda a profissão, mas sobretudo

² *Anatomy of a librarian*. (Maio de 2011). Obtido em 8 de Setembro de 2011, de Master Degree Online: <http://master-degree-online.com/infographic-anatomy-of-a-librarian/>

ao identificar as iniciativas de promoção de imagem desenvolvidas em Portugal, procura-se com este projecto contribuir para a divulgação de uma imagem mais ajustada da profissão.

Para dar cumprimento aos objectivos estruturou-se o trabalho em duas partes: uma teórica e outra empírica. Dos três capítulos que constituem a parte teórica, o primeiro capítulo aborda os conceitos e as questões de formação da auto-imagem pessoal e social da profissão, assim como a criação e impacto dos estereótipos da profissão na sociedade. No segundo capítulo apresentam-se descritas algumas representações dos bibliotecários na cultura popular. E, no capítulo 3 são confrontadas as opiniões de diversos autores sobre a problemática em torno do arquétipo do bibliotecário.

A segunda parte - o estudo empírico, é composta por apenas dois capítulos. O capítulo 4 ocupa-se com a exposição da natureza do estudo (questões, hipóteses e objectivos de investigação) e com o desenho metodológico. Este trabalho teve como base uma metodologia de investigação quantitativa, com recurso a inquéritos por questionário, socorrendo-se, posteriormente, a uma ferramenta de análise qualitativa, entrevistas semi-estruturadas, apenas para complementar e aprofundar os dados obtidos nos inquéritos. Todas estas escolhas metodológicas foram tomadas para que mais adequadamente se pudesse responder às questões de investigação, comprovar ou refutar as hipóteses e atingir os objectivos delineados.

O capítulo 5, sendo o mais extenso de todo o trabalho, apresenta os resultados da investigação, tendo sido subdividido em três partes distintas. Na primeira parte, é analisada a auto-imagem real dos bibliotecários que fazem parte da amostra deste estudo, isto é, como se vêem enquanto profissionais de biblioteca ao serem abordadas as características que os bibliotecários reclamam como sendo descritivas de si mesmos. Seguidamente, é reservado um ponto dedicado à imagem que os profissionais acreditam que a sociedade tem deles, a sua auto-imagem social, e posteriormente confrontando a auto-imagem real com a auto-imagem social, através de uma análise comparativa com os dados retirados do ponto anterior.

A última parte da análise de dados será dedicada a um pequeno estudo sobre a realização profissional do bibliotecário em Portugal, considerando a importância que estes atribuem à sua imagem social e à imagem da biblioteca no seu local de trabalho. Estarão os portugueses preocupados com a sua imagem profissional? Qual a posição

dos bibliotecários portugueses relativamente à existência ou não do estereótipo da profissão?

Ao longo deste projecto, foram surgindo e multiplicando-se referências a estudos em torno do tema, os quais, minuciosamente, foram consultados e referidos como bibliografia no final deste trabalho, de acordo com as Normas de publicação da American Psychological Association (APA).

A controvérsia em torno do tema deu origem a um aumento considerável de produção e publicação de informação sobre as questões relacionadas com a imagem do bibliotecário, sobretudo a partir da década de 90, impulsionado também pelo crescente uso das novas tecnologias. Surgem assim blogues, sítios web e páginas nas redes sociais especialmente dedicadas à imagem do bibliotecário, publicam-se teses de mestrado e multiplicam-se os artigos científicos e de opinião dedicados ao tema. Uma breve análise bibliométrica às referências bibliográficas que serviram de apoio a esta investigação permite identificar os temas e recursos mais salientes na pesquisa.

Numa análise exploratória poderemos salientar a tendência de recurso a monografias, artigos de periódicos e comunicações em conferências, editados a partir do ano 2000 para o enquadramento teórico deste trabalho (Ver Tabela 1). Segue-se o recurso aos documentos electrónicos como blogues, páginas web ou as redes sociais, com um total de 16 referências distintas representando já 16,66% da bibliografia utilizada neste estudo.

Tabela 1. Análise bibliométrica por tipo de recurso e ano de publicação

		1970-1979	1980-1989	1990-1999	2000-2009	2009 <
Monografias	N	2	2	3	12	7
	%	2,08	2,08	3,13	12,5	7,29
Teses de Bacharel / Mestrado / Doutoramento	N	-	1	1	5	4
	%	-	1,04	1,04	5,21	4,17
Artigos de Periódicos / Comunicações em Conferências	N	-	4	6	14	3
	%	-	4,17	6,25	14,58	3,13
Blogues / Páginas Web / Redes Sociais	N	-	-	2	9	5
	%	-	-	2,08	9,37	5,21
Documentos Oficiais	N	-	-	1	4	-
	%	-	-	1,04	4,17	-
Filmes / Vídeos / Imagens / Música	N	-	-	-	4	2
	%	-	-	-	4,17	2,08
Outros	N	-	-	-	1	4
	%	-	-	-	1,04	4,17

Se analisarmos a bibliografia à luz dos temas abordados, poderemos referir que no que diz respeito ao tema sobre a imagem e estereótipo em torno do bibliotecário evidenciam-se 62 referências correspondendo a 72,94% do total das referências deste trabalho de investigação, sendo que grande parte são artigos de publicações periódicas, recursos em linha e monografias (Ver Tabela 2).

Tabela 2. Análise bibliométrica por recurso e por tema

		Imagem do Bibliotecário Estereótipos do Bibliotecário	Auto-Conceito Auto-Imagem Formação de Estereótipos	Metodologias de Investigação
Monografias	N	13	7	5
	%	15,29	8,24	5,88
Teses de Bacharel / Mestrado / Doutoramento	N	8	3	-
	%	9,41	3,53	-
Artigos de Periódicos / Comunicações em Conferências	N	21	6	-
	%	24,71	7,06	-
Blogues / Páginas Web / Redes Sociais	N	14	2	-
	%	16,47	2,35	-
Filmes / Vídeos / Imagens / Música	N	6	-	-
	%	7,06	-	-

Muito se escreve e muito se tem publicado sobre o tema mas pouco se sabe acerca da realidade portuguesa. Até que ponto os bibliotecários em Portugal se identificam com a imagem retratada? Qual a auto-imagem dos bibliotecários de bibliotecas públicas em Portugal?

Sabemos que só será possível uma mudança da imagem profissional do bibliotecário na sociedade quando os profissionais tomarem consciência da sua auto-imagem e da imagem que deixam transparecer no seu local de trabalho, e, assim, a auto-consciencialização da sociedade portuguesa relativamente à importância dos profissionais de biblioteca na prestação de serviços à comunidade, contribuirá para uma mais justa consideração e estatuto do profissional.

PARTE 1 – ESTUDO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 – O EU, O NÓS E OS OUTROS

O seu self é simultaneamente um livro, repleto de conteúdos fascinantes recolhidos ao longo do tempo, e o leitor do livro que num dado momento pode ter acesso a um determinado capítulo ou acrescentar um novo.

(Neto, 1998)

Quando, ocasionalmente, somos questionados sobre como nos definimos, um conjunto de características ressalta: nome, idade, estatura, profissão e algumas características psicológicas e comportamentais. Sentimos constantemente uma necessidade de nos definirmos enquanto seres únicos e inigualáveis, como um rótulo único de etiquetagem própria. Esta tendência para o auto-conhecimento levou a que ao longo dos séculos, filósofos, teólogos e psicólogos se dedicassem a temas como o auto-conceito e a definição do *self – si mesmo* e, rapidamente, nos deparamos com os vários factores que estão na base da construção do auto-conceito, entre eles, a influência social, os nossos juízos de valor, as nossas convicções e as experiências pelas quais passamos ao longo da vida.

1.1. *ME, MYSELF AND I*, OU O QUE SE ENTENDE POR AUTO-CONCEITO

Associado à alma por Platão, ao pensamento por Descartes, à percepção por Hume (Neto, 1998), o conceito do *Eu*, com toda a sua singularidade, foi durante séculos tema de estudo e análise por várias correntes de pensamento e, por isso, desenvolveu um conjunto de teorias e conceitos, com traços semelhantes, mas distintos entre si. Porém, apesar desta vasta literatura em torno desse conceito, não existe uma definição clara do mesmo. Mas afinal o que se entende por auto-conceito?

Apontado como um dos maiores impulsionadores do estudo do auto-conceito, James lança em 1890 a sua obra “Principles of Psychology” onde descreve o *Eu* como a “continuidade pessoal que cada um de nós reconhece cada vez que acorda” (Fadiman & Frager, 1979, p. 164). O seu maior contributo para a própria definição de auto-conceito ressalta na distinção entre o *Eu*-como-sujeito (*Eu*), enquanto fruto da experiência subjectiva do indivíduo, e o *Eu*-como-objecto (*Mim*) que engloba tudo o que o indivíduo pode reclamar como seu (Ferreira, 2012). Paralelamente, distinguiu três ca-

madas distintas do *Eu*, hierarquicamente estruturadas, sendo a base o *Eu* material (coisas com as quais nos identificamos, como corpo, pessoas, objectos), seguindo-se o *Eu* social (reconhecimento que adquirimos por parte dos nossos companheiros e todos os papéis sociais que assumimos) e, no topo da hierarquia, o *Eu* espiritual (o subjectivo, o ser interior, os estados de consciência), tornando-se o auto-conceito mais estável, à medida que se sobe na hierarquia (Fadiman & Frager, 1979).

Anos mais tarde, Rogers, considerado por muitos um optimista, apoiou-se nas suas experiências clínicas para defender a premissa de que as pessoas usam a experiência para se definirem quando questionadas. Coloca assim o *Eu* no campo da experiência, onde coexistem eventos, percepções, sensações e impactos, e, como tal, encara-o como um processo contínuo de auto-conhecimento, pois o *Eu* forma-se e reforma-se à medida que as situações se alteram, como uma tendência inata de actualização (Hansenne, 2004). Por outras palavras, o “autoconceito é a visão que a pessoa tem de si própria com base nas experiências passadas, estimulações presentes e expectativas futuras” (Fadiman & Frager, 1979, p. 227). Se hoje nos questionassem sobre a forma como nos definimos, provavelmente a resposta não seria igual caso respondêssemos há cinco anos atrás, tal como se formos questionados daqui a cinco anos, isto porque o auto-conceito também se define tendo em conta um contexto. Usamos, ainda, a comparação temporal, para delinear o nosso *Eu* presente em detrimento do *Eu* que ficou no passado (Neto, 1998). Rogers salientou, ainda, a existência de um *Eu ideal*, entendido como “o conjunto de características que o indivíduo mais gostaria de poder reclamar como descritivas de si mesmo” (Rogers, 1959, cit. por Fadiman & Frager, 1979, p. 227) opondo, assim, o que pensamos ser na realidade ao que gostaríamos de ser.

Um traço parece ser comum na definição de auto-conceito: a percepção que temos sobre nós mesmos, como nos vemos a nós próprios, como nos definimos, não descurando, porém, a hipótese de que esta percepção possa estar desfasada da realidade, pois produzimos constantemente juízos de valor errados e distorcidos. A percepção que temos de nós mesmos enquanto seres físicos, sociais e morais, incorrecta ou não, faz parte do nosso auto-conceito.

Destacam-se, a partir destas leituras, algumas características de auto-conceito: é um constructo avaliativo, multifacetado, hierárquico, mutável e hipotético. Ou seja,

permite-se que o indivíduo passe por um processo de auto-avaliação, onde podem surgir variadas facetas sobre si próprio que vai organizar hierarquicamente, de acordo com os seus acontecimentos pessoais e juízos de valor, que se vão reformulando à medida que as situações se alteram.

Esta complexidade na definição do conceito do *Eu* foi ainda salientada com a atribuição de diferentes componentes do conceito por vários autores. A partir da teoria de James, o auto-conceito começa a ser entendido como um sistema composto por diferentes componentes. Esteban (1995, citado por Meneses & Bruges, 2006) distingue o componente avaliativo (auto-estima), o componente cognitivo (auto-imagem) e o componente comportamental (aceitação/rejeição). Serra (1986a) acrescenta ainda a auto-eficácia, as identidades, o auto-conceito real e ideal³.

Esteban (1995, citado por Meneses & Bruges, 2006) considera que no componente cognitivo do auto-conceito, a auto-imagem, o indivíduo olha para si próprio como um objecto, desenvolvendo ideias, crenças e opiniões sobre si mesmo. Considera ainda a existência de sub-componentes dentro da auto-imagem, sendo eles:

- A auto-imagem real: percepção que o indivíduo possui das suas características e atributos;
- A auto-imagem ideal: percepção das características e atributos que o indivíduo gostaria de ter sobre si mesmo;
- A auto-imagem social: a crença que o indivíduo tem de si mesmo, tendo em conta a opinião dos outros.

Como um constructo multifacetado, a auto-imagem também pode gerar várias facetas no dia-a-dia de cada um: o indivíduo pode gerar opiniões sobre si mesmo, enquanto pai, enquanto filho e enquanto profissional. A organização hierárquica que atribui a cada auto-imagem é feita de acordo com a importância que atribui a cada uma delas (Serra, 1988). Por exemplo, um indivíduo pode atribuir maior importância à sua imagem profissional, como bibliotecário, descurando a sua imagem enquanto membro do clube de pintura, e, assim sendo, a formação da sua auto-imagem incidirá mais sobre as suas características enquanto profissional de biblioteca.

³ À semelhança do defendido por Rogers, Serra considera a existência de um auto-conceito real, que é a percepção que o indivíduo tem de si como é na realidade, e, o auto-conceito ideal, a forma como o indivíduo gostaria de ser.

1.2. INFLUÊNCIA SOCIAL NA DEFINIÇÃO DO EU

Aristóteles (Figueiredo, 2005) fundamentou a sua tese na importância das relações sociais para o Homem: segundo ele, o Homem necessita dos outros para atingir a sua plenitude. De facto, o Homem é um ser eminentemente social, e a construção do seu auto-conceito está sujeita a várias influências sociais. Hoje vivemos numa sociedade em constantes transformações, e o ser humano sente necessidade de se readaptar às mudanças para não cair num vazio social; estas readaptações vão contribuir directamente para a formação do seu auto-conceito social (Barbosa, 1995).

Em 1902, a expressão “imagem reflectida no espelho” imortalizou Cooley (Bolander, 1998, p. 1747) ao acrescentar a ideia de que o indivíduo se define tendo em conta o que imagina da imagem que transparece aos outros e no que imagina que os outros pensam dele, funcionando como um espelho social. Tendencialmente, estamos atentos às reacções e às percepções que as pessoas que nos rodeiam têm a nosso respeito, e somos sensíveis aos seus comentários e observações. A avaliação, feita sobretudo pelas pessoas que consideramos mais próximas, terá repercussões na análise feita de nós mesmos (Serra & Pocinho, 2001). Esta avaliação reflectida, torna-se assim um dos factores que contribui para a formação do *Eu* (Neto, 1998). James afirmava ainda que o homem poderia desenvolver tantos “Eus sociais” quantos os indivíduos que formam opiniões sobre ele (Meneses & Bruges, 2006).

A influência social na formação do constructo de auto-conceito está intimamente ligada ao sentimento de pertença a determinados grupos sociais e ao “significado emocional e avaliativo resultante dessa pertença” (Duarte, 2011). O indivíduo define-se articulando a percepção que tem de si mesmo e a percepção que tem de si em relação aos outros através da comparação social. A constante procura pela aceitação por parte dos grupos sociais pode condicionar a construção do seu auto-conceito, que se vê assim influenciado pelo feedback do grupo, pela diferença entre o feedback e a sua auto-definição, pelo consenso do grupo em relação ao feedback emitido, e às características dos emissores desse feedback (Tamayo, 1985, cit. por Serra, 1988). Desta forma, a definição do auto-conceito vai ditar a forma como o indivíduo se relaciona, a sua percepção do *Eu* vai determinar as suas aspirações, expectativas, e a comunicação com os outros (Esteban, 1995, cit. por Meneses & Bruges, 2006).

A aparência física é um factor importante na formação da auto-imagem social, isto porque a maneira como nos vestimos, nos arranjamos, os nossos atributos físicos e as nossas expressões são as características mais visíveis para os outros. E, neste contexto, a nossa imagem pode influenciar a percepção dos outros e até mesmo as expectativas deles em relação ao que esperam de nós.

O facto é que os efeitos da beleza externa vão muito mais além na influência do nosso auto-conceito, também porque podem influenciar as nossas vivências e a aceitação/rejeição nos grupos sociais (Meneses & Bruges, 2006). Por exemplo, no meio profissional, o modo como nos apresentamos pode condicionar a percepção dos outros em relação às nossas capacidades e competências para exercício do cargo e, no caso da auto-imagem profissional constituir um peso importante na construção do auto-conceito, poderá tornar-se um factor de fraca/forte realização profissional ou pessoal. Por conseguinte, a auto-imagem profissional constrói-se também a partir das relações que estabelece no seu local de trabalho, na participação nas actividades desenvolvidas e na interacção com os outros (Duarte, 2011), e pode, por isso, julgar-se competente em determinadas áreas e incompetente noutras áreas (Serra A. V., 1986b).

Para Duarte (2011) a auto-imagem social em relação à profissão exercida pelo indivíduo pode influenciar a sua própria identidade profissional, e uma auto-imagem positiva pode melhorar a prestação profissional.

1.3. ESTEREÓTIPOS: CRIAÇÃO E IMPACTO

A expressão “eles são todos iguais” é algo tão comum no quotidiano que por vezes nem temos percepção da sua conotação estereotipada. Este fenómeno que contrapõe a visão que temos de nós, enquanto grupo social (endogrupo) da visão que temos dos outros (exogrupo), mais não é que o simplificar da realidade complexa do mundo em que vivemos (Gleitman, Fridlund, & Reisberg, 2011). O facto é que etiquetar pessoas e dividi-las em grupos e secções com determinadas características funciona como um esquema simplificador em que o todo é tomado como uma parte. Fruto das nossas limitações cognitivas, esta visão estereotipada é, por vezes, formada a partir da nossa imaginação, uma criação mental que pode ter como base distorções da realidade, onde apenas ressaltam as semelhanças entre os membros do mesmo grupo que

constituem diferenças em relação a nós. Essas características que sobressaem no conjunto (a aparência física, um determinado costume, etc.) podem revelar um peso importante na formação da percepção dos outros em relação a nós e até mesmo influenciar o nosso auto-conceito (Goldstein, 1983).

Para McGarty, Yzerbyt e Spears (2002), os estereótipos formam-se segundo três princípios: simplificar para auxiliar na explicação de uma situação; reduzir o esforço do indivíduo para entender a situação; e partilhar as visões e as normas dos grupos sociais. Depreende-se assim que, na opinião dos autores, os estereótipos servem para facilitar a interacção dos indivíduos e dos grupos na sociedade. Temos tendência a unirmo-nos ao grupo com o qual nos identificamos e, quanto mais eficazmente percebemos essas características comuns, mais é facilitada a interacção com o grupo.

É comum que os estereótipos sejam associados a conceitos negativos e, uma vez formados, mesmo que ilusórios, podem ser encarados como uma realidade para o grupo e originar comportamentos e atitudes que podem influenciar positiva ou negativamente a visão que a sociedade tem deles (Walter & Baptista, 2007). No entanto, o estereótipo não se pode associar apenas a conceitos negativos; os estereótipos são mais fielmente associados ao que é expresso pelo senso comum (Walter & Baptista, 2007). Recapitulando, estereótipos constituem a atribuição de características a um indivíduo, tendo em conta as semelhanças com um grupo social. Este fenómeno tende a evoluir até se tornar uma “verdade”, mas com base subjectiva, apoiada por crenças populares. Quando o estereótipo é forte, é mais facilmente aceite pela sociedade. Para Oliveira (2012) a criação dos estereótipos está intimamente ligada à falta de conhecimento e ignorância da sociedade. Podem, por isso, ser associados a raças, a tons de pele, a etnias diferentes, mas podem também ser associados a profissões. No caso das profissões, a atribuição de certas características pode condicionar o reconhecimento de certas capacidades. Por exemplo, a ideia de que os bibliotecários não toleram o barulho pode criar obstáculos na comunicação do atendimento ao público. Walter e Baptista (2007) vão muito mais fundo nos impactos da formação de estereótipos nas profissões, considerando que quando os estereótipos têm por base conotações negativas, podem mesmo resultar em entraves na evolução profissional e até mesmo na remuneração da profissão.

De igual modo, para Kneale (2009), os estereótipos em torno do bibliotecário estão intimamente ligados ao passado: à figura de uma mulher mais velha, com um coque, de óculos, com calçado confortável e feio, com limitadas competências informáticas, detentora de vários gatos, normalmente solteira e sempre pronta a dirigir-se aos outros emitindo o tão famoso som: *Shhh!* O facto é que no século XIX, com o início da emancipação da mulher e a crescente presença do sexo feminino no mercado de trabalho, o trabalho na biblioteca, pelas suas características de pouco esforço físico e de baixa remuneração, tornou-se um trabalho genuinamente feminino. Mais tarde, qualquer trabalho que impedisse as mulheres de cuidarem da família e da casa começou a ser discriminado; as mulheres eram sobretudo estereotipadas como solteiras e pouco atractivas, porque não se considerava poderem equilibrar a vida de trabalhadora com a de um lar (Rocho, 2007). As tarefas também desempenhadas ganharam um maior destaque e começaram a ser encaradas como rotineiras e entediadas. Acrescentando a todas estas características, as regras de silêncio que a biblioteca exige, transparecem na imagem de uma bibliotecária de ar sério, severa e pouco dada a relações sociais. Este estereótipo, criado e moldado através dos anos, e que hoje em dia está bem distante da realidade, continua mesmo assim bem presente na profissão.

Kneale (2009), que em nada se identifica com esta imagem, realça os impactos negativos que estas distorções da realidade podem acarretar para a profissão, centrando-se sobretudo na falta de reconhecimento por parte da sociedade das capacidades e competências que exige, na falta de definição de títulos atribuídos à profissão e no impacto que estas consequências acabam por ter na determinação do salário, sobretudo quando confrontados com os salários de outras profissões.

Os estereótipos aparecem-nos assim como agentes facilitadores da comunicação entre indivíduos, mas também, como limitações à liberdade de pensamento da sociedade em relação a determinados grupos. Será a profissão de bibliotecário um alvo negativo destas criações estereotipadas? Quais as imagens mais comuns que transparecem da profissão?

CAPÍTULO 2 – REPRESENTAÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO NA CULTURA POPULAR

In the public psyche a librarian is a woman of indeterminate age, who wears spectacles; a person with either a timorous disposition or an austere disposition, wearing a long-sleeved blouse buttoned to the neck; someone who loves silence, likes books, and suffers people.

(Bowes, 1979)

A profissão de bibliotecário passou por várias transformações ao longo dos anos e, hoje em dia, destaca-se ainda o designado “Guardião de Livros”, cuja principal tarefa seria zelar pelo bom estado de conservação das obras. Com a Sociedade de Informação, onde o conteúdo ganhou maior importância em detrimento do documento, o profissional bibliotecário passou a assumir um papel de mediador de informação e responsável pelas mais variadas funções educativas, culturais e informacionais, contribuindo para o desenvolvimento social, tecnológico, cultural e científico da sociedade (Lima & Lima, 2009).

Esta evolução do papel e função do bibliotecário muito tem contribuído para as imagens que a profissão transparece na cultura popular, e que estão na base da discussão da criação de estereótipos em torno da profissão. Nos filmes, *spots* publicitários, desenhos animados e obras literárias, somos constantemente confrontados com a imagem de uma velhinha de óculos, coque, vestida de maneira formal e com ar reprovisor ao mínimo sinal de ruído. Esta imagem, tão comum e tão enraizada na profissão, contrasta com a imagem da bibliotecária jovem, bonita e com ar sensual que também já nos parece tão familiar. Esta contradição entre as duas imagens, uma fria e distante, e outra de cariz sexual, fizeram levantar acesas discussões em torno da discriminação profissional com a propagação de estereótipos em torno da imagem do bibliotecário, ou melhor – bibliotecária.

A ideia de que trabalhar na biblioteca é uma profissão especialmente dedicada ao sexo feminino tornou-se também uma “verdade” nas imagens que circulam na cultura popular e, rapidamente, se fizeram esquecer séculos e séculos de história, desde os monges copistas à exclusividade do saber dos sacerdotes, que por isso eram os únicos com acesso às mais extraordinárias bibliotecas. Mais impacto tem ainda este estereótipo nos bibliotecários do sexo masculino, que começaram a ser alvo de questões

relacionadas com as suas orientações sexuais e viram ser-lhes atribuídas características normalmente associadas ao sexo feminino, tais como sensibilidade (Carmichael, 1992). Para Santos (2000), a esta imagem feminina da bibliotecária foram associadas várias características que estão ligadas ao género feminino, tais como passividade, dependência e falta de iniciativa. Porém, estas características atribuídas por associação a outras imagens não ficam apenas por aqui...

O facto é que a imagem do bibliotecário está, também, intimamente ligada à imagem da própria Biblioteca em si: um edifício austero, onde se guardam documentos e artefactos antigos, com regras, e que exige rígidos comportamentos. Desta imagem da biblioteca, surge a da velhinha (atribuição feita a partir da antiguidade dos documentos que guarda), com uma obsessão pelo silêncio (atribuição feita a partir das regras da sala de leitura), com poucas aptidões sociais e falta de dinamismo (muitas vezes apresentada por uma imagem de pessoa sentada à secretária) (Rocho, 2007). Este ar de inflexibilidade do edifício fez transparecer para a profissão o mesmo sentido, pelo que contribuiu para a criação de obstáculos na comunicação com os utilizadores. Se pensarmos bem, quantas profissões adoptam o nome do edifício para o qual trabalham? Poucas. À Biblioteca serve o bibliotecário, ao Arquivo serve o arquivista e ao Museu serve o museólogo. Se o nome da profissão está tão enraizado no cariz do edifício, a imagem acaba por lhe ser associada do mesmo modo.

Consideremos alguns exemplos de imagens. Num episódio da série televisiva



Ilustração 1. Bibliotecária na série "No meio do nada"

Fonte: (Helene & Heisler, 2010)

"No meio do nada" (2010), Brick, o filho mais novo de um casal de classe média, fica entusiasmado com a ida da bibliotecária ao jantar de Acção de Graças a sua casa. A bibliotecária retratada na série apresenta uma figura jovem, porém, com traços de

pouco dinamismo, uma apatia social que apenas se empolga nas conversas que mantém com Brick sobre as várias leituras dos livros (ver Ilustração 1).

Ressalta o uso de roupa antiquada e os óculos, mas sobretudo a paixão pelos livros e pela leitura. Mais uma vez, a falta de interesse pelos assuntos que não envolvem leitura constitui um entrave à comunicação com os restantes membros da família, que também se sentem intimidados pela sua presença.

Um outro exemplo de imagem de bibliotecário tradicional na cultura popular é a boneca “The Librarian Action Figure” da Archie McPhee, que em 2003 (ver Ilustração 2) se tornou tão popular e desencadeou longas discussões em torno da imagem do bibliotecário. Gerou sentimentos de amor/ódio, sobretudo pela particularidade da expressão da boneca que apela ao silêncio e que os americanos significativamente apelidaram de “*Shushing*”. Esta boneca tornou-se um ponto de viragem para uma nova guerra interna na classe de bibliotecários, distinguindo os que a acham engraçada e inofensiva dos que a acusam de perpetuar o estereótipo (Shaw, 2003).



Ilustração 2. The Librarian Action Figure da Archie McPhee.

Fonte: (Archie McPhee, 2003)

Por outro lado, temos a bibliotecária sensual, também retratada no videoclip de Rufus Wainwright (2012), com a participação da atriz Helena Bonham Carter (ver Ilustração 3), que mostra uma outra vertente de estereótipo onde, por baixo de uma aparência intelectual, de traje clássico e formal, se esconde uma bela mulher, repleta de sensualidade e erotismo, muitas vezes retratada em acto de leitura de obras atrevidas.

Na área musical, o tema “Librarian” de My Morning Jacket (2008) fala do seu amor pela bibliotecária sensual, podendo ouvir-se no refrão: “Simple little bookworm, buried underneath / Is the sexiest librarian / Take off those glasses and let down your hair for me”⁴. Mais uma vez, o erotismo à volta da imagem da bibliotecária.

⁴ Por baixo daquela simples e pequena traça dos livros / está a bibliotecária mais sexy / Tira esses óculos e deixa cair o cabelo para mim (Tradução de autor)



Ilustração 3. Rufus Wainwright, Helena Bonham Carter - Out Of The Game
Fonte: (Rufus Wainwright, 2012)

Seale (2008) acrescentava outros estereótipos associados à figura do bibliotecário que estão presentes nos *Mass Media*. À imagem sensual dos exemplos anteriores, que a autora designa por *Old Maid* (Solteirona), acresce a imagem de bibliotecário policial, pelas suas características de protector e guardião do saber, a imagem do bibliotecário enquanto paródia, o bibliotecário inepto e, por último, o bibliotecário herói.

Os media, pela sua importância na criação de imagens e estereótipos, merecem o seu destaque nos estudos em torno da imagem do bibliotecário, e, por esse mesmo motivo, tentaremos expor alguns desses estudos, distinguindo os dedicados à cultura cinematográfica, à literatura e à publicidade, por nos parecerem os meios de difusão de imagem mais influentes na sociedade.

2.1. NA CULTURA CINEMATOGRÁFICA

O cinema é um poderoso agente de difusão de uma imagem e influencia o pensamento público; a imagem cinematográfica, mesmo não correspondendo à realidade, acaba por ser tomada como verdade. Através dos mais variados filmes podemos ter indicações mais claras de como o bibliotecário tem sido visto pelo público ao longo dos tempos. Quem não se recorda do fantasma da bibliotecária em *Os Caça-Fantasmas* (1984), ou da encantadora Evelyn em *A Múmia* (1999). Personagens bem diferentes, mas que se tornam o espelho das imagens da profissão mais destacadas no cinema. De um lado, a velhinha de óculos e coque pedindo silêncio, e, do outro, a doce e encantadora bibliotecária que se envolve numa aventura de acção e romance. Existe uma certa

predominância das personagens serem associadas ora à comédia, a partir do estereótipo tradicional, ora ao romance, a partir do estereótipo mais sensual.

São personagens e imagens que marcam e manipulam a opinião do público, podendo prejudicar ou enaltecer um determinado grupo. Muitos estudos se têm, por isso, centralizado na emissão de imagens de bibliotecários na cultura cinematográfica, não só pelo impacto que esta arte, simultaneamente um meio de comunicação em massa, pode ter na formação de estereótipos, mas também por reflectir uma visão da sociedade em relação à profissão.

Nos filmes, ressaltam sempre a biblioteca enquanto edifício imponente, carregado de livros, como que se só fosse possível identificar o bibliotecário por este estar permanentemente a trabalhar na biblioteca. É quase uma relação íntima entre a profissão e o edifício onde trabalha, o material com que trabalha. O livro parece ser o elemento-chave, o elemento que identifica a personagem. As personagens são muitas vezes caricaturadas, porque as suas características acabam muitas vezes por entreter o público. Vejamos, como exemplo, quão significativo o curto diálogo, retirado do filme “O Clube do Imperador” (2002), entre a personagem de um estudante que tenta requisitar um livro na biblioteca, algo que peremptoriamente vê recusado pela personagem que interpreta o papel de bibliotecária; então o estudante, numa tentativa fugaz de sedução à autorização do empréstimo, reage da seguinte forma:

“Student - Miss Peters, that is a great hairstyle. Is that new?
Librarian - I've had it since 1958.”⁵

De uma forma irónica, a imagem estereotipada da bibliotecária revela-se neste breve episódio, onde o ar severo e intransponível da mesma é alvo de percepção sarcástica pela inflexibilidade da mesma, associada também ao seu aspecto físico.

Por vezes, o bibliotecário chega mesmo a ser personagem principal em algumas comédias, onde o estereótipo ganha ainda maior relevo (Cruz, 2011).

Num estudo realizado por Walker e Lawson (1993), publicado no *Journal of Academic Media Librarianship*, são confrontados cerca de 30 filmes realizados entre as

⁵ Estudante – Senhora Peters, que fantástico penteado. É novo? / Bibliotecária – Já o tenho desde 1958. (Tradução de autor)

décadas de 20 e 80. Curiosamente, os autores afastam a tradicional imagem de velhinha, mas confirmam a tendência para uma imagem do sexo feminino, introvertida e solteira que mantém as suas empertigadas e monótonas tarefas de bibliotecária. Mais recentemente, Seidl (Hughes, 2003) defende que a cultura cinematográfica está repleta, não de um estereótipo específico para o bibliotecário, mas de várias imagens que englobam não só os aspectos negativos como alguns até bastante positivos na divulgação da profissão; no entanto, confirma o uso constante da imagem de bibliotecária com o cabelo preso em forma de coque, que se mostra pouco disponível para ajudar, embora, com uma auto-estima positiva. Parece-nos interessante esta ressalva da autora quanto ao estado de auto-estima da profissão. Em certos filmes, a personagem de bibliotecário, mesmo quando desempenha funções demasiadamente tecnicistas e monótonas, mostra-se bastante satisfeito, e, até se poderá dizer, orgulhoso da sua profissão, como se esta lhe conferisse um certo estatuto privilegiado. Acresce ainda o facto de que, quanto maior o papel do bibliotecário no filme, menos agarrado a um estereótipo ele se encontra.

Neste sentido, também Cruz (2011) defende a mudança da imagem do bibliotecário nos filmes mais recentes. Começa-se já a abandonar a imagem de bibliotecário tradicional, zelador dos livros e dos bons costumes, para um bibliotecário moderno influenciado pelo uso das novas tecnologias. A figura de velhinha a pedir silêncio também se distancia da imagem que transparece nos filmes. Contudo, e à semelhança dos estudos anteriores, prevalece a imagem do género feminino já com alguma idade, ou com idade indefinida.

Rocho (2007), no seu estudo sobre o estereótipo do bibliotecário no cinema, distingue cinco imagens diferentes do profissional que prevalecem nos filmes de 1930 a 2007. A representação do bibliotecário que predomina é a que Rocho intitula de “bibliotecário tradicional”, seguindo-se o “bibliotecário profissional”, o “bibliotecário ambíguo”, o “bibliotecário fantástico”, e por último, com menos relevância, o “bibliotecário informal” (Ver Tabela 3). A todas estas imagens, Rocho atribuiu características muito próprias, destacando o estereótipo de bibliotecário formal, conservador, rotineiro, anti-social e com pouco interesse pelo trabalho.

Ao contrário dos restantes autores, Rocho (2007), considera que a imagem do bibliotecário no cinema permaneceu com as mesmas características ao longo dos tem-

pos, que apenas foram adaptadas a um novo contexto, mas mantiveram predominantemente a essência de estereótipo negativo. Destaca ainda o peso da biblioteca nas características das próprias personagens, que são muitas vezes retratadas como pessoas inteligentes e extrovertidas fora do trabalho, e, quietas e contrariadas/insatisfeitas dentro da biblioteca.

Tabela 3. Representação do Bibliotecário no Cinema

Fonte: Rocho (2007), pag.72-76

Bibliotecário Tradicional	Pessoa formal, conservadora, rezinga, quieta, sem interesse pelo trabalho ou subestimando o trabalho que desempenha, rotineiro e com pouca ou nenhuma interação com o utilizador. Feminino: Mulher com idade avançada, veste roupas tradicionais, cabelo preso, normalmente em coque, severa, mal-humorada, acomodada, acrítica, rotineira, rígida e sempre exigindo silêncio. Masculino: idade mais avançada, cabelo curto e grisalho, roupa formal, fato e gravata, óculos, postura intelectual, guardião de livros, mais zelo pelos livros que pela biblioteca, apego à rotina e monotonia.
Bibliotecário Profissional	Pessoa com interesse pelo trabalho, boa relação e comunicação com o utilizador, ágil, rápido, crítico, actualizado, boa formação profissional, com conhecimentos técnicos na biblioteconomia, administração e gestão, trabalha de forma integrada e globalizada na comunidade onde se insere. Feminino: mulher jovem, com roupa de moda da época, atraente, cabelo longo e solto, descontraída, profissional e interesse pelos serviços desempenhados. Masculino: homem adulto, vestido de forma formal, fato e gravata, polido, flexível, ágil, ligado às tecnologias.
Bibliotecário Ambíguo	Pessoa tímida, quieta, rotineira, sem interesse pelo trabalho e pelos utilizadores, veste-se de forma recatada e tradicional, apesar de ser jovem e bonita. Vida profissional monótona, vida social activa, alegre, interessante, sensual e atraente fora da biblioteca.
Bibliotecário Fantástico	Pessoa imaginária, imagem distante da realidade, com uma nova aparência e novas habilidades físicas e mentais. Não é um tipo de imagem rígida, podendo ir buscar características a outros grupos de estereótipos. É retratado como um super-herói possuindo habilidades sobrenaturais.
Bibliotecário Informal	Pessoa sem qualificação profissional, trabalha na biblioteca por algum motivo e adquire amor pelos livros e pelo trabalho. É o tipo de estereótipo que menos se encontra retratado.

A dimensão e impacto da cultura cinematográfica no público parecem despertar algum interesse e maior preocupação por parte de vários autores que se dedicam ao estudo da imagem do bibliotecário em filmes; daí a crescente produção e publica-

ção de artigos e trabalhos de investigação neste campo. Destacam-se, na grande maioria dos artigos, alguns filmes pela sua pertinência e pelo destaque que atribuem à personagem (Tabela 4).

Tabela 4. Listagem de filmes com referência a bibliotecários

<i>It's a Wonderful Life</i> (1946) E.U.A.	<i>With Honors</i> (1994) E.U.A.
<i>Ma and Pa Kettle at Home</i> (1954) E.U.A.	<i>Party Girl</i> (1995) E.U.A.
<i>Desk Set</i> (1957) E.U.A.	<i>City of Angels</i> (1998) E.U.A.
<i>The Musician Man</i> (1962) E.U.A.	<i>The Mummy</i> (1999) E.U.A.
<i>The Last American Virgin</i> (1982) E.U.A.	<i>Billy Elliot</i> (2000) Inglaterra
<i>Sophie's Choice</i> (1982) E.U.A.	<i>The Time Machine</i> (2002) E.U.A.
<i>Ghostbusters</i> (1984) E.U.A.	<i>The Emperor's Club</i> (2002) E.U.A.
<i>Der Name der Rose</i> (1986) E.U.A.	<i>The Day After Tomorrow</i> (2004) E.U.A.
<i>Indiana Jones and the Last Crusade</i> (1989) E.U.A.	<i>The Librarian</i> (2004, 2006, 2009) E.U.A.
<i>Stanley & Íris</i> (1990) E.U.A.	<i>Ágora</i> (2009) Espanha
<i>Philadelphia</i> (1993) E.U.A.	<i>The Twelve Trees of Christmas</i> (2013) E.U.A.

Todavia, o próprio conceito de bibliotecário no cinema não está bem definido, pelo que muitas vezes somos dissuadidos de considerar qualquer pessoa que trabalhe na biblioteca como bibliotecário, algo que não corresponde à realidade. Walker e Lawson (1993) chamam a atenção para a confusão com o conceito de bibliotecário nos filmes em estudo, principalmente nos filmes onde o papel desempenhado pelo bibliotecário é diminuto.

2.2. NA LITERATURA

À semelhança do cinema, a literatura consta como um importante meio difusor e criador de imagens. Através dela, podemos também ter a percepção de como o bibliotecário é visto pelos autores, que constroem suas personagens a partir do imaginário colectivo e do senso comum.

Em 1996, Elliott lançou um estudo dedicado ao estereótipo do bibliotecário em romances. Neste estudo, foram analisadas 25 obras entre os anos 1980 e 1995, à luz de cinco categorias: Informação Geral, Aparência, Traços Pessoais, Traços Profissionais e Conhecimento Escolar, Geral e Técnico. Concluiu-se que a imagem da profissional retratada era atractiva e educada, bem vestida, e com um gosto pela profissão, além de vários interesses na vida extra-biblioteca, salientando-se também os salários confortáveis. Uma imagem muito diferente do estereótipo tradicional; todavia, a presença constante do sexo feminino na profissão e a personalidade calma e silenciosa são bastante marcadas nos romances por serem consideradas características irresistíveis. Esta imagem optimista que transparece nos romances estudados por Elliott conduz à versão de bibliotecária ligada a relacionamentos amorosos, vista como uma parceira amorosa sensual e atraente. No entanto, a autora ressalva a ideia de que, apesar da imagem dos romances estar longe do estereótipo tradicional, o grande dano terá sido concretizado por Melvil Dewey, o qual ao referir-se ao bibliotecário como “rato de biblioteca”, produziu uma imagem que, verdadeira ou falsa, ficou e vive até aos nossos dias.

Dois anos mais tarde, Myers (1998) realizou um estudo sobre a imagem do bibliotecário na literatura de fantasia e ficção, cujo objectivo central seria avaliar se a imagem que prevalecia nas obras analisadas era positiva ou negativa. O resultado apontou para uma prevalência de obras com uma imagem positiva do bibliotecário, gozando geralmente de um alto status.

Mais recentemente, Jacobsen (2010), analisou as imagens de bibliotecários de 25 obras de literatura de ficção, concluindo-se que prevalece a imagem do sexo feminino, tal como verificado anteriormente, mas mais uma vez, na sua grande maioria, foi apresentado como um profissional simpático e preocupado com o utilizador e, curio-

samente, desempenhando funções de atendimento ao balcão de uma biblioteca pública.

Apresentaremos, de seguida, um exemplo bem português de literatura juvenil, “Uma Aventura na Biblioteca” (Magalhães & Alçada, 2011). Nesta obra, a bibliotecária representa um papel importante na acção e é descrita da seguinte forma:

Ele piscou um olho e indicou a bibliotecária, que de facto era muito bonita. Alta, magra, com uma cabeleira ruiva, rija e brilhante, algumas sardas no nariz arrebitado e uns enormes olhos verdes, sorria por trás dos óculos redondinhos para um rapaz de camisola preta. (...) Enquanto falava ia abrindo e fechando gavetas. Distribuiu papéis, deu informações necessárias, emprestou canetas a quem não tinha, tudo muito depressa e sem perder o sorriso porque, além de bonita, era despachada e simpática. (Magalhães & Alçada, 2011, pp. 8-9)

Uma bibliotecária jovem, bonita e simpática, com um certo dinamismo e foco no atendimento ao utilizador, ao contrário do previsto pelo estereótipo tradicional. Porém, mais uma vez, é apresentada uma bibliotecária onde o drama se desenrola com um relacionamento amoroso, sem fazer esquecer o inevitável uso de óculos.

Também na obra *Bernardino Traquinas* (Steiner, 2010), do Plano Nacional de Leitura, a bibliotecária é descrita da seguinte forma:

A bibliotecária, a senhora Cláudia, acolheu-o com um grande sorriso e cumprimentou-o como se o conhecesse há anos. (...) A senhora Cláudia era bastante jovem, loura, com os cabelos não muito curtos, os olhos azuis amigáveis, um largo sorriso, e usava um par de calças e um camisolão. Com tal aspecto não tinha certamente o ar enfadonho de rato de biblioteca... (Steiner, 2010, pp. 41-42)

Mais uma vez, a bibliotecária na literatura juvenil é retratada com uma imagem simpática e bem diferente do estereótipo, algo que a autora curiosamente salienta como não tendo o “ar enfadonho de rato de biblioteca”.

Note-se que nestes estudos prevalece a ideia de uma imagem feminina mas com características bem diferentes das apontadas pelo estereótipo tradicional. Normalmente, apresentam-se como profissionais simpáticos e activos no local de trabalho.

2.3. NA PUBLICIDADE

As campanhas publicitárias também não deixam escapar a imagem do bibliotecário. Desde carros a bebidas alcoólicas, a imagem do bibliotecário é usada de forma cômica e apelativa para o público.

É, sobretudo, também nesta área que o bibliotecário atinge formas muito mais diversificadas e mais “extremistas”. Quem não se recorda do spot publicitário da Mercedes Benz E-Klasse (2009)? Apesar do foco estar no estereótipo da loira que se dirige ao balcão, o facto é que é impossível não reparar no jeito desmazelado e sério da bibliotecária (ver Ilustração 4).



Ilustração 4. Spot publicitário da Mercedes Bens E-Klasse
Fonte: (Mercedes-Benz Class E, 2009)

Para Dodds (2009), a imagem do bibliotecário é facilmente identificada pelo público e por esse mesmo motivo é que optam por usá-la nas campanhas publicitárias, para fazer passar a mensagem ao maior número de pessoas possível. Porém, uma vez que o objectivo principal está na venda dos produtos, as campanhas não focam as capacidades do bibliotecário e sim características individuais como autoridade, seriedade, desconfiança, e, sobretudo, o zelo pelo silêncio. No seu estudo sobre as campanhas publicitárias, Dodds (2009) dá a conhecer várias imagens que foram usadas na publicidade, nas quais prevalece o estereótipo intitulado de “*Frumpy Shusher*”⁶, pelo ar desmazelado e pelo modo como se apresenta com o indicador a exigir silêncio. Em muitos dos casos apresentados, a bibliotecária, geralmente do sexo feminino, é representada vestida de forma antiquada, com óculos e ar sério.

⁶ Expressão que se refere à imagem de bibliotecária desmazelada na maneira de vestir (Frumpy) e retratada com a constante expressão de indicador apontado exigindo silêncio, vocalizado no famoso *Shhh!* (Shusher).

Para além deste estereótipo tradicional, várias campanhas optam pela imagem sensual e misteriosa da profissão, com alguma conotação sexual, como a campanha da *Bacardi*, com a célebre frase “Librarian by day, Bacardi by night” (ver Ilustração 5). E mais uma vez a constante dicotomia entre as duas imagens estereotipadas da profissão, aqui representadas de forma exagerada, porque o que se destaca, vende. O marketing utilizado para a venda de produtos acaba por fazer uma campanha inversa à profissão, ou, numa perspectiva mais optimista, fazem campanha simultânea à profissão, como geralmente se diz na gíria popular “*falem bem ou mal, mas falem*”.

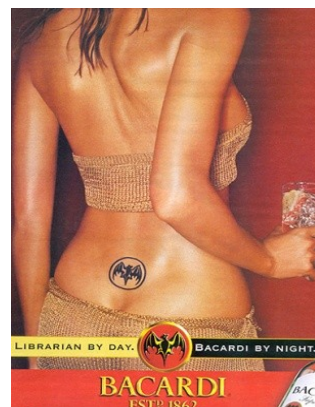


Ilustração 5. Cartaz publicitário da Bacardi "Librarian by day, Bacardi by night"

Fonte: (Dodds, 2009)

Mostrando agora um exemplo bem português: no Verão de 2005, a Lipton lançou um anúncio televisivo intitulado “*Time Out: uma pausa das que valem a pena*”, gravado na Biblioteca Municipal José Saramago, em Loures. Uma biblioteca escura, de cores frias, onde o silêncio prevalece até que um grupo de jovens, de forma bastante barulhenta, decide fazer uma pausa com – claro está – Ice Tea. Os seus festejos são, então, interrompidos pelo famoso *Shhh!* da bibliotecária de serviço (ver Ilustração 6).



Ilustração 6. Imagem da bibliotecária do anúncio da Lipton Ice Tea

Fonte: (Lipton Ice Tea, 2005)

Voltemo-nos agora para a imagem da bibliotecária: jovem, bonita, calma, de cabelo solto, vestida com cores alegres - e de óculos. O seu ar severo perante o incumprimento de regras do grupo de rapazes é depois suavizado quando lhe é oferecido – mais uma vez – o Ice Tea. No final do anúncio, a bibliotecária é vista saborear a bebida. Neste anúncio, destacam-se três aspectos que caracterizam o estereótipo em torno da

imagem do bibliotecário: é uma mulher, usa óculos, e o sinal de *Shhh!* Contudo, parece-nos uma imagem já com muitos pontos de discórdia relativamente ao estereótipo tradicional.

Dedicadas à difusão pública de ideias, as campanhas publicitárias chegam a uma vasta audiência e podem desencadear efeitos incontornáveis e memoráveis na criação e associação de imagens e marcas. Basta recordar o nome Chiclete, uma marca de pastilhas elásticas, que agora é muitas vezes atribuído ao produto em si. Um outro exemplo de campanhas publicitárias marcantes está na célebre frase “o que é Nacional é bom”, que rapidamente conseguimos associar aos produtos comercializados pela marca Nacional. Estas estratégias de marketing tornam-se tão intensas e fortes que criam imagens, formulam ideias e implementam “verdades” que se perpetuam durante longos períodos de tempo. Faz, pois, sentido dedicar uma atenção especial à imagem que este tipo de comunicação em massa deixa transparecer do bibliotecário – ou melhor dizendo, *da bibliotecária*, uma vez que o imaginário popular reflectido pela publicidade remete quase exclusivamente para o sexo feminino.

CAPÍTULO 3 – O ESTEREÓTIPO VISTO PELOS BIBLIOTECÁRIOS

It seems that every profession has a natural interest in its universal image and a tendency toward self-examination. (...) For all of this professional navel-gazing, there seems to be no profession as preoccupied with self-examination as that of librarianship.

(Arant & Benefiel, 2002)

Durante anos, tem persistido a discussão em torno do estereótipo do bibliotecário. É como se esta classe profissional vivesse assombrada por uma imagem que muitos encaram como ataques pessoais, enquanto outros a utilizam como estratégia de marketing. Estarão os bibliotecários a ser vítimas desta imagem estereotipada ou vítimas apenas das suas preocupações infundadas? Por todo o mundo, inúmeros bibliotecários se mobilizam em busca de um maior reconhecimento profissional, querendo acabar com a imagem enraizada da bibliotecária tradicional nada atractiva, extremamente tecnicista e monótona. Disseminam-se nas redes sociais campanhas e “gritos de revolta” com vista a mostrar como é na realidade um bibliotecário, e como deve ser visto.

Desde 1997, quando ingressou na universidade, que Kneale se deparou com a falta de informação que a sociedade tem do profissional bibliotecário e, pouco tempo depois, abria guerra directa contra o estereótipo em torno da imagem do mesmo. Após diversas publicações de artigos e a manutenção de um blogue sobre o tema, Kneale publica o seu livro *“You don’t look like a librarian”*, onde relata as mais variadas experiências de bibliotecários de diferentes partes do mundo que partilham a ideia de que o estereótipo persiste na sociedade actual e mantém os seus reflexos externos, mas, sobretudo, internos do profissional, que não vê reconhecidas as suas valências (Kneale, 2009). Kneale tornou-se das vozes mais sonantes no combate ao estereótipo no universo *online*, encabeçando e dando voz a um grupo de profissionais com as mesmas preocupações.

Porém, não é a única autora com papel activo no combate ao estereótipo. No Brasil, o blogue *Bibliotecários sem Fronteiras* (Barros, 2002) tem sido uma ferramenta com grande impacto no combate ao estereótipo em torno da imagem do bibliotecário. O uso da criatividade e, sobretudo o uso do humor, na abordagem a este tema são

características que ressaltam assim que navegamos um pouco pelos artigos publicados no blogue. Um bom exemplo está na apresentação feita de um dos seus autores:

Moreno é bibliotecário do Centro de Tecnologia da UFRJ. Graduado pela UFF, mestre em Ciência da Informação pelo IBICT e doutorando em História das Ciências na UFRJ. Mas nada disso vai importar depois do apocalipse robótico. (Barros, 2002)

Logo de seguida, o autor enumera listas de músicas que ouviu, chefes que teve, fotos, fofocas, e até comicamente, filmes que pirateou e coisas que guarda para ler, mas nunca lê. O humor está presente em toda a apresentação e, de uma forma simples, atractiva e animada, mostra o seu lado pessoal, jovem, dinâmico e bastante divertido. No mesmo blogue, foi organizado um concurso para votar nos dez bibliotecários mais “gatos” e nas dez bibliotecárias mais “gatas” do Brasil. O resultado já se fazia prever: jovens, atraentes, bonito(a)s, alegres e com bom humor. Óculos? Só mesmo óculos de sol, e ninguém parece usar cabelo preso em coque. É uma ruptura do estereótipo tradicional e a mostra de uma imagem renovada dos bibliotecários, a busca por uma visão mais adequada da sociedade, que começa a olhar para os profissionais como pessoas comuns, com gostos diferentes, maneiras de estar na vida diferentes, e apenas partilhando o gosto pela profissão.

Recentemente, A. Oliveira viu publicado o seu trabalho *“Estereótipo Bibliotecário: o profissional da informação no contexto da sociedade contemporânea”*, onde analisa os principais factores de criação do estereótipo. A. Oliveira considera persistir a imagem de “velhinha, mal-encarada, recalcada, de uma verdadeira bruxa protectora de livros, que trabalha no covil escuro e silencioso, repreendendo qualquer manifestação sonora” (Oliveira, 2012, p. 11) e que, por isso, os bibliotecários devem desenvolver estratégias de mudança da imagem em busca de uma valorização profissional. Hoje em dia, vivendo-se num mundo de aparências onde a imagem “vale mais que mil palavras”, os profissionais de biblioteca estão cada vez mais conscientes da importância que a sua imagem profissional pode trazer para o reconhecimento das suas valências e capacidades. Para A. Oliveira estão também conscientes do problema que o estereótipo lhes traz nas estratégias que estabelecem para a mudança de imagem, pelo que se vêem multiplicados os trabalhos e estudos dedicados ao tema, com vista a minimizar o prejuízo causado.

Roggau (2006) apresenta-nos uma visão mais optimista do futuro da imagem do bibliotecário. Para a autora, as mudanças que se têm sentido recentemente nas funções do bibliotecário enquanto profissional de informação, as capacidades e conhecimentos que se tornam indispensáveis ao exercício da função, poderão desencadear impactos profundos no público que, melhor informado, repensará e se questionará sobre as ideias pré-concebidas em torno da imagem do bibliotecário. O caminho a ser percorrido passa por uma sociedade mais informada, e, para Roggau, esse caminho já está a ser feito. Já Brewerton (2001) coloca um maior peso de responsabilidade nos próprios profissionais de informação, ao defender que parte da solução da falta de informação da sociedade está nas atitudes dos bibliotecários que devem passar a mensagem, por todos os meios disponíveis, de que já não vivemos no século XIX, pelo contrário são uns assumidos apaixonados pela profissão, e qualquer um pode ter aptidão por ser bibliotecário, mesmo os que usam tatuagens e piercings, os divertidos e activos. O mesmo autor defende campanhas de marketing profissional através da divulgação de uma imagem mais ajustada do profissional de biblioteca actual, para que a sociedade questione e altere a imagem antiquada com que muitas vezes descreve estes profissionais.

No entanto, alguns autores consideram que a percepção que os bibliotecários têm uns dos outros pode assumir maior importância do que a percepção que a sociedade tem sobre os profissionais, em parte por interferir com a harmonia nas relações profissionais e, conseqüentemente, a auto-realização profissional. Gordon (2006) relata alguns depoimentos de bibliotecários mais jovens, que dizem ser alvo da falta de reconhecimento por parte dos colegas mais velhos, os quais não lhes atribuem competências para a execução do cargo, e da visão que estes bibliotecários mais novos acabam por assimilar em relação aos colegas mais velhos, por os considerarem fechados e pouco abertos a novas ideias, dando assim asas à criação de estereótipos. Se estas imagens estereotipadas estão presentes mesmo no seio da profissão, como podem os bibliotecários defender-se das imagens externas?

Mergulhando nos imensos artigos publicados em torno do tema, podemos distinguir os bibliotecários que se queixam activamente da imagem enraizada na cultura popular, que procuram respostas e declaram guerra aberta ao estereótipo, e os que descontraidamente desvalorizam essa imagem e defendem que nos devemos aceitar

como somos, como o caso de King (1999), que, no seu artigo “Image is everything”, incita os bibliotecários a relaxar e a criarem soluções para o problema de imagem (caso exista!), assumindo a sua imagem tal como ela é. Só assim o público perceberá que, tal como nas outras profissões, os bibliotecários não são todos iguais.

Apesar do apelo à desvalorização da imagem, o facto é que muitos autores continuam a apelar à tomada de iniciativas que promovam a profissão e informem a sociedade da verdadeira imagem do bibliotecário. No entanto, acções isoladas não se mostram suficientes para resultar num maior reconhecimento e valorização profissional, pelo que se propõe a abordagem do marketing profissional no desenvolvimento de projectos conjuntos com o meio académico (instituições de nível superior) e órgãos locais ligados à actuação profissional (Conselhos, Ordens, Associações, Sindicatos, etc.), para que as campanhas desenvolvidas atinjam um maior alcance (Fraga, Mattos, & Cassa, 2008).

Um exemplo de campanha de marketing profissional de longo alcance está no documentário “The Hollywood Librarian”, da autoria de Seidl, apresentado nos E.U.A. em 2003. O objectivo era dar a conhecer como são na realidade os bibliotecários, mostrar a sua importância na sociedade e quebrar de vez os laços com o estereótipo. O documentário, de 96 minutos, contou com a colaboração de vários bibliotecários que, numa entrevista, se apresentaram e deram a conhecer as suas características não só profissionais, mas também pessoais. Para Seidl (citada por Hughes, 2003):

By comparing the image we see on screen with real librarians in interviews, we will be able to show the diversity of the women and men of our profession and the fascinating places that real libraries are today. I’m going to take the stereotype out of Hollywood and use it as a pretext (okay, bait) to look at the history of librarians and libraries in America as well as our future.⁷

Uma outra iniciativa deste género está no blogue criado por Pagowsky (2012), que se dedica à divulgação de novas e verdadeiras imagens dos bibliotecários, solicitando-lhes que publiquem imagens suas, para mostrar a sua forma de vestir, de maneira a quebrar com os estereótipos de bibliotecária de roupa antiquada. Mais recentemente, em Fevereiro de 2012, Newman e Howeron criaram um projecto idêntico,

⁷ Ao comparar imagens que vemos no ecrã com verdadeiros bibliotecários em entrevistas, temos a oportunidade de mostrar a diversidade de homens e mulheres da nossa profissão e os lugares fascinantes que as bibliotecas realmente são. Vou pegar no estereótipo de Hollywood e usá-lo como pretexto (ok, “isco”) para olhar para a história dos bibliotecários e das bibliotecas na América assim como para o nosso futuro. (Tradução de autor)

desafiando o estereótipo, ao incitarem os bibliotecários a publicarem fotos suas na página com o intuito de se darem a conhecer como realmente são, intitulado a página de *“This is what a librarian looks like”* (Newman & Howeron, 2012). Procuraram assim mostrar as mais diversas valências de que dispõem, as mais variadas imagens físicas e uma heterogeneidade de maneiras de estar na vida, como que uma tomada de posição: estes somos nós, tão diferentes e ao mesmo tempo tão iguais a ti.

Em Portugal, tem-se assistido nos últimos anos a uma preocupação crescente com a imagem transparecida para a sociedade, e, por esse mesmo motivo, em 2005, surgiu o Observatório da Profissão de Informação-Documentação (OP-ID) com o objetivo de analisar a evolução da profissão à luz da nova realidade da Sociedade de Informação, contribuindo para a criação de iniciativas de promoção profissional junto das instituições públicas e privadas (Ochôa & Barata, 2010). Foi nesse sentido que, em 2006, se publicou o trabalho *“A imagem das competências dos profissionais de Informação-Documentação: relatório”*, que representa o mais completo retrato nacional da profissão.

Mas porquê esta preocupação em torno da imagem do bibliotecário?

Ochôa e Barata (2010) defendem que sociedades com uma forte tradição de leitura nas práticas culturais costumam atribuir à profissão de bibliotecário um valor social superior ao que lhe é atribuído noutras sociedades e, por esse mesmo motivo, em Portugal sente-se esta necessidade de incutir na sociedade um maior reconhecimento social. Daí a importância da promoção da imagem da profissão, sendo este um imperativo para garantir o reconhecimento social.

A imagem do bibliotecário acaba por ter um certo impacto no seu bem-estar profissional. Os bibliotecários, hoje em dia, à semelhança das restantes profissões, são desafiados a mostrar as suas capacidades e a provar a sua mais-valia para a instituição na qual trabalham. São constantemente julgados pelas percepções que os outros têm deles enquanto profissionais, e essas percepções são concebidas com a imagem que transmitem. Para Blackwelder e Dimitroff (1996) já não basta ignorar as imagens negativas do estereótipo: se são entendidos pelo que deixamos transparecer junto dos utilizadores, então parte da mudança está nos próprios bibliotecários, e só poderão promover a sua imagem profissional como uma componente essencial nesta sociedade de informação se se sentirem como tal.

Num artigo intitulado *Self love and joy and satisfaction in librarianship* (Cram, 2005), a autora avalia a repercussões que a falta de reconhecimento profissional pode ter na saúde e bem-estar do profissional e que, por isso mesmo, deve-se olhar o estereótipo como uma piada. Ele existe, ele está presente, mas não se deve focar na aparência, personalidade, status e salário que a imagem pode acarretar, mas perceber que os profissionais são reconhecidos pela sociedade, pela respectiva credibilidade. O problema central está em si mesmos: Como se vêem enquanto profissionais? Como se vêem enquanto bibliotecários? A auto-imagem determina mais sobre si mesmos do que a imagem externa. Se o maior obstáculo são eles mesmos, a promoção das bibliotecas só será possível quando os bibliotecários mudarem a sua auto-imagem.

PARTE 2 – ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO 4 – NATUREZA DO ESTUDO E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Assim, o método é o conjunto das actividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objectivo – conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

(Marconi & Lakatos, 2007)

Este projecto de investigação, que pretende conhecer a auto-imagem dos bibliotecários de bibliotecas públicas em Portugal, prende-se, sobretudo, com uma necessidade sentida pela autora, no decorrer das funções como bibliotecária de uma instituição de ensino superior, de contribuir para a divulgação de uma imagem mais ajustada dos profissionais da informação, à semelhança de estudos já realizados no Brasil e nos E.U.A.

A revisão de literatura apresentada na primeira parte da dissertação constituiu a base teórica que sustenta o problema de investigação, sendo no presente capítulo, por sua vez apresentados os objectivos e a metodologia que norteia este projecto.

Num estudo de natureza descritiva, optou-se por realizar uma abordagem segundo o método de investigação quantitativo, com vista a mais adequadamente responder às questões de investigação, comprovar ou refutar as hipóteses e atingir os objectivos. Para este processo sistemático de colheita de dados quantificáveis, recorreu-se a um inquérito por questionário; no entanto, usou-se como recurso posterior as entrevistas semi-estruturadas, para um aprofundamento de algumas questões, funcionando assim como complemento informacional dos dados resultantes dos inquéritos.

Recorreu-se ao software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 20.0 for Windows, para uma análise aos resultados quantitativos obtidos, e, para apresentação dos resultados, recorreu-se à estatística descritiva com as medidas de tendência central, como o valor médio e a moda.

4.1. QUESTÕES E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO

A questão preliminar que impulsionou este estudo resultou na seguinte pergunta de partida:

Qual é a auto-imagem profissional dos bibliotecários a desempenhar funções em bibliotecas públicas em Portugal?

Desta pergunta inicial, surgiram um conjunto de questões específicas:

- A auto-imagem profissional está relacionada com a visão que os bibliotecários acreditam que a sociedade tem deles?
- Qual a visão que eles acreditam que os outros têm deles, e qual a importância que atribuem a essa imagem?
- Será que os bibliotecários se preocupam com a sua imagem profissional?

Para responder a estas perguntas consideraram-se as seguintes hipóteses:

H1: Os bibliotecários mostram ter uma auto-imagem profissional positiva.

H2: Existe uma contradição entre a auto-imagem profissional e a auto-imagem social, ou seja, a imagem que os bibliotecários acreditam que a sociedade tem deles.

H3: Os bibliotecários em Portugal acreditam que a sociedade actual tem uma imagem distorcida e estereotipada da realidade profissional dos bibliotecários.

H4: Os bibliotecários consideram importante para a promoção profissional a imagem que a sociedade actual tem da profissão.

H5: Existe uma preocupação moderada dos bibliotecários com a sua imagem profissional.

4.2. OBJECTIVOS

Formulado o objectivo geral deste projecto, conforme já indicado anteriormente, que se centra na procura para uma contribuição na divulgação de uma imagem mais ajustada dos bibliotecários, foi delineado um conjunto de objectivos específicos:

- Conhecer a auto-imagem profissional dos bibliotecários em Portugal;
- Identificar as características mais comuns nesta profissão;

- Identificar como os bibliotecários portugueses avaliam a imagem que a sociedade actual tem da profissão;
- Conhecer a opinião dos bibliotecários portugueses em relação ao estereótipo do bibliotecário;
- Conhecer as iniciativas de promoção da imagem desenvolvidas pelos bibliotecários em Portugal.

4.3. CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DE ESTUDO

De acordo com a natureza deste estudo de investigação, o universo alvo é formado pelo conjunto de bibliotecários a desempenhar funções em bibliotecas públicas em Portugal.

Entenda-se por bibliotecário, neste estudo, técnicos com formação superior que, de acordo com o ponto 1 do Artigo 5º do Decreto-Lei nº 247/91, de 10 de Julho⁸, sejam titulares de uma das seguintes habilitações, independentemente da categoria profissional desempenhada:

- a) Licenciatura, complementada por um dos cursos instituídos pelos Decretos n.º 20 478 e 22 014, respectivamente de 6 de Novembro de 1931 e de 21 de Dezembro de 1932, e pelos Decretos-Leis n.º 26 026 e 49 009, de, respectivamente, 7 de Novembro de 1935 e 16 de Maio de 1969;
- b) Curso de especialização em Ciências Documentais, opção em Documentação e Biblioteca, criado pelo Decreto-Lei n.º 87/82, de 13 de Julho, e regulamentado pelas Portarias n.º 448/83 e 449/83, de 19 de Abril, e 852/85, de 9 de Novembro;
- c) Outros cursos de especialização pós-licenciatura na área de Ciências Documentais de duração não inferior a dois anos, ministrados em instituições nacionais de ensino universitário;
- d) Cursos ministrados em instituições estrangeiras reconhecidos como equivalentes aos mencionados nas alíneas precedentes.”

Além das habilitações mencionadas no Decreto-lei, são, também, considerados para estudo os titulares de licenciatura em Ciência da Informação ou similares, assim como dos anteriores Bacharelatos.

Para ter acesso à proporção do Universo em estudo, procedeu-se ao levantamento das bibliotecas públicas e municipais em Portugal, a partir do Directório de Bi-

⁸ Diploma não vigente, mas cujos requisitos de acesso à profissão não caducaram com o Decreto-Lei n.º 121/2008, de 11 de Julho, que integra as carreiras de Técnico Superior e de Técnico-Adjunto de Biblioteca e Documentação em carreiras únicas e gerais de Técnico Superior e Assistente Técnico.

bibliotecas em Portugal⁹, da informação disponível no sítio web da DGLB¹⁰ (entretanto reestruturado, designando-se agora por DGLAB) e das páginas oficiais dos municípios. Foram, portanto, contactadas um total de 304 bibliotecas, via telefónica e/ou electrónica, das quais se contabilizou um total de 590 profissionais com as especificações pretendidas para este estudo.

A partir dos dados recolhidos, foi possível a representação gráfica espacial do Universo de estudo, conforme representado na Ilustração 7.

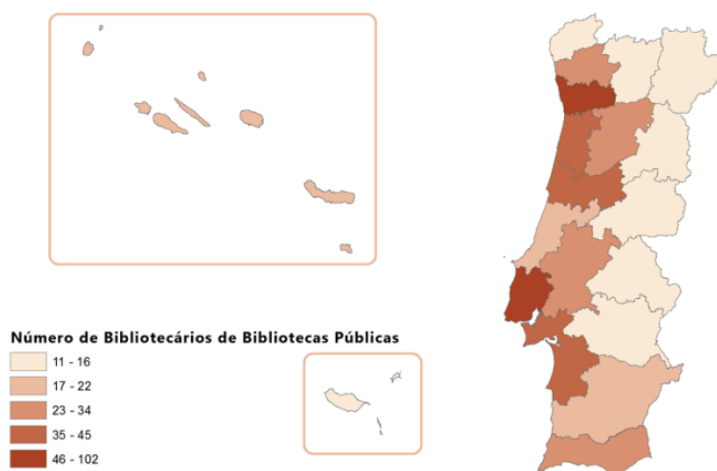


Ilustração 7. Mapa representativo da distribuição da População em estudo

4.4. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Tal como referido no início do presente capítulo, com a finalidade de garantir a fidelidade e validade dos dados do processo, optou-se pela utilização de dois instrumentos de pesquisa que, embora distintos, se complementam. Numa primeira fase, e para uma recolha de dados quantitativos para o estudo das variáveis mensuráveis, recorreu-se a um inquérito por questionário. Posteriormente, aplicaram-se entrevistas semi-estruturadas, como instrumento de recolha de informações mais precisas e aprofundadas sobre opiniões e atitudes dos entrevistados.

⁹ Ferramenta colaborativa em linha, em formato wiki, da responsabilidade de Fernando Vilarinho, que visa a criação de um directorio actualizado com a informação relevante de todas as bibliotecas públicas em Portugal. Acessível em WWW: <URL: <http://bibliotecas.wetpaint.com/>>

¹⁰ A Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas disponibiliza uma lista de contactos das bibliotecas públicas municipais incluindo as pertencentes à Rede Nacional de Bibliotecas Públicas.

4.4.1. Variáveis

Foi delineado um conjunto de variáveis, que seriam posteriormente abordadas nos instrumentos de recolha de dados. Como resultado deste processo, elaborou-se um pequeno quadro onde se definiram as variáveis e os métodos de recolha (ver Tabela 5).

Tabela 5. Variáveis em estudo

Grupo	Variáveis	Questionário	Entrevista
Caracterização	Género	X	
	Idade	X	
	Estado Civil	X	
	Habilitações académicas	X	
	Vínculo Contratual ¹¹	X	
	Designação da profissão	X	
Auto-imagem	Características psicológicas (Comportamento; Aptidões; Atitudes; etc)	X	
	Características físicas (uso de óculos; vestuário; penteado; modificações corporais)	X	
	Interesses / Passatempos	X	
Auto-imagem social	Percepção que acha que os outros têm da profissão de bibliotecário (características físicas; características psicológicas – as mesmas abordadas na auto-imagem)	X	
	Opinião sobre estereótipo (positivo/negativo/indiferente; existe/não existe)		X
	Importância da imagem do bibliotecário		X
	Iniciativas de combate ao estereótipo		X
Realização profissional	Satisfação com a actividade profissional (rendimento; cargo; etc.)	X	

4.4.2. Questionários

Para a obtenção de informação para as variáveis de cariz factual, foi eleito como instrumento de recolha de dados um inquérito por questionário, por se tratar de um instrumento de excelência na recolha de dados quantificáveis. A maior vantagem deste instrumento está na sua flexibilidade no que concerne à estrutura, forma e aplicação, permitindo uma recolha de dados preenchidos pelos próprios participantes, sem intervenção do investigador (Fortin, 2009).

¹¹ De acordo com a Lei n.º 12-A/2008, de 27 de Fevereiro.

Na criação deste questionário, foi utilizada a plataforma *LimeService* (serviço em linha disponibilizado pelo programa de fonte aberta de criação de questionários *LimeSurvey*), por dispor de uma vasta gama de tipos e formas de questões, permitindo flexibilidade na escolha das questões colocadas e sobretudo possibilidade de recurso a imagens para transmissão de ideias. O serviço disponibilizado pelo *Limesurvey* mereceu-nos uma atenção especial por fornecer uma plataforma bastante completa, a qual permite explorar uma diversidade de ferramentas de administração e análise, bem como a exportação dos dados em diversos formatos, nomeadamente SPSS, para posterior tratamento estatístico.

Procedeu-se, então, à realização de um pré-teste para avaliação e validação do instrumento de pesquisa a um pequeno grupo, segundo uma amostra por conveniência, sem que os dados adquiridos nesta amostra façam parte oficialmente do estudo. No decorrer deste pré-teste, que teve a duração de três semanas, foi avaliado o tempo de resposta, as questões ambíguas e a pertinência de cada questão, tendo sido realizadas algumas alterações no final, por indicação e recomendação dos participantes.

Para a construção do questionário, procedeu-se a um estudo preliminar de revisão de literatura para definir a natureza dos dados a recolher, tendo em conta as variáveis estabelecidas pelas questões e hipóteses de investigação. Com a informação recolhida, formularam-se as questões, considerando os seguintes princípios (Fortin, 2009):

- Devem ser facilmente compreensíveis, claras e concisas;
- Devem evitar exprimir mais que uma ideia ou conter dupla negação;
- Devem ser pertinentes e actuais, excluindo questões de carácter pejorativo ou tendencioso.

De seguida, procurou-se avaliar o tipo de resposta adequada à pergunta, o tipo de escala a usar para as respostas e os métodos mais adequados para a análise dos dados, de forma a melhor obter não só dados concretos mas também opiniões e percepções dos inquiridos (Hill & Hill, 2009).

Na sua estrutura, o questionário (Ver ANEXO 1 e ANEXO 2) é composto por quatro grupos de questões:

- Caracterização: Dados pessoais, para determinar o género, idade, estado civil, habilitações académicas, vínculo contratual e designação que atribui à profissão, com o intuito de recolher informação sobre o perfil do participante;
- Auto-imagem: para conhecer quais as características físicas e psicológicas com as quais os participantes se identificam;
- Auto-imagem social: para obter dados sobre a percepção dos participantes em relação à imagem que a sociedade tem deles enquanto profissionais de biblioteca;
- Realização profissional: para conhecer e analisar o nível de satisfação com a profissão.

A dimensão relativa do Universo permitiu que o instrumento de recolha de dados selecionado - o questionário - estivesse ao dispor de todos os bibliotecários do Universo de estudo de igual forma, através de formulário *online* enviado via correio electrónico, para os endereços institucionais ou pessoais disponibilizados pelos bibliotecários, e disponível de 14 de Novembro de 2012 a 31 de Janeiro de 2013; conseguiu-se assim obter um total de 194 respostas, ou seja, 32% do Universo de profissionais em estudo, correspondendo este valor à Amostra representativa da População, conforme representação geográfica patente na Ilustração 8.

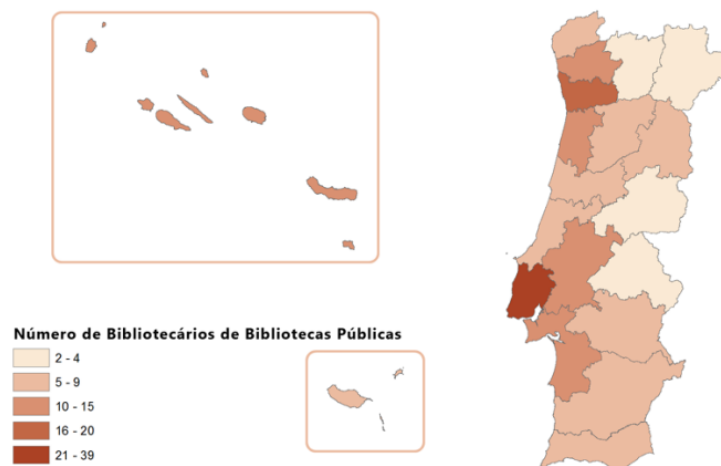


Ilustração 8. Mapa representativo da distribuição da Amostra

4.4.3. Entrevista Semi-estruturada

A entrevista, como instrumento de recolha de dados, permite um estreitamento da relação entre o investigador e o entrevistado, o que possibilita a recolha de dados mais precisos, também resultante da flexibilidade de que goza o investigador na colocação das questões. Consciente das limitações que este instrumento de recolha poderia apresentar, optou-se por utilizá-lo como complemento dos dados obtidos nos questionários, procurando manter imparcialidade e objectividade na colocação das questões.

A entrevista semi-estruturada pareceu ser a forma mais adequada ao presente estudo, pois pretendia-se obter informação pormenorizada e profunda sobre o tema, permitindo ao entrevistado exprimir os seus sentimentos e opiniões sobre a existência do estereótipo do bibliotecário. É dada uma relativa liberdade ao entrevistado, dado que este tipo de entrevista mais se assemelha a “uma conversa informal” (Fortin, 2009); no entanto, a flexibilidade permitida na colocação de questões é acompanhada constantemente por um guião pré-elaborado pelo entrevistador (ver ANEXO 3).

Neste estudo, o guião foi elaborado tendo em conta a divisão de variáveis feita anteriormente e, portanto, mereceu uma subdivisão em três blocos temáticos (opinião sobre existência ou não do estereótipo do bibliotecário; importância que o entrevistado dá à imagem que transmite enquanto bibliotecário; iniciativas de cuidado com a imagem ou de combate ao estereótipo).

Para delimitar o tamanho da amostra, optou-se por considerar uma divisão por zonas, entrando em contacto aleatoriamente com bibliotecários de diferentes zonas do território nacional: Norte-Sul-Centro, Continente-Ilhas, Litoral-Interior. A adesão por parte dos bibliotecários foi bastante positiva, pelo que foi necessário restringir a apenas dez elementos, abrangendo as várias zonas do território nacional.

Previamente, e via correio electrónico, o guião foi enviado aos entrevistados para que quaisquer dúvidas ficassem esclarecidas antes da entrevista, e para que indicassem as questões e temas relativamente aos quais não se sentiam à vontade para responder.

Foi solicitado um contacto telefónico e a marcação prévia de data para a entrevista e, atendendo às normas éticas da investigação científica, assegurou-se a confidencialidade dos dados recolhidos e o anonimato dos respondentes.

Com vista a salvaguardar o anonimato dos participantes, foi atribuída a cada bibliotecário uma letra do alfabeto, aquando da transcrição das entrevistas para uma melhor análise de conteúdo (ver ANEXO 4).

No momento da entrevista, o foco centra-se no entrevistado, pelo que a colecta de dados foi feita através de apontamentos por tópicos, à medida que a entrevista era realizada. Já na transcrição das entrevistas, realizada logo após os contactos telefónicos, tentou-se, sobretudo, distanciar-se do papel de entrevistador e assumir uma postura de interpretador de dados obtidos, deixando o foco de ser a interacção com o entrevistado e passando a ser o que foi ou não falado durante a entrevista.

Posteriormente, foi enviada uma cópia da transcrição aos entrevistados para que pudessem verificar a concordância com as informações lá transcritas, com a finalidade de obter dados mais fidedignos.

CAPÍTULO 5 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Após a recolha dos elementos de identificação através do questionário, e da transcrição das entrevistas, procedeu-se à sua análise, visando a resposta à questão de investigação: Qual a auto-imagem dos bibliotecários a desempenhar funções em bibliotecas públicas em Portugal?

Afinal como são os bibliotecários em Portugal? Existirá uma coerência nas características assumidas pelos bibliotecários em Portugal? Qual a sua auto-imagem? Como acham que a sociedade os vê? E que pensam eles desta discussão tão acesa noutros países em torno do estereótipo do bibliotecário? Estaremos à margem desta discussão?

Para uma melhor compreensão e uma resposta mais directa às questões de investigação, procedeu-se à subdivisão deste capítulo em três pontos distintos.

Num primeiro ponto, são abordadas as características dos bibliotecários em estudo, bem como a sua auto-imagem, como se vêem enquanto profissionais de biblioteca e quais as características que os inquiridos reclamam como descritivas de si mesmos. Segue-se um ponto dedicado à imagem que acreditam que a sociedade tem deles, isto é, a sua auto-imagem social, elementos que serão cruzados com o ponto anterior. Será que existe uma relação entre a imagem que os bibliotecários têm de si mesmos e a imagem que acreditam que os outros têm de si?

Um último ponto foi dedicado à realização profissional do bibliotecário português e à importância que atribui à imagem social do bibliotecário. Estarão os portugueses preocupados com a sua imagem profissional? Qual a posição dos bibliotecários portugueses relativamente à existência ou não do estereótipo da profissão?

5.1. AUTO-IMAGEM DOS BIBLIOTECÁRIOS EM PORTUGAL

Para uma melhor exposição dos resultados obtidos e melhor compreensão da auto-imagem dos bibliotecários em estudo, este subcapítulo está dividido em várias secções, sendo primeiramente abordadas as características gerais dos bibliotecários em estudo (Género, Idade, Estado Civil, Formação, Exercício Profissional), seguindo-se a Auto-imagem Psicológica e, posteriormente, a Auto-imagem Física.

a. Género

A partir dos valores observados, pode-se inferir que a amostra revela uma tendência para que a profissão de bibliotecário em bibliotecas públicas em Portugal seja desempenhada por indivíduos do género feminino, representando 77% do total da amostra, conforme se pode verificar no Gráfico 1. Este dados comprovam a predominância do sexo feminino na profissão e a estreita ligação com estereótipo do bibliotecário. O trabalho de biblioteca foi, durante muitos anos, desempenhado maioritariamente por mulheres por se considerar um trabalho rotineiro, tecnicista, simples e, por isso, em correlação com baixas remunerações salariais, sendo muitas vezes associado a um menor prestígio social (Pinto & Ochôa, 2006). Para isso, muito contribui a estratégia de Melvil Dewey que, em 1887, forma a primeira turma de *School of Library Economy*, na *Columbia University*, com a curta duração de quatro meses. Dewey é considerado por muitos autores como o impulsionador do arquétipo feminino em torno da figura de bibliotecário, isto porque viria a abrir portas ao curso a um grande número de mulheres, mesmo contra as ordens expressas dos curadores da Universidade, facto que esteve na base da sua demissão pouco tempo após a abertura do curso (Kremer, 2006). Numa altura em que as mulheres não eram muito bem aceites na comunidade académica e onde por vezes nem como leitoras poderiam frequentar bibliotecas, a acção de Dewey viria a ser um passo enorme não só na emancipação feminina como na consequente formação do estereótipo em torno da carreira (Kremer, 2006), tal como também nos é salientado por Carmichael (1996):

He had established a precedent in creating a pool of relatively cheap female labor, however, which would transform the character of librarianship over the next half-century.¹²

Este estereótipo associado ao género é, muitas vezes, ainda hoje, e em certos locais, discriminatório, acreditando-se que os mais altos cargos são desempenhados pelo sexo masculino. Vejamos o excerto extraído da entrevista com o *Bibliotecário A*:

Eu apresentava-me como a nova funcionária, e eles achavam que eu dependia do Curador do Museu, ou seja, eu tinha um Chefe Homem, aquele “armazém onde eu trabalhava cheio de livros” pertencia ao Museu!

No entanto, apesar do predomínio de mulheres, verifica-se também um crescimento considerável de profissionais do género masculino, facto que parece assinalar uma certa mudança da realidade profissional do bibliotecário em Portugal. Numa das entrevistas realizadas neste estudo, o *Bibliotecário F* refere que a entrada de homens no mercado de trabalho das bibliotecas, que anteriormente era dominada pelo sexo feminino, pode e tem vindo a contribuir para a mudança da imagem estereotipada da profissão no nosso país.

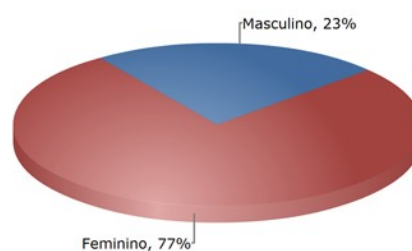


Gráfico 1. Distribuição da amostra relativa à variável género

b. Idade

No que concerne à idade dos inquiridos, existe uma grande predominância de bibliotecários com idade compreendida entre os 36 e os 45 anos de idade (40,7%), conforme se pode verificar no Gráfico 2. Fica para trás a ideia de velhinha, de cabelo branco, que o estereótipo tradicional nos costuma apresentar; no entanto, não se descarta a outra imagem de bibliotecária jovem, tantas vezes representada na literatura, especialmente na literatura juvenil portuguesa.

¹² Ele estabeleceu precedentes ao criar um reservatório de mão-de-obra feminina relativamente barata, no entanto, viria a transformar o carácter da biblioteconomia durante o próximo meio século. (Tradução de autor)

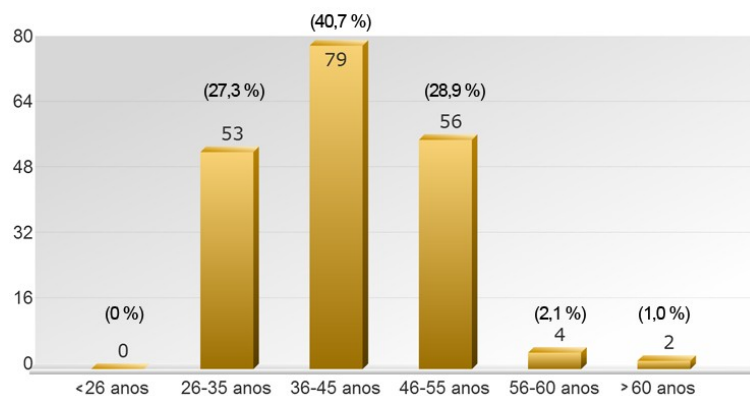


Gráfico 2. Distribuição da amostra relativa à variável idade dos inquiridos

c. Estado civil

Com base nos resultados, também nos podemos distanciar do estereótipo da “solteira bibliotecária”, uma vez que, apontam para uma preponderância de bibliotecários casados ou a viver em união de facto (63%), seguindo-se os bibliotecários que afirmaram estarem solteiros (27%). Desta percentagem de bibliotecários solteiros não há informação da realidade de bibliotecários que mantêm relações amorosas, pelo que não se pode afirmar que pertençam ao grupo de profissionais com características comuns às definidas pelo estereótipo da bibliotecária solteira, com poucas aptidões sociais e pouco atractiva.



Gráfico 3. Distribuição da amostra relativa à variável estado civil

d. Formação

Muitos bibliotecários relataram experiências de terem sido abordados pelos seus utilizadores que, em jeito de admiração, questionavam se era necessário ter estudos para desempenhar as funções de profissional de biblioteca. Esta falta de conhe-

cimento da realidade actual da carreira de bibliotecário é muitas vezes fruto da associação feita relativamente com qualquer pessoa que exerça funções naquele espaço. É a ideia de que quem trabalha na biblioteca é bibliotecário, e, como tal, o conceito é atribuído a técnicos e assistentes que possam não ter formação superior na área. Mais ainda, sobrepõe-se a ideia de que qualquer pessoa pode trabalhar na biblioteca, mesmo sem formação na área, tal como comentam dois dos bibliotecários em entrevista:

Basta observar que temos chefias e outros que entendem que qualquer pessoa pode trabalhar numa biblioteca, pior que isso, uma pessoa mesmo que não seja bibliotecário ou não tenha sequer formação, possa gerir uma biblioteca e seus bibliotecários. (Bibliotecário C)

A sociedade olha para o bibliotecário como alguém que trabalha na biblioteca e por isso, qualquer pessoa que trabalhe na biblioteca é intitulado de bibliotecário sobretudo por se desconhecer as suas tarefas e competências (...) a ideia de que bibliotecário pode ser qualquer pessoa, desde que saiba ler é algo que pode ser prejudicial, principalmente porque depois vemos bibliotecas a ser geridas por alguém que não é da área (Bibliotecário D)

Esta ideia de falta de formação do profissional pode também estar ligada ao facto de não lhes serem atribuídas tarefas e funções que exijam grande capacidade intelectual e de trabalho, normalmente o profissional de biblioteca é visto como alguém “*que não faz nada e se limita a arrumar livros nas estantes*” (Bibliotecário B), ou que fica “*sentado numa secretária à espera que apareçam os leitores e que a sua única tarefa é proceder ao empréstimo de livros*” (Bibliotecário J). Estas funções, pela sua simplicidade de execução, podem ser realizadas por qualquer pessoa. No entanto, o *Bibliotecário D* chama a atenção para a necessidade de se criar uma imagem forte e consolidada para construir uma identidade profissional, pois a imagem fraca e difusa do bibliotecário poderá estar na base da “*ousadia na atribuição de funções a quem não tem habilitações para tal*”. Numa das entrevistas realizadas, o bibliotecário remete também para a má formação de alguns bibliotecários no nosso país, fruto do aparecimento de “*inúmeros cursos (...) sem qualidade alguma*” (Bibliotecário B).

Debrucemo-nos agora sobre a nossa amostra. Podemos constatar que 140 bibliotecários (72,1%), de um total de 194, detêm o grau de Pós-Graduação/Especialização em Ciências Documentais ou semelhante na vertente de Biblioteca e apenas um é Doutorado na área. Note-se que, na sua grande maioria (aproximadamente 88%), apresentam uma escolaridade superior à licenciatura, em

parte, fruto da obrigatoriedade anteriormente sentida pela inexistência de cursos de licenciatura na área, mas também mostrando uma preocupação acrescida pelos bibliotecários com a sua formação contínua e especializada.

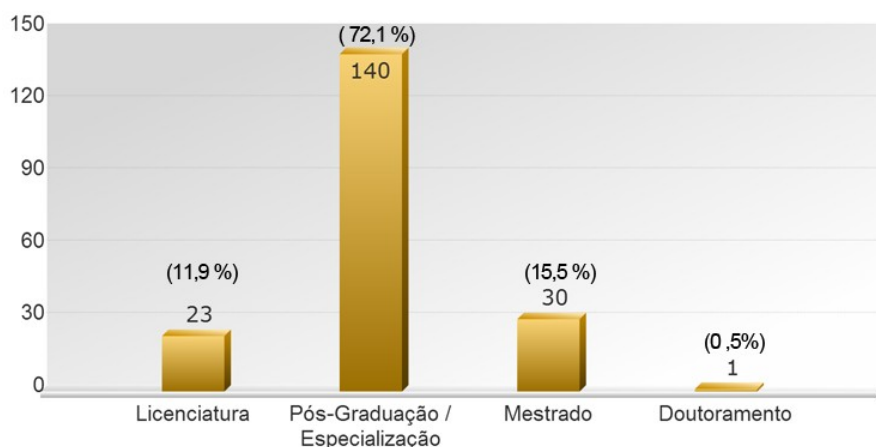


Gráfico 4. Distribuição da amostra relativa à variável habilitações académicas

Por outro lado, ocasionalmente o bibliotecário é visto como uma pessoa culta, de amplos conhecimentos, *“como um profissional que domina todo o conhecimento que a Biblioteca pode conter”* (Bibliotecário E), o que também pode ditar um afastamento do utilizador, ao considerar que o profissional, enquanto detentor de mais conhecimento, se poderá tornar inacessível. O *Bibliotecário A* remete-nos para esta questão ao afirmar que *“os doutores e a cultura são tratados como inacessíveis, algo que causa insegurança, receio de não saber falar e estar por perto do(a) interlocutor(a)”*.

e. Exercício profissional e designação da profissão

No que concerne ao vínculo contratual, 87,6% da população em estudo apresenta resultados de segurança contratual (Contrato de trabalho por tempo indeterminado), conforme se pode verificar no Gráfico 5, revelando uma certa estabilidade profissional.

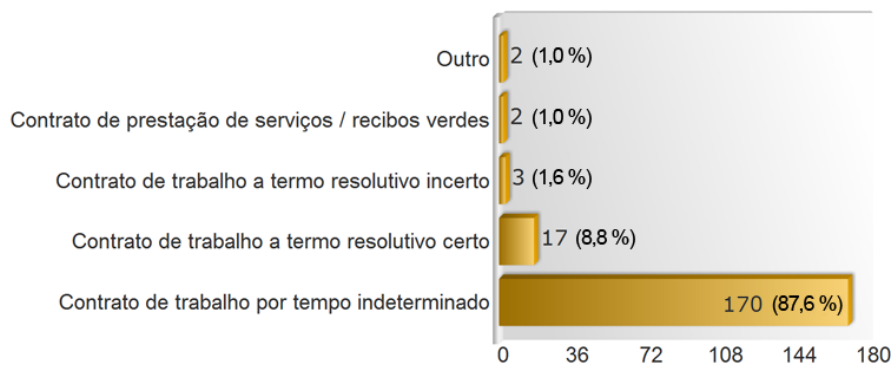


Gráfico 5. Distribuição da amostra relativa à variável vínculo contratual

Quanto à designação da profissão, Potter, Coordenador de Digitalização da Biblioteca da Universidade de Leeds, afirma, num dos seus artigos, que evita mencionar a palavra *Biblioteca* quando é questionado sobre a sua profissão. Justifica esta atitude com o facto de que o nome *Biblioteca* ou *Bibliotecário* causa “horror e simpatia” nas pessoas, como se ele se definisse pelo edifício no qual trabalha (Potter, 2009). Já havíamos exposto anteriormente a forte ligação que o edifício em si, correspondente a um imaginário que reflecte um espaço frio, rígido, austero, exerce sobre a profissão, tornando-a distante e fechada.

Curiosamente, foram relatados pelo *Bibliotecário I*, experiências pelas quais outros bibliotecários portugueses passaram, assim que se referiam ao local onde trabalham. Expressões como “*Que horror!*” ou “*O que fizeste tu para te colocarem na biblioteca?*”, tornam-se também usuais em Portugal, sobretudo pela associação feita à Biblioteca como local de castigo, como frequentemente acontecia nas escolas e a que ainda podemos assistir, ocasionalmente, hoje em dia. Noutros casos, a Biblioteca torna-se o local perfeito para colocar alguns funcionários “na prateleira a aguardar o fim de contrato” (Cardoso, 2010), como o mediatizado caso da professora de Mirandela que, por não poder exercer as suas funções de docente, devido a envolvimento em escândalo social pela sua exposição pública numa revista masculina, foi colocada, pela Vereadora, a cumprir horas de serviço “a exercer a actividade de bibliotecária no arquivo da Câmara” (DN, 2010), frase que por si só reflecte um grande desconhecimento de um político local sobre os espaços e profissões exercidas na autarquia, misturando os

conceitos de professor e bibliotecário, e ainda confundindo o exercício de bibliotecário com o arquivo como respectivo local de trabalho.

A distância que alguns bibliotecários tentam criar em relação ao que a designação da profissão pode representar parece também comum nas várias publicações que abordam as consequências do estereótipo, pois pode gerar preconceitos a nível da imagem e ser um indicador de fraca auto-estima e realização profissional, tal como havia já salientado no estudo organizado por Pinto e Ochôa em 2006, à imagem das competências dos profissionais de informação em Portugal:

Não parece um bibliotecário/arquivista deve ser a frase mais ouvida pelos profissionais mais recentes (a nível nacional e internacional), revelando os preconceitos existentes ao nível da imagem (King, 1999) e ligando-os à formação de impressões. (Pinto & Ochôa, 2006)

Em Portugal, acresce o facto do Decreto-Lei nº 121/2008, de 11 de Julho estabelecer a extinção das carreiras e categorias profissionais de bibliotecário, algo que Ochôa e Barata (2010) consideraram um profundo golpe nas referências identitárias destes profissionais, embora o efeito prático seja nulo. Por esse mesmo motivo, e para tentar tomar conhecimento da realidade portuguesa, foi solicitado aos inquiridos que indicassem, de forma livre, qual a designação que davam à sua profissão quando tal lhes era questionado. As respostas que se obtiveram indicam uma preponderância da nomenclatura *Bibliotecário/a* correspondendo a mais de 70% das opções dos inquiridos, seguindo-se o *Técnico de Biblioteca* e o *Profissional de Informação* (ver Tabela 6).

Tabela 6. Distribuição da amostra relativa à variável designação dada à profissão

Designação	Nº de respostas
Bibliotecário/a	139
Bibliotecária Municipal	1
Bibliotecário (ambulante)	1
Bibliotecária coordenadora do serviço de apoio às bibliotecas escolares	1
Bibliotecária Técnica Superior BD	1
Bibliotecário/Arquivista - Gestor de Informação	1
Profissional da Informação	11
Técnico/a superior	7
Técnica Superior – Bibliotecária	2
Técnico Superior de Biblioteca	4
Técnico Superior de Biblioteca e Documentação	3
Técnica Superior de BAD (Biblioteca Arquivo e Documentação)	1
Técnico Superior na área da Cultura	1

Assistente Técnico	2
Assistente Técnico de Biblioteca	1
Assistente Operacional	1
Técnico de Biblioteca	12
Técnico/a Profissional	1
Técnico Profissional de Biblioteca	1
Técnica Profissional de Biblioteca e Documentação	1
Mediadora de Leitura	1
Licenciada em Ciências da Informação	1

O próprio conceito de *Biblioteca* ou *Bibliotecário* está presente em grande parte nas designações apresentadas pelos inquiridos. Estes resultados apontam para uma resposta positiva por parte dos bibliotecários em Portugal, que não se sentem lesados com a associação que o nome *Biblioteca* possa trazer para o seu reconhecimento profissional.

Porém, a própria nomenclatura *Bibliotecário* poderá vir a entrar cada vez mais em desuso, fruto das novas competências que são atribuídas à profissão, sobretudo, as novas valências ligadas ao aparecimento das novas tecnologias de informação que procuram dar resposta à complexidade de fenómenos sociais, tal como nos é salientado pelo *Bibliotecário G*:

Ao longo dos anos e com a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação, a própria designação dos bibliotecários é cada vez mais sinónimo de profissional da informação, ágil na recolha e processamento da informação em vários suportes.

De facto, a necessidade crescente de informação da sociedade de hoje exige do profissional de biblioteca mais do que dominar saberes da biblioteconomia (Castro, 2000). O profissional necessita tomar consciência da sua competência, apostar na formação especializada, para construir uma auto-imagem profissional positiva (Pinto & Ochôa, 2006). Por outro lado, a biblioteca digital, “sem paredes”, afasta cada vez mais o bibliotecário do edifício físico cuja designação está na origem do nome dado à profissão, justificando-se uma visível necessidade de encontrar um termo mais apropriado à realidade emergente.

f. Auto-imagem psicológica

Abordaremos agora a auto-imagem dos inquiridos. Que pensam os nossos bibliotecários sobre a sua imagem?

Para tentar responder a esta questão, foi solicitado aos bibliotecários em estudo que indicassem, dentro das 30 características psicológicas disponibilizadas, cinco características que reclamam como sendo descritivas de si mesmos. Dentro das características mais seleccionadas pelos bibliotecários pode destacar-se a de *Responsável* (73,1%), *Prático* (50%), *Organizado* (39,7%), *Simpático* (38,1%) e *Criativo* (34,0%) (ver Gráfico 6).

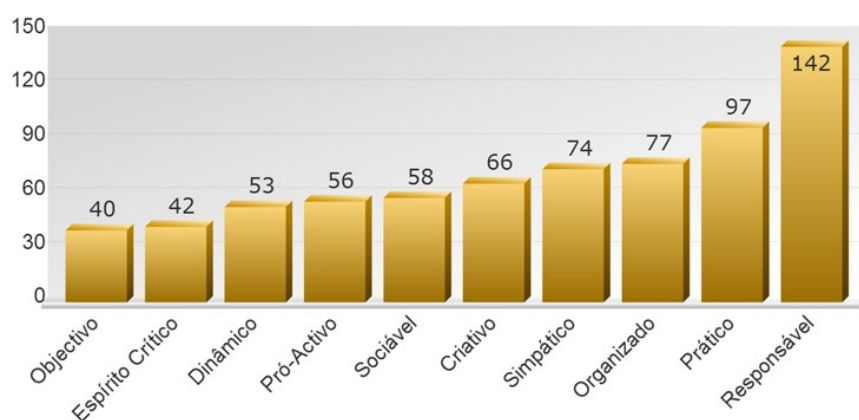


Gráfico 6. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelos bibliotecários como descritivas de si mesmo

Interessante a abordagem a estas características pessoais, que se tornam tão indispensáveis ao exercício da função de bibliotecário, e que analisaremos uma a uma, à luz das valências do profissional de biblioteca.

O conceito de *responsabilidade* poderá ser associado a todas as funções que lhe estão inerentes enquanto profissional qualificado, como gestão de colecções, gestão orçamental e de recursos humanos, acolhimento de pessoas, gestão de património cultural e até ao sentimento de responsabilidade social, sobretudo os que desempenham funções em bibliotecas públicas, que advém do papel de mediador de informação e agente educativo e cultural, assumido pelo profissional actual (Moraes & Lucas, 2012). Quanto às características *Prático* e *Organizado* pode ser associado ao trabalho técnico desempenhado pela profissão, que requer certas características metodológicas e de gestão, conforme nos relata o *Bibliotecário J*:

Um estereótipo também associado ao bibliotecário é a capacidade de organização: muita gente parte do princípio que todos os bibliotecários são organizados (já me disseram: “És bibliotecária? Então deves ser muito organizada!!”), talvez porque uma das funções de um técnico de biblioteca é precisamente organizar e manter organizado o fundo documental da biblioteca e facilmente poderá transpor essa capacidade de organização para o seu dia-a-dia.

Salienta-se, também, a auto-imagem definida pela *Simpatia* e *Criatividade* dos bibliotecários. Se pensarmos no estereótipo tradicional apresentado muitas vezes pela cultura popular, estas duas características seriam de imediato colocadas de parte. Mas já em 1980, Z. Oliveira, num estudo à auto-imagem dos bibliotecários no Brasil, viria a provar que a criatividade estava presente como uma das características mais reclamadas pelos bibliotecários em estudo, produto da actividade de natureza intelectual por eles desempenhada. A criatividade continua, actualmente, a ser uma valência na profissão, principalmente pelas responsabilidades de divulgação cultural e animação pelo qual o profissional da área se vê envolvido. No que concerne à *Simpatia*, o *Bibliotecário H* defende que “*devemos preservar a simpatia e evitar desprezar o utilizador*”. De facto, o trabalho de bibliotecário, hoje em dia, coloca o foco no utilizador, pelo que características mais sociáveis se tornam muito importantes na sua imagem profissional.

Ao analisarmos as características mais seleccionadas pelos inquiridos separadamente, podemos verificar que, à parte das qualidades comuns aos dois sexos, os inquiridos do género masculino fazem aparecer a característica de *Eficiente* no grupo das características destacadas (ver Gráfico 7), enquanto o género feminino identifica a característica *Dinâmico* (ver Gráfico 8). *Eficiência Masculina versus Dinamismo Feminino* apontam para tendências, por um lado de procura de obtenção de bons resultados, e, por outro, um empreendedorismo e energia em tudo o que se faz. Características que acabam por estar inerentes às próprias tendências gerais dos dois sexos.

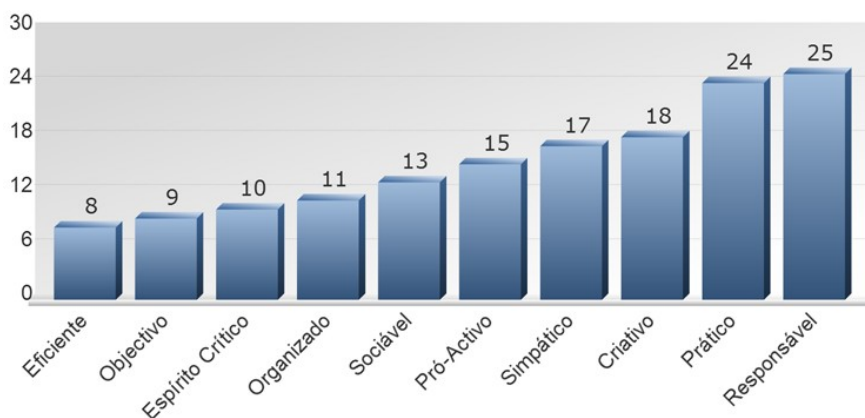


Gráfico 7. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelos bibliotecários do género masculino como descritivas de si mesmo

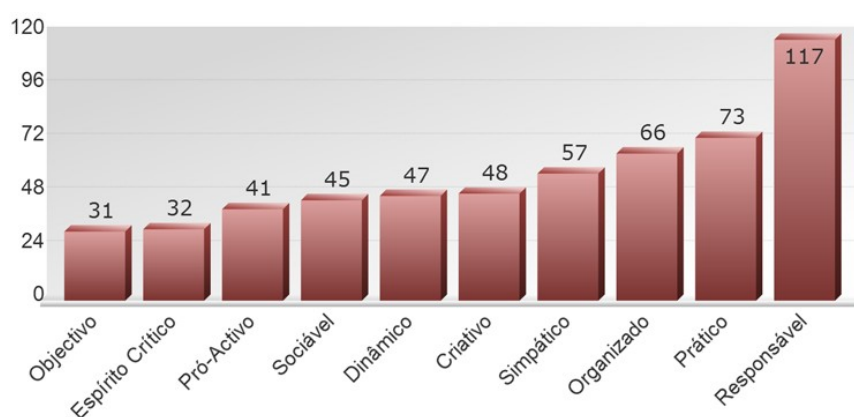


Gráfico 8. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelos bibliotecários do género feminino como descritivas de si mesmo

Debrucemo-nos agora sobre as características menos seleccionadas pelos nossos inquiridos (ver Gráfico 9): *Comodista* (1,0%), *Rotineiro* (1,5%), *Conservador* (1,5%), *Anti-social* (1,5%), *Detalhista* (1,5%), *Teórico* (2,0%), *Sério* (3,1%), *Introvertido* (6,2%), *Extrovertido* (6,2%) e *Culto* (8,2%). Será preciso continuar?! Interessante estas mesmas características serem as mesmas atribuídas ao estereótipo do bibliotecário tradicional. É um corte total da auto-imagem dos nossos bibliotecários com a imagem que transparece na cultura popular. Caso lhes fosse questionado se se reviam na imagem de este estereótipo tradicional, provavelmente a grande maioria dos inquiridos responderia negativamente.

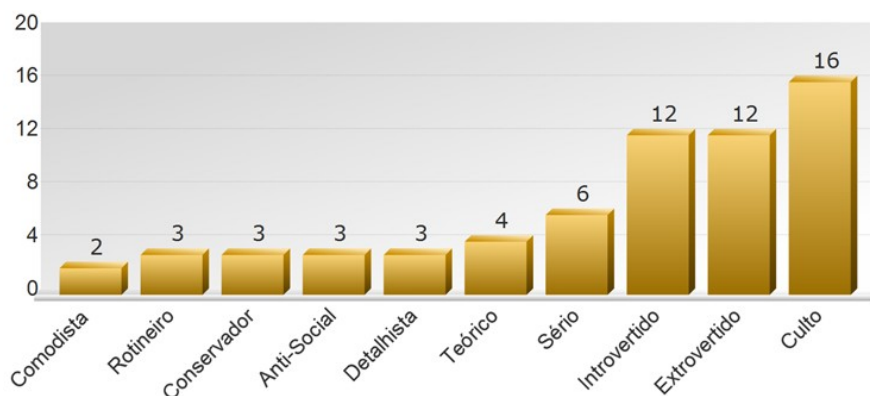


Gráfico 9. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelos bibliotecários como descritivas de si mesmo

Mais uma vez, prosseguindo a análise, desta vez olhando separadamente para as diferenças entre os dois géneros, podemos verificar que no género feminino não existem alterações em comparação com os resultados do Gráfico 9, pelo que se distanciam das mesmas características referidas anteriormente (ver Gráfico 10).

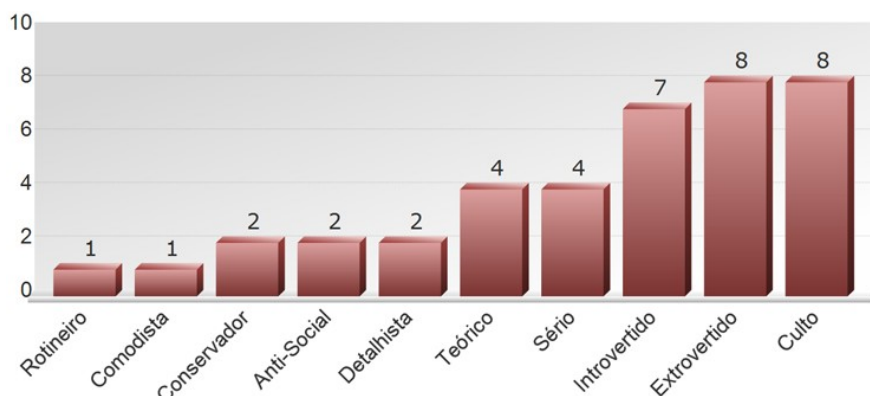


Gráfico 10. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelos bibliotecários do género feminino como descritivas de si mesmo

No género masculino, curiosamente, destacam-se duas novas características que são menos reclamadas pelos nossos bibliotecários, *Líder* (6,8%) e *Boa memória* (9,1%) (ver Gráfico 11).

Anteriormente, referimos a tendência para assumir que os mais altos cargos são desempenhados por indivíduos do género masculino; no entanto, os nossos bibliotecários estão longe de considerar esta imagem como real, ao distanciarem-se de uma característica tão peculiar para exercer cargos de chefia (*Líder*).

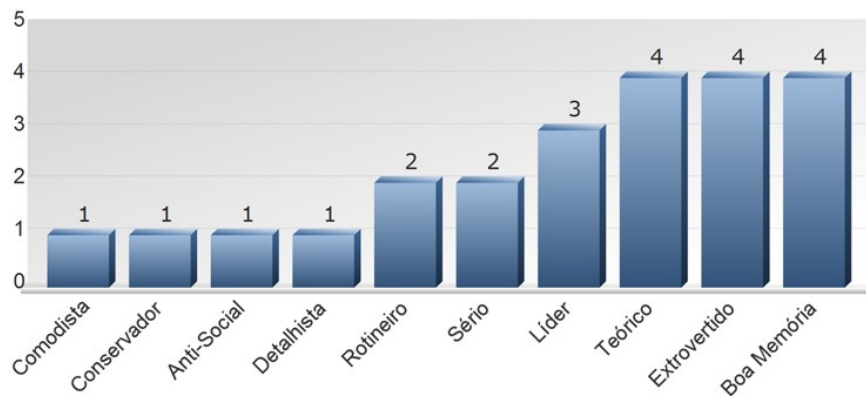


Gráfico 11. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelos bibliotecários do género masculino como descritivas de si mesmo

Ressalta também a ideia de que, afinal, os bibliotecários não memorizam todos os livros que se encontram na biblioteca; aliás, eles rejeitam a hipótese de serem considerados como indivíduos com uma boa memória. De facto, outro mito - se assim se pode chamar – quanto ao papel do bibliotecário, é de que ele tem conhecimento de todos os títulos de todas as obras que se encontram na biblioteca para a qual trabalham e, mais ainda, sabem os autores, a cor da capa e até mesmo em que corredor, estante e prateleira se encontram.

Mais uma vez, em entrevista com o *Bibliotecário I*, são apresentadas algumas situações pelas quais o inquirido já passou:

Situações caricatas que passei são aquelas expressões que muitas vezes ouço de que pensam que passo o dia todo a ler livros e que sei de cor todos os livros que tenho na biblioteca.

Com este parágrafo, o inquirido remete-nos para duas imagens estereotipadas associadas à função de bibliotecário: a de que memorizam tudo, conforme já foi referido, e, ainda, de que os bibliotecários ocupam o seu tempo livre na leitura das obras que se encontram na biblioteca.

No seu artigo intitulado “*We aren’t a stereotype*”, Hutchins (2000) afirma que quando informa as pessoas que não gasta as suas horas de trabalho a ler, geralmente é questionado sobre o que faz então como bibliotecário. Ocasionalmente, os bibliotecários são apontados como grandes apreciadores de leitura e para quem desconhece as funções do bibliotecário existe a tendência para associar à profissão a leitura como principal tarefa. Vejamos mais uma impressão do *Bibliotecário I*:

Também aquela ideia de que quem trabalha na biblioteca deve ler imenso. (...) Há, também aquela expressão: Tem tanta sorte, deve se fartar de ler!

Será que a leitura está efectivamente associada à profissão de bibliotecário? O facto é que os bibliotecários definitivamente gostam de ler. Aliás, sentem que têm como missão promover a leitura:

Não me é indiferente, porque gosto imenso do que faço e adoraria partilhar a leitura com todos, partilhar os livros com todos... (...) Considero sobretudo que ser bibliotecário é uma missão, e deve promover a leitura – gostava que todos descobrissem o prazer de ler (Bibliotecário A)

Outra das coisas que mais gosto de fazer é sugerir leituras. Sempre que posso direcciono as atenções para o livro porque acho que é uma tristeza a pessoa não gostar de ler! Perde tanto...No fundo, acho que há um livro, um escritor, ou um género de literatura para toda a gente. Só é preciso que o descubramos! (Bibliotecário H)

A amostra deste estudo revela que grande parte dos bibliotecários se interessam pela leitura recreativa, que aparece a grande distância das outras actividades (61,3%). Mas não só. As actividades e gostos dos bibliotecários portugueses vão desde a leitura, às viagens (35,1%), ao cinema (30,9%) e à música (21,1%), deixando para último interesses como as novelas (0,5%), as actividades religiosas (1,0%), os jogos de cartas (1,0%), carros e motas (1,5%), pintura e escultura (1,5%) (ver Gráfico 12). Alguns bibliotecários acrescentaram outros interesses que não constavam em lista, tais como: *Confeccção de doces, Lavoies, Decoraçãõ, Tarefas domésticas, Desenvolvimento pessoal, Tradições de cariz popular, Trabalhos manuais, Bricolage, Reiki, Crafts/Patchwork, Ciclismo e assistir a Filmes e Séries televisivas.*

Interesses, portanto, bastante heterogéneos, que muito raramente são associados à figura do bibliotecário, por não constar o elemento essencial: o livro.

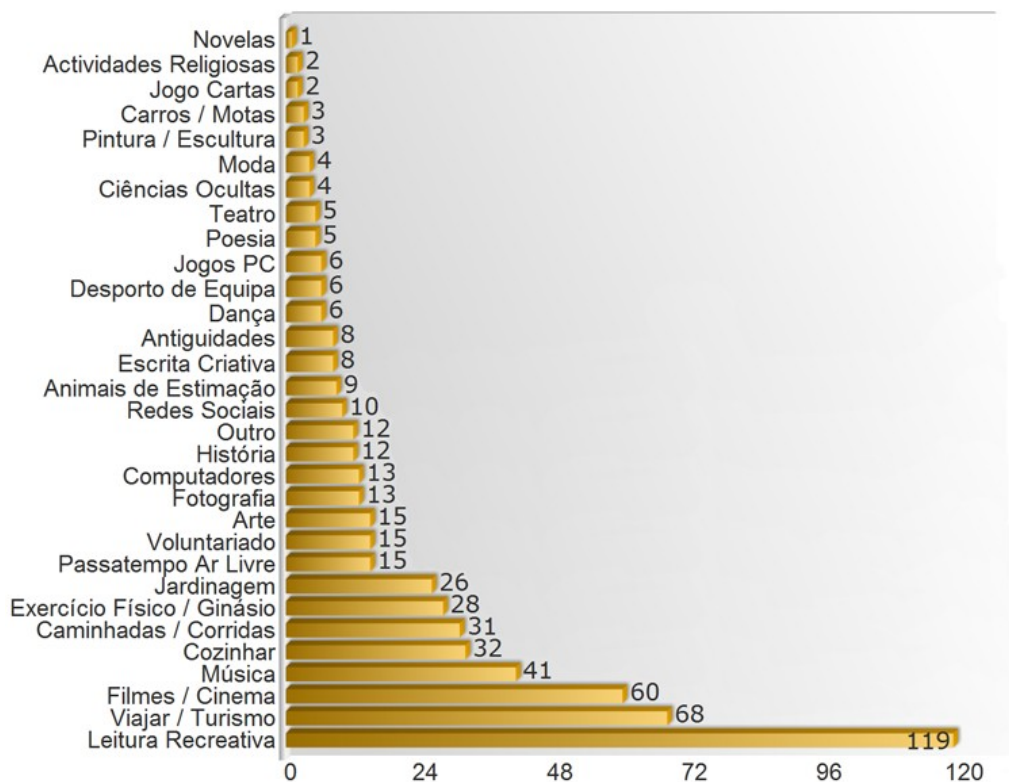


Gráfico 12. Distribuição da amostra relativa à variável interesses/passatempos dos bibliotecários

g. Auto-imagem física

Conscientes da importância da aparência física na formação da auto-imagem, voltemo-nos agora para as características mais visíveis dos bibliotecários. Qual a auto-imagem física profissional dos nossos inquiridos?

Em 2009, a Associação das Bibliotecas do Texas, nos E.U.A. lançou, numa campanha de angariação de fundos, um calendário anual com fotografias de tatuagens das suas bibliotecárias (Kakoulas, 2009). Um ano mais tarde, os estudantes de Mestrado em Biblioteconomia e Ciência de Informação, do Noroeste Pacífico, foram informados de que teriam de pagar pela sua cerimónia de finalistas, o que os levou a criar também um calendário semelhante ao da Associação das Bibliotecas do Texas (Kakoulas, 2010). Apesar das razões que levaram à publicação dos dois calendários serem para angariação de fundos, não podemos ignorar a campanha de marketing pessoal e profissional desenvolvida pelos americanos nas duas iniciativas. É o corte com a imagem do este-

reótipo tradicional, o distanciar da figura da velhinha, de óculos, coque e fora de moda.

E em Portugal? Qual a percentagem de bibliotecários que se renderam a esta arte corporal? O Estudo indica que 93% da população em estudo não possui qualquer modificação corporal, como tatuagens ou *piercings*; apenas 7% responderam positivamente a esta questão (ver Gráfico 13). Das modificações corporais apontadas, seis bibliotecários confirmam ter tatuagens, outros seis afirmam ter *piercings* e um assume ter os dois tipos de modificações apresentados.



Gráfico 13. Distribuição da amostra relativa à variável modificações corporais

Para Hall (1992), a bibliotecária é vista como “uma solteirona, usando sapatos confortáveis, meias de descanso, saia de lã cardada, camisola de lã descaída”, como se esta forma de se vestir fosse uma característica uniforme da figura de bibliotecário. Somos constantemente confrontados com imagens de bibliotecários com roupas confortáveis e fora de moda. Mas será esta a realidade actual dos bibliotecários portugueses? Vejamos o testemunho deixado pelo *Bibliotecário A* sobre a sua forma de se apresentar no local de trabalho:

Também pela minha personalidade alegre e descontraída, costumo ser bastante informal na maneira de vestir (pessoalmente não gosto de fatos nem fardas), sou alegre e procuro vestir-me como tal.

Esta tendência para uma forma de vestir informal ou casual é neste estudo generalizada em grande parte dos inquiridos da amostra. Quando questionados sobre a forma como se vestiam, 77% dos bibliotecários classificaram a sua forma de vestir no trabalho como Casual, seguindo-se o Formal com 14% (ver Gráfico 14). Ainda houve quem tivesse afirmado ter um *Estilo próprio* de vestimenta, outros que se articulavam entre o *Formal e o Casual*, um *Clássico/Elegante*, um *Casual chique*, e ainda um estilo *Hippie e prático*.

Algumas profissões, pela sua exposição directa, apresentam determinadas preocupações relativamente ao vestuário apresentado no local de trabalho, umas exigem mais formalidade que outras, tendo em conta a adequação ao contexto (Guedes, 2007). Os bibliotecários não fogem à regra e podem apresentar diferentes maneiras de se vestir, consoante o público para o qual trabalham. No caso das bibliotecas públicas, gozam de uma certa liberdade, ao estarem em constante contacto com públicos bastante heterogéneos; no entanto parece existir uma certa preocupação com a imagem transmitida e a forma como se vestem, procurando apresentar uma *“imagem acessível e descontraída, que cativa e não afaste ou assuste”* conforme nos é salientado pelo *Bibliotecário A*. Tal desejo pode estar relacionado com uma necessidade de afastamento de imagem formal e rígida tradicionalmente associada ao bibliotecário.

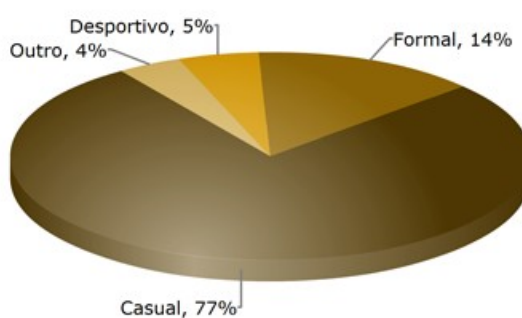


Gráfico 14. Distribuição da amostra relativa à variável vestuário

E agora o famoso *Coque*! As imagens da bibliotecária tradicional que a cultura popular nos apresenta estão muitas vezes associadas ao penteado de cabelo preso em coque, ou como diz a gíria portuguesa – puxo ou carrapito. Também as imagens apresentadas pelo estereótipo de bibliotecária sensual apresentam o mesmo penteado, o qual é posteriormente desmanchado pela própria interveniente. Quanto ao género masculino não existe um penteado uniforme; no entanto, são apresentados com um penteado muito bem arranjado e cuidado.

Este estereótipo está longe da realidade portuguesa. No caso do género feminino, o estudo indica que grande parte das bibliotecárias usa habitualmente o cabelo solto (75%) no local de trabalho, seguindo-se as que usam o cabelo curto (15%), e apenas 1% se referiu ao puxo como penteado mais usado (ver Gráfico 15).

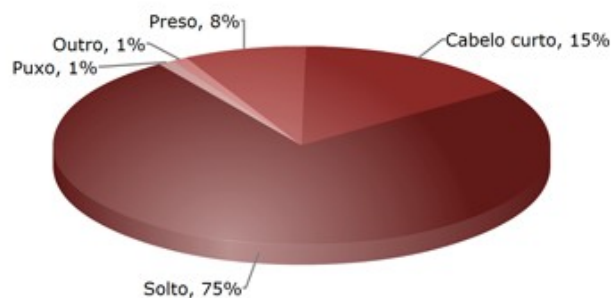


Gráfico 15. Distribuição da amostra relativa à variável penteado usado pelas bibliotecárias do gênero feminino no local de trabalho

Quanto ao gênero masculino, a sua maioria afirma usar o cabelo curto (82%); no entanto, não se pode ignorar os que afirmam usarem cabelo comprido (na opção Outro), solto ou preso, mostrando uma realidade bem diferente da figura de bibliotecário à qual estamos habituados.

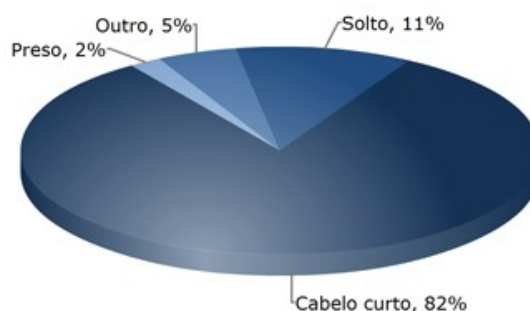


Gráfico 16. Distribuição da amostra relativa à variável penteado usado pelos bibliotecários do gênero masculino no local de trabalho

Mais que a presença de coque, o uso de óculos é a imagem de marca da profissão. Ouve-se constantemente a expressão “óculos à bibliotecária”, geralmente associados ao modelo com armações de massa e formas arredondadas. É como se os óculos fizessem a imagem da própria bibliotecária, e esta se despersonalizasse na ausência deles. Hoje em dia, a própria imagem dos óculos é utilizada pelos próprios bibliotecários como sua imagem de marketing profissional, ou até mesmo como acessório de moda.

Na obra “A bibliotecária de Auschwitz” o autor refere-se da seguinte forma à imagem física da bibliotecária: “Ela olha-o com uma expressão de bibliotecária contrariada. Gostaria de ter uns óculos de meia-lua para poder olhar por cima deles, como

faziam as bibliotecárias a sério” (Iturbe, 2013, p. 40). Mas qual a razão que leva a esta associação dos óculos à profissão de bibliotecário?

No seu artigo intitulado *“Do glasses make the librarian?”*, Maria (2012) remete para o alto nível de educação que a profissão exige e para o grande número de horas que o bibliotecário passa não só nas leituras como em frente do computador. Estes esforços acrescidos e impostos pela profissão poderão estar na base de um grande número de bibliotecários usar este tipo de auxiliares no local de trabalho. E em Portugal? Quantos bibliotecários usam óculos no local de trabalho?

A taxa de uso de óculos pelos bibliotecários em Portugal é ligeiramente equilibrada. Cerca de 55% (108 inquiridos) da população em estudo afirma não usar óculos habitualmente no local de trabalho (ver Gráfico 17).



Gráfico 17. Distribuição da amostra relativa à variável frequência de uso de óculos

Esta percentagem torna-se mais significativa quando nos debruçamos unicamente sobre os inquiridos do género feminino, onde 58% nega o seu uso (ver Gráfico 18).

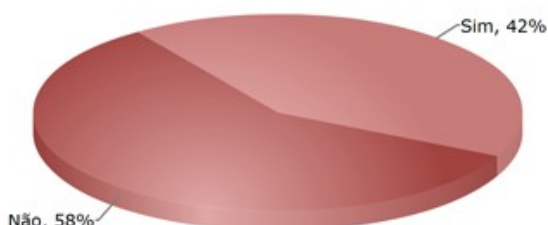


Gráfico 18. Distribuição da amostra relativa à variável frequência de uso de óculos pelas bibliotecárias do género feminino

Em contrapartida, no género masculino existe uma ligeira tendência para o uso de óculos no local de trabalho (52%) (ver Gráfico 19). Esta tendência masculina para o recurso a auxiliares de visão pode estar relacionada com o facto de desempenharem funções muito mais direccionadas para as áreas das novas tecnologias e, como tal, estarem muito mais expostos a equipamentos informáticos.



Gráfico 19. Distribuição da amostra relativa à variável frequência de uso de óculos pelos bibliotecários do género masculino

No entanto, estes valores, não são suficientemente significativos para que se possa afirmar que o uso de óculos é uma característica comum dos bibliotecários a desempenhar funções em bibliotecas públicas em Portugal. Pelo contrário, existe um equilíbrio entre os profissionais que usam óculos no local de trabalho e os que não o fazem. Se cruzarmos estes dados com a idade média da nossa amostra, verificamos que uma percentagem significativa tem mais de 45 anos, o que pode indicar uma preponderância de profissionais com tendências a desenvolver sintomas de presbiopia, o que o senso comum designa de “vista cansada”.

Vejamos agora como se vêem os nossos bibliotecários quando confrontados com algumas imagens estereotipadas. Com a finalidade de conhecer mais um pouco sobre a auto-imagem dos inquiridos, foi-lhes solicitado que, a partir de uma série de imagens retiradas de filmes, séries televisivas e publicidade, retratando diferentes posturas profissionais, seleccionassem a imagem com a qual mais se identificavam.

Tabela 7. Imagens apresentadas como exemplos de bibliotecários e suas características para auto-imagem dos inquiridos

Gênero Masculino		Gênero Feminino	
	The Librarian (2004, 2006, 2009) Aventureiro, Gosto pelo mistério		Evelyn Carnahan (A Múmia, 1999/2001) Aventureiro, Gosto pelo mistério
	Conan the Librarian – UHF (1985) Poderoso, Líder, Herói		Batman series (ca 1960) Poderosa, Líder, Heroína
	Indiana Jones and the Last Crusade (1989) Ocupado, Rotineiro	Não há correspondência	
Não há correspondência			Edward D’Ancona Bonita, Sensual
	Chicago Public Library and campaign (2009) Jovem, Inovador		Tattooed Librarians of the Pacific Northwest Calendars (2011) Jovem, Inovadora
	Sophie’s Choice (1982) Rude, Anti-social		Tom Grill / Corbis Rude, Anti-social
	The Time Machine (2002) Formal, Futurista	Não há correspondência	
Não há correspondência			Party Girl (1995) Formal, Motivada, Independente

Para melhor compreender as imagens que foram apresentadas, tanto aos bibliotecários do gênero masculino como do gênero feminino, foram atribuídas legendas descritivas das características genéricas de cada uma delas, conforme se pode ver na Tabela 7.

Vejamos agora os resultados obtidos com esta experiência. Em relação ao gênero masculino, a amostra apresentou uma tendência para se identificar com a ima-

gem do filme *The Librarian* (36,3%) que, entre as suas características principais, conta o gosto pelo mistério e pela aventura. Segue-se a imagem de jovem e inovador da campanha de publicidade da *Chicago Public Library* (31,8%) (ver Gráfico 20). Ficam para trás as imagens de anti-social (2,3%) e de herói (2,3%), pelo que se verifica que os bibliotecários em Portugal apresentam uma auto-imagem positiva, assente em características como dinamismo, energia, jovialidade, aventura e gosto pela profissão.

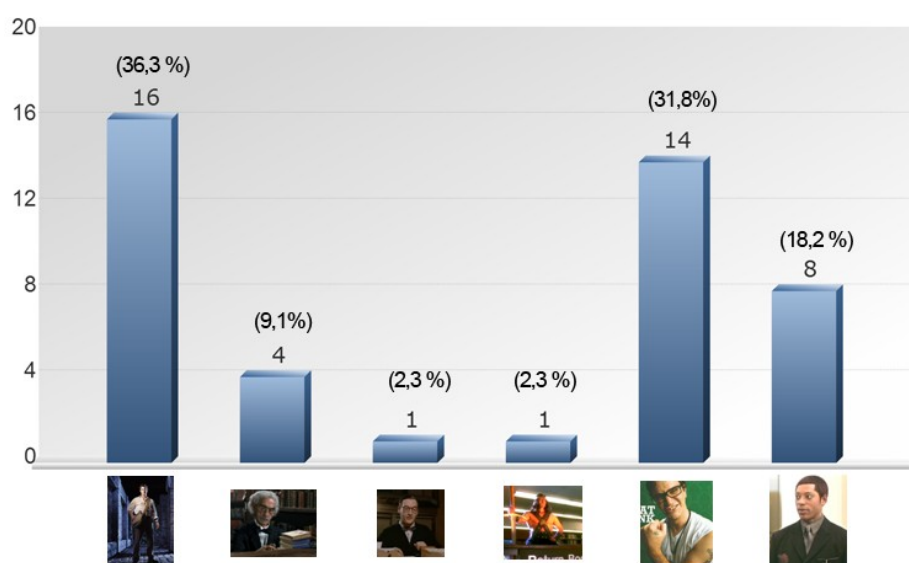


Gráfico 20. Distribuição da amostra relativamente à imagem com a qual os bibliotecários mais se identificam

No que concerne ao género feminino, a imagem de jovem e inovadora (39,3%) da campanha de publicidade e angariação de fundos das *Bibliotecárias Tatuadas* recebeu maior identificação, seguindo-se a bibliotecária formal, motivada e independente do filme *Party Girl* (30%). Classificada um pouco abaixo, está a figura de Evelyn Carnahan do filme *A Múmia* (22,7%), que se apresenta com um gosto pelo mistério e aventura (ver Gráfico 21). Não há, pois, correspondência auto-identificativa com as imagens menos apelativas e mais estereotipadas da profissão. Também este resultado indica uma auto-imagem positiva das bibliotecárias que desempenham funções em bibliotecas públicas em Portugal, assente na jovialidade, dinamismo, beleza, intelectualidade e gosto pelo mistério e pelo trabalho.

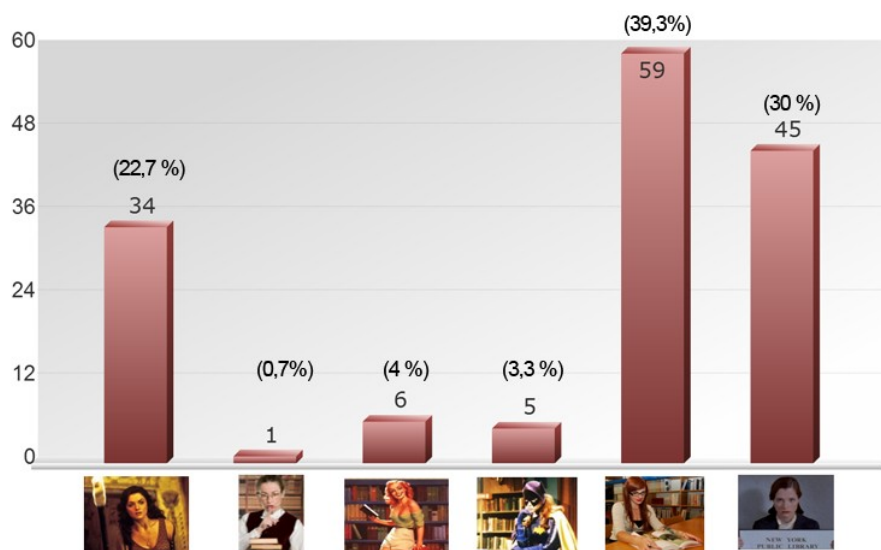


Gráfico 21. Distribuição da amostra relativamente à imagem com a qual as bibliotecárias mais se identificam

De uma forma geral, a auto-imagem dos bibliotecários apresenta-se como positiva, distanciando-se das imagens estereotipadas na cultura popular e indicando uma heterogeneidade de gostos e interesses, não podendo, portanto, ser estabelecido um grupo de características uniformes a toda a classe profissional.

A primeira hipótese sugerida nesta dissertação, que se refere à presença de uma auto-imagem profissional positiva no seio dos bibliotecários em Portugal, é, então confirmada pelos resultados apresentados neste capítulo, obtidos mediante os indicadores de características físicas e psicológicas, assentes nos valores de responsabilidade, organização, sociabilidade, criatividade, identidade profissional e gosto pela profissão.

5.2. AUTO-IMAGEM SOCIAL DOS BIBLIOTECÁRIOS EM PORTUGAL

Verificamos que a auto-imagem dos bibliotecários em Portugal é positiva e não está directamente ligada ao estereótipo do bibliotecário tradicional. Veremos agora, neste subcapítulo, se essa visão está relacionada com a que os bibliotecários acreditam que a sociedade tem deles.

Nesse sentido, foi solicitado aos inquiridos para que se afastassem da percepção que têm de si e considerassem a imagem que julgam que a sociedade tem deles enquanto profissionais de biblioteca. Desta forma, foi mais uma vez apresentada a questão das características pessoais, psicológicas e comportamentais, tal como havia sido feito no bloco de questões anterior, pedindo para que seleccionassem apenas cinco dessas características.

Com os resultados obtidos, podemos inferir que a população em estudo acredita que a imagem que transparece para a sociedade é a de um profissional *Simpático* (70,6%), *Responsável* (62,4%), *Sociável* (43,8%), *Prático* (39,7%), *Eficiente* (35,6%), *Organizado* (35,1%) e *Dinâmico* (31,9%) (ver Gráfico 22).

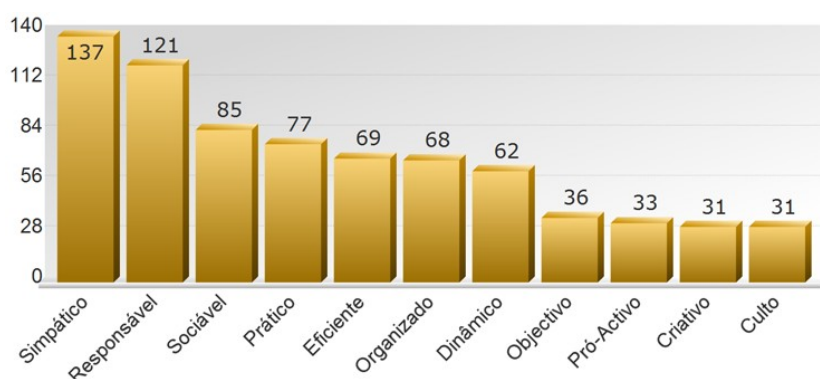


Gráfico 22. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelos bibliotecários como apontadas pela sociedade à sua profissão

Comparando estes dados com os obtidos com a auto-imagem dos inquiridos, e, apesar das diferenças entre as duas visões não serem muito salientes, podemos destacar algumas características, como a *Simpatia*, que aqui nos é apresentada em primeiro lugar, com quase o dobro da frequência apresentada anteriormente, fazendo descer de nível a característica *Responsável*. Interessante a imagem que os bibliotecários pensam transparecer para a sociedade, que pouco se coaduna com a imagem de anti-social, sério e fechado do estereótipo.

Outra curiosidade está na característica *Criativo* que desce de frequência para metade. Esta descida indica já uma associação ao estereótipo, por considerar o bibliotecário como um profissional que desempenha tarefas rotineiras. No entanto, vemos surgir nas mais seleccionadas, características como *Eficiente* e *Culto*. Já havíamos refe-

rindo anteriormente, na imagem de profissional culto, que costuma transparecer para a sociedade a ideia de que os bibliotecários são pessoas de amplos conhecimentos e detentores de muita sabedoria, conforme é salientado pelo *Bibliotecário H*: “*se o estereótipo nos considera fechados, sérios, concentrados também nos considera pessoas cultas, com muito saber...*”. Porém, esta imagem de profissionais cultos pode acarretar barreiras na comunicação com os utilizadores, sobretudo num país assombrado pela figura do *Doutor*. O *Bibliotecário A* chama-nos a atenção para essa questão ao afirmar que:

Se olharmos para o facto de nos verem como pessoas cultas, o que à priori parece ser uma imagem positiva, pode depois contribuir para o afastamento das pessoas em relação a nós, por nos acharem inacessíveis, fechados e têm medo de nos interpelar por achar que depois não nos irão compreender. É preciso desmistificar esta imagem de culto, e combater a falta de informação e de estudos desta sociedade.

No entanto, se analisarmos separadamente o público masculino do feminino, encontramos outras características que sobressaem. No caso dos bibliotecários do género masculino, destacam-se características como *Boa Memória* (15,9%) que, no exercício sobre a auto-imagem, se encontrava no grupo de características menos votadas (ver Gráfico 23).

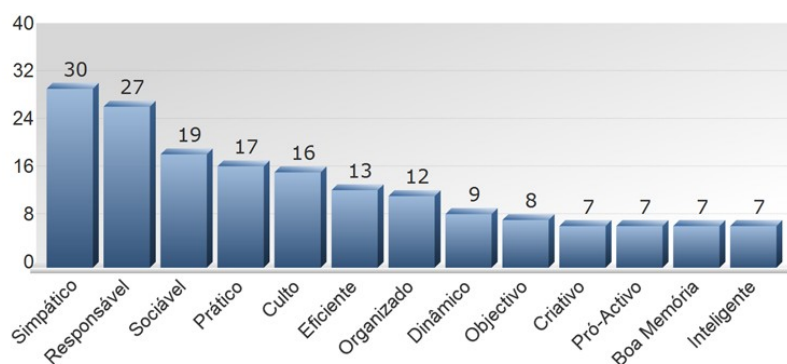


Gráfico 23. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelos bibliotecários do género masculino como apontadas pela sociedade à sua profissão

Neste sentido, os bibliotecários acreditam que a sociedade olha para eles como profissionais com uma grande capacidade de memória, algo que é, provavelmente, associado às tarefas de localização de obras solicitadas pelo leitor. Também são apresentadas as características *Culto* (36,4%) e *Inteligente* (15,9%), associadas à imagem de bibliotecário com grandes propriedades intelectuais.

Em relação às bibliotecárias, existe uma característica que sobressai no conjunto da imagem apresentada pelos inquiridos: *Sensível* (44%) (ver Gráfico 24). Interessante a sensibilidade ter-se sobreposto a capacidades como criatividade e espírito crítico, apresentadas pelas mesmas bibliotecárias quando questionadas sobre quais as características que reclamavam como sendo descritivas de si mesmo. Mais uma vez, uma característica que mostra maior proximidade com o público, ao indicar que as inquiridas acreditam que passam uma imagem mais receptiva para a sociedade.

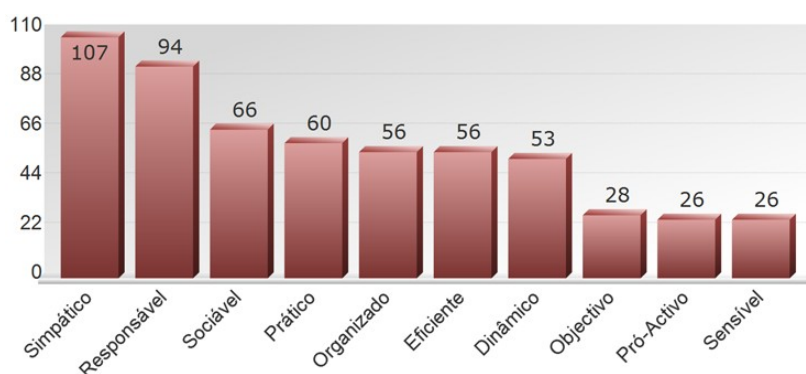


Gráfico 24. Distribuição da amostra relativamente às características mais seleccionadas pelas bibliotecárias do género feminino como apontadas pela sociedade à sua profissão

Em contrapartida, os bibliotecários que fazem parte do estudo acreditam que as características menos apontadas à sua profissão pela sociedade são as de um profissional *Superficial* (0,5%), *Seguidor* (0,5%), *Comodista* (0,5%), *Anti-social* (1,5%), *Teórico* (1,5%), *Conservador* (2,1%), *Introverso* (2,1%), *Detalhista* (2,5%), *Rotineiro* (3,1%) e com *Espírito crítico* (6,2%) (ver Gráfico 25). Estas características indicam que os bibliotecários acreditam que a sociedade já não os associa ao estereótipo tradicional, sendo que actualmente, estão conotados com características mais sociáveis e receptivas.

Observemos agora esta questão em comparação com as características menos frequentes na auto-imagem dos bibliotecários. Existem algumas que se destacam na análise comparativa. Os bibliotecários em Portugal consideram que a sociedade não lhes atribui um espírito crítico; no entanto, é algo que eles reclamam como sendo descritivo deles mesmos. Surte a ideia de que, para o bibliotecário, a profissão é vista como sendo desempenhada por pessoas sem capacidade de análise.

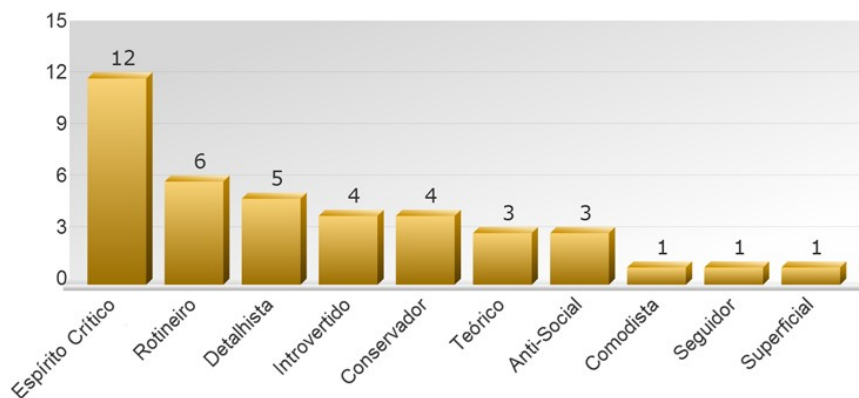


Gráfico 25. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelos bibliotecários como apontadas pela sociedade à sua profissão

Ao analisarmos os dois géneros separadamente, podemos verificar que, enquanto os homens se distanciam da imagem de bibliotecário extrovertido (6,8%) e inovador (6,8%) (ver Gráfico 26), as mulheres fazem aparecer nas menos seleccionadas a característica de *Perfeccionista* (6,7%) (ver Gráfico 27).

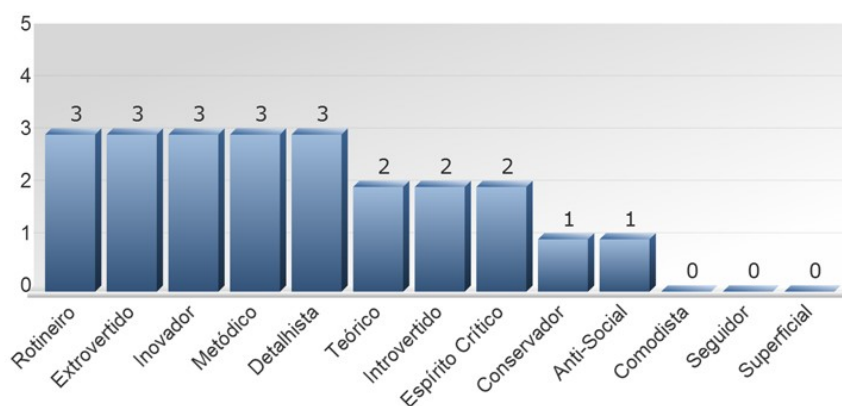


Gráfico 26. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelos bibliotecários do género masculino como apontadas pela sociedade à sua profissão

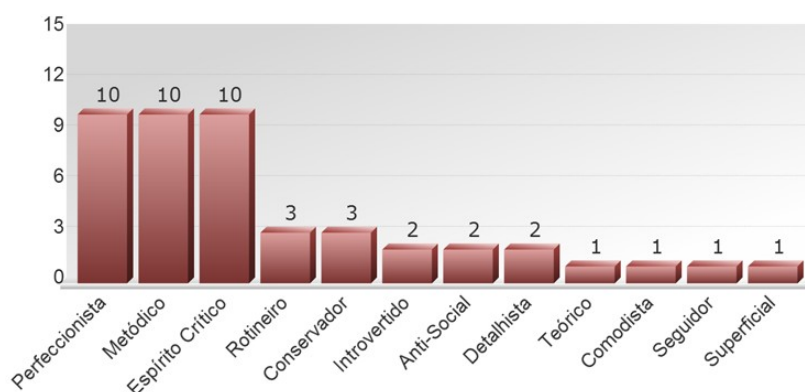








Gráfico 27. Distribuição da amostra relativamente às características menos seleccionadas pelas bibliotecárias do género feminino como apontadas pela sociedade à sua profissão







Em síntese, os bibliotecários em Portugal acreditam que a sociedade os encara como profissionais mais próximos do público, prezando a simpatia e sensibilidade, sendo alguém culto e intelectual, detentor de boa capacidade de memória; no entanto, não lhes reconhece faculdades de espírito crítico e criatividade. Podemos deduzir que, apesar de se sentirem aceites como pessoas sociáveis e prestáveis, ainda são conotados com pontuais características enraizadas na cultura popular.

Também, à semelhança do já foi realizado na anterior secção de questões, foram apresentadas aos inquiridos diferentes imagens¹³ de diferentes tipos de bibliotecários (ver Tabela 8), solicitando que seleccionassem aquela que consideram que a sociedade tem deles enquanto profissionais de Biblioteca.

Tabela 8. Imagens apresentadas como exemplos de bibliotecários e suas características para auto-imagem social dos inquiridos

Género Masculino		Género Feminino	
	Velhinho, Mal-Humorado, Protector dos Livros		Mal-Humorada, Séria
	Bibliotecário Efeminado		Sensual, Descontraída
	Craque dos computadores		Velhinha, Rotineira

¹³ As imagens representadas são da autoria de Carlos Mike Cunha

Género Masculino		Género Feminino	
	Formal e Intelectual		Formal e Intelectual
	Simpático, Culto		Jovem e Dinâmica
	Futurista		Futurista

As respostas sugerem-nos que cerca de 50% da população feminina considera a imagem da jovem, dinâmica e desportiva bibliotecária como a imagem que a sociedade mais identificaria como sua, enquanto profissional de biblioteca, seguindo-se a imagem de bibliotecária sexy e descontraída (23%), conforme se pode verificar no Gráfico 28.

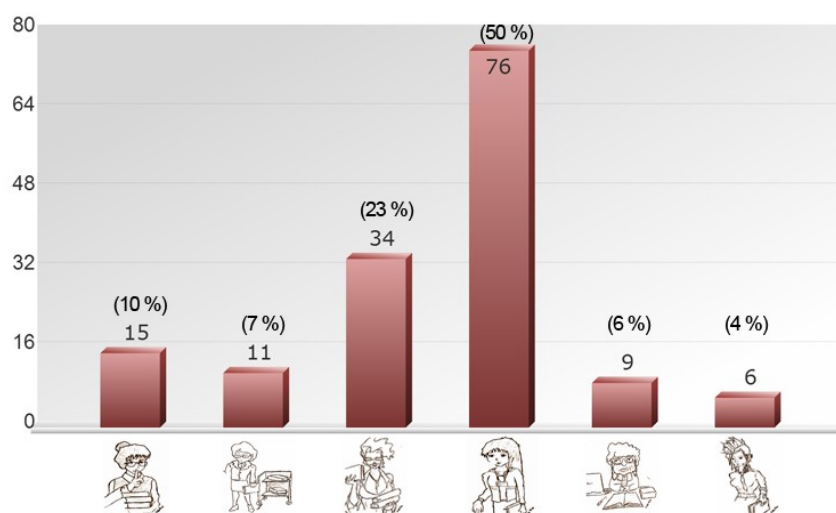


Gráfico 28. Distribuição da amostra relativamente à imagem que as bibliotecárias acreditam que a sociedade tem delas

Já as respostas obtidas pelos inquiridos do género masculino sugerem que os bibliotecários consideram que a sociedade olha para eles como profissionais formais, de “fato e gravata” (31,8%), mas também com ar cuidado e efeminado (31,8%), seguindo-se a imagem de bibliotecário culto e intelectual que apenas pensa em livros (18,2%).

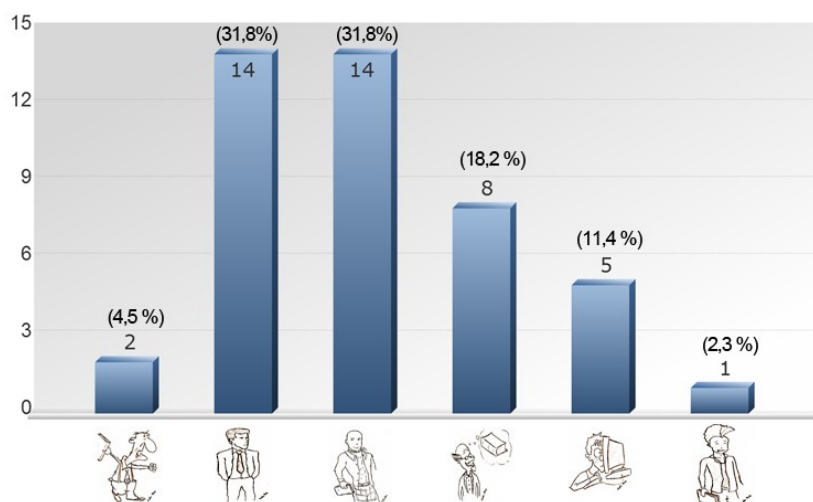


Gráfico 29. Distribuição da amostra relativamente à imagem que os bibliotecários acreditam que a sociedade tem deles

De uma forma geral, os bibliotecários acreditam que a imagem que a sociedade tem deles não está demasiado desfasada da realidade; no entanto, apresentam alguns pontos críticos que apontam para características presentes no estereótipo tradicional, como o caso da *Intelectualidade*, *Cultura* e *Boa memória*, características aliás naturais, pois identificam-se com o tipo de trabalho realizado.

Apesar de assinalarem, também, algumas características distintas da auto-imagem real, os bibliotecários apontam para uma linha bastante equitativa de imagem jovem, dinâmica, simples, simpática e receptiva. Defendem sobretudo que a imagem do bibliotecário tem vindo a alterar-se com as novas competências que lhe foram atribuídas e com todos os esforços que têm vindo a ser feitos. Vejamos alguns excertos retirados das entrevistas:

Os(as) novos(as) bibliotecários(as) que apareceram com as novas bibliotecas da RNBP, são muito diferentes do pessoal que antes trabalhava nas bibliotecas (= armazéns de livros, frios, silenciosos, com arrumação tipo armazém), agora as bibliotecas são espaços vivos e os(as) bibliotecários(as) são pessoas activas, disponíveis... (Bibliotecário A)

Há estereótipo mas penso que hoje é usado sobretudo por brincadeira, porque no fundo julgo que o bibliotecário já não é identificado com esse perfil de “rato de biblioteca”. O conceito de biblioteca mudou e isso implicou mudança também no conceito de bibliotecário. (...) Ainda há pessoas que achamos ter o perfil do “rato de biblioteca”, mas os bibliotecários hoje em dia são diferentes, muito mais activos. (Bibliotecário H)

Se nas bibliotecas escolares, os bibliotecários eram os professores com depressões e se nas bibliotecas públicas era a Sra. de carrapito e sempre rezingona, actualmente essa imagem tem vindo a mudar. (Bibliotecário G)

Hoje em dia ser-se bibliotecário é muito mais diversificado, é uma profissão que está ligada a muitas outras áreas para além da biblioteconomia pura e dura: gestão, dinamização cultural, projectos de mediação leitora, tecnologias da informação, comunicação e marketing... (Bibliotecário F)

Estes depoimentos mostram-nos uma auto-imagem social positiva por parte dos bibliotecários em Portugal, um desenraizar da imagem de “Guardião de Livros” ou “Rato de Biblioteca”. E para isso, tal como foi salientado pelo *Bibliotecário F*, *“muito tem contribuído a construção da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, que disseminou pelo país, de norte a sul, equipamentos modernos (por vezes o equipamento mais moderno do concelho), com dinâmicas culturalmente desafiadoras e contemporâneas, até aí pouco conotadas com as bibliotecas (numa óptica tradicional).”*

De facto, as mudanças no seio da profissão têm sido uma constante nestes últimos anos, sobretudo quando nos deparamos com a nova realidade e com o crescimento de novos equipamentos locais que potencializam novas facetas e funções para as bibliotecas públicas, distanciando-se da imagem tradicionalmente incutida de guardiões de espólio bibliográfico e assumindo novos papéis de porta de “acesso ao conhecimento, à informação e a obras criativas através de um leque variado de recursos e serviços” (IFLA, 2003).

A partir dos resultados obtidos, é refutada a segunda hipótese sugerida nesta dissertação – existência de uma contradição entre a auto-imagem profissional real e a auto-imagem profissional social do bibliotecário. A primeira evidência desta rejeição está relacionada com a aproximação dos valores e características apontados pelos bibliotecários como descritivos de si mesmo, bem como os valores e características que os bibliotecários acreditam que os seus utilizadores lhes atribuem. Existe um tronco

comum baseado nas aptidões de sociabilidade, responsabilidade e organização do profissional de informação.

5.3. SER BIBLIOTECÁRIO EM PORTUGAL

É de conhecimento geral que os regimes ditatoriais nunca foram favoráveis à evolução das bibliotecas públicas, pelo simples facto de constituírem ameaças ao poder por possibilitarem o acesso livre à informação e à cultura. Em Portugal, as bibliotecas estiveram sob uma forte censura até à década de 70, materializada em falta de investimento, de formação profissional e, sobretudo, de recursos (Nunes, 2007). O legado que nos foi deixado pelos anos de ditadura retardou a evolução da nossa rede de bibliotecas. Porém, as transformações sociais dos 20 últimos anos possibilitaram um avanço considerável, existindo já mais de duas centenas de bibliotecas municipais de acesso público. Ainda assim, é necessário ultrapassar a imagem de *“que a biblioteca é um lugar para as crianças e para os velinhos que vão ler o jornal”* (Bibliotecário H), um lugar dedicado ao estudo e ao silêncio. É necessário unir esforços para um reconhecimento social que se possa reflectir em atenção e investimento por parte das tutelas da administração pública.

Assumindo a premissa de que a falta de reconhecimento profissional do bibliotecário pode desencadear reacções de fraca auto-estima e realização profissional, este último ponto de análise assentará na importância que a nossa amostra de bibliotecários atribui à sua imagem profissional e, sobretudo, à satisfação global com a sua carreira profissional. Estarão os portugueses preocupados com a sua imagem profissional? Qual a posição dos bibliotecários portugueses relativamente à existência ou não do estereótipo da profissão?

Para determinar o grau de realização profissional do bibliotecário e o grau de concordância com a existência do estereótipo em torno da profissão de bibliotecário, foi elaborada uma escala de concordância, considerando alguns itens seleccionados segundo três distintos grupos: Remuneração, Status Profissional/Estereótipo, e Satisfação global (ver Tabela 9).

Tabela 9. Itens a considerar na variável Realização Profissional

Grupos	Itens
Remuneração	Considero o meu trabalho bem remunerado.
	Se não fosse a remuneração, não estaria neste emprego.
	A minha remuneração está abaixo das minhas expectativas.
	Estou satisfeito com o ordenado que ganho.
Status Profissional / Estereótipo	Esta profissão possibilita-me uma ascensão profissional apelativa.
	Não aconselharia ninguém a seguir esta carreira.
	O bibliotecário é uma profissão respeitada pelas outras profissões.
	Sinto que desvalorizam o meu trabalho enquanto bibliotecário.
	Os bibliotecários inspiram confiança nos utilizadores.
	O bibliotecário é uma profissão admirada pelas outras profissões.
	Esta profissão é importante para a promoção da cultura.
	Enquanto profissional de bibliotecas públicas, o meu papel social é relevante e reconhecido pela comunidade.
	As tarefas que desempenho são desinteressantes, rotineiras e monótonas.
	Gostaria de seguir uma carreira mais útil para a sociedade.
	Desempenho uma profissão com pouco prestígio.
Enquanto bibliotecário não desempenho uma função com grande importância social.	
Satisfação Global	O trabalho é estimulante e fascinante.
	Sou ouvido nas decisões e sugestões que faço no meu trabalho.
	O meu trabalho permite-me adquirir novas aprendizagens.
	Não deixava a minha profissão mesmo que me oferecessem melhor salário.
	Os conhecimentos que adquirei neste trabalho mostram-se úteis para a sociedade.
	Enquanto bibliotecário, a minha actividade profissional é prioritária na minha vida.
	O meu trabalho proporciona-me um sentimento de respeito por mim próprio.
Penso frequentemente em mudar de profissão.	

Tendo por base o estudo de Oliveira (1980) em torno da auto-imagem profissional do bibliotecário brasileiro, e numa tentativa de ajuste à realidade actual e nacional, foram seleccionados alguns itens como prioritários para esta análise. O grupo *Remuneração* pretende explorar o fraco reconhecimento que, por vezes, é dado pelas tutelas à profissão de bibliotecário, atribuindo-lhe remunerações mais baixas que as de outros profissionais. No que concerne ao *Status profissional/Estereótipo*, procura-se entender a imagem dos bibliotecários face à sua carreira de bibliotecário, bem como os estímulos e a importância dada à profissão. Por último, analisa-se a satisfação global dos profissionais em relação à sua profissão actual, enquanto profissional de informação numa biblioteca pública em Portugal. A esta análise, fundamentada por dados quantitativos, foi acrescentada a análise dos dados qualitativos recolhidos de entrevistas com alguns bibliotecários locais, a fim de conhecer quais as suas preocupações com a imagem profissional e quais as iniciativas individuais na promoção da sua imagem.

Em questionário, foi solicitado a todos os inquiridos que avaliassem numa escala de 1 a 5 o grau de concordância com as afirmações que se colocavam, tendo em

conta a remuneração, status profissional e satisfação global com a sua profissão, sendo que 1 equivale à expressão *discordo totalmente* e o 5 a *concordo totalmente*. A partir das respostas, foi calculada a média aritmética para cada item, sendo depois enquadrado esse valor dentro de um intervalo de confiança de 95%.

Avaliando os resultados pelos grupos estabelecidos, podemos inferir que existe um certo descontentamento em relação à remuneração do bibliotecário nas bibliotecas públicas em Portugal. Com um intervalo de confiança de 95%, podemos afirmar que os bibliotecários em Portugal não estão satisfeitos com o ordenado que lhes é estimado, situando-se este abaixo das suas expectativas.

Tabela 10. Distribuição da amostra relativa à variável Satisfação com a Remuneração

Considero o meu trabalho bem remunerado.	Média IC_{95%}	2.14 [2.02-2.27]
Se não fosse a remuneração, não estaria neste emprego.	Média IC_{95%}	1.54 [1.42-1.66]
A minha remuneração está abaixo das minhas expectativas.	Média IC_{95%}	3.76 [3.61-3.91]
Estou satisfeito com o ordenado que ganho.	Média IC_{95%}	1.99 [1.86-2.13]

Kneale (2009) defende que a percepção que a sociedade tem de uma profissão influencia directamente a remuneração e as oportunidades de promoção no mercado de trabalho e, por esse mesmo motivo, a profissão de bibliotecário está a ser prejudicada justamente por ter uma nomenclatura com base na palavra *Biblioteca*. O estereótipo em torno do bibliotecário, que envolve sobretudo o desconhecimento das funções do profissional, porque é um trabalho que *“não se vê, ou pelo menos não dá tanto nas vistas”* (Bibliotecário E), pode levar a uma falta de reconhecimento da profissão, traduzindo-se em diferenças salariais quando comparados com outros profissionais de outras áreas. Mais ainda, os estereótipos, quando adoptam uma índole mais negativa, *“podem ser entraves ao crescimento destes profissionais”*, também pelo simples facto de se reflectir na *“falta de investimentos”* por parte das tutelas (Bibliotecário E), ou até na não *“atribuição de competências e valorização profissional”* por parte das mesmas (Bibliotecário C).

Contextualizando na realidade portuguesa, os cortes na função pública podem estar na base deste descontentamento em torno do salário do bibliotecário, e, não

tanto pela desvalorização em relação a outras profissões, uma vez que na função pública a tabela salarial é a mesma. Perante a crise económica actual que se vive no país, os funcionários da função pública têm sido altamente penalizados nas medidas tomadas para os Orçamentos do Estado de 2012 e 2013. Viram reduzido em cinco por cento o valor dos salários acima de 1.500€, sendo os restantes salários congelados, assim como o subsídio de refeição e, da mesma forma viram reduzidos os pagamentos das horas extraordinárias. A estas medidas, acresce a sobretaxa de quatro por cento no IRS, a redução ou suspensão dos subsídios de férias e de Natal, sendo que agora lhes é devolvido o subsídio de Natal diluído em 12 meses, os tão polemicamente debatidos “duodécimos”. Esta situação não perspectiva melhoras num futuro próximo, pelo que pode constituir o principal factor de descontentamento dos profissionais em estudo.

Um outro factor que poderá estar na base deste descontentamento relaciona-se com o facto de alguns dos inquiridos, apesar de serem detentores de formação superior na área, estarem sob contratos de categorias inferiores aos de Técnico Superior, vendo, para além das suas capacidades não reconhecidas, as suas progressões de carreira congeladas desde 2005. Estas alterações do salário e congelamentos de progressão da carreira poderão justificar a alta taxa de descontentamento com a remuneração apresentada pelos inquiridos neste estudo. O descontentamento incidirá, no entanto, mais sobre a sua posição enquanto funcionários públicos, e não tanto quanto à função de bibliotecários.

Contudo, apesar deste visível descontentamento em torno da remuneração, os bibliotecários apresentam uma tendência para considerarem a sua profissão respeitada, com um papel social relevante na sociedade, que inspira confiança nos utilizadores, sendo sobretudo uma profissão importante para a promoção da cultura. Afastando-se da imagem de profissão rotineira e desinteressante, consideram a carreira apelativa e, por conseguinte, estariam dispostos a aconselhar a mesma a terceiros (ver Tabela 11).

Tabela 11. Distribuição da amostra relativa à variável Status Profissional/Estereótipo

Esta profissão possibilita-me uma ascensão profissional apelativa.	Média IC_{95%}	2.43 [2.29-2.57]
Não aconselharia ninguém a seguir esta carreira.	Média IC_{95%}	1.83 [1.69-1.97]
O bibliotecário é uma profissão respeitada pelas outras profissões.	Média IC_{95%}	2.84 [2.71-2.97]
Sinto que desvalorizam o meu trabalho enquanto bibliotecário.	Média IC_{95%}	2.78 [2.65-2.92]
Os bibliotecários inspiram confiança nos utilizadores.	Média IC_{95%}	3.86 [3.75-3.96]
O bibliotecário é uma profissão admirada pelas outras profissões.	Média IC_{95%}	2.72 [2.60-2.84]
Esta profissão é importante para a promoção da cultura.	Média IC_{95%}	4.62 [4.53-4.75]
Enquanto profissional de bibliotecas públicas, o meu papel social é relevante e reconhecido pela comunidade.	Média IC_{95%}	3.64 [3.52-3.76]
As tarefas que desempenho são desinteressantes, rotineiras e monótonas.	Média IC_{95%}	1.69 [1.55-1.82]
Gostaria de seguir uma carreira mais útil para a sociedade.	Média IC_{95%}	1.99 [1.85-2.13]
Desempenho uma profissão com pouco prestígio.	Média IC_{95%}	2.44 [2.30-2.58]
Enquanto bibliotecário não desempenho uma função com grande importância social.	Média IC_{95%}	1.84 [1.69-1.99]

Interessante salientar dois pontos nesta análise: a importância da profissão para a promoção da cultura e o facto de a profissão inspirar confiança nos utilizadores. Duas palavras vinculadas à profissão: Cultura e Confiança.

O profissional de biblioteca é visto pelos próprios bibliotecários como um agente educativo, com uma enorme responsabilidade cultural no local onde actua. O *Bibliotecário F* aponta-nos ainda para a importância que a cultura deve ter não só na vida profissional como na sua vida pessoal: *“A profissão nunca deve deixar de estar vinculada à vida cultural. É importante que o bibliotecário seja um intelectual da cultura e procure promover a cultura não só profissionalmente, mas que esta faça parte intrínseca da sua vida pessoal”*. Já o *Bibliotecário J* chama a atenção para a confiança que o utilizador deposita no profissional de biblioteca, devido à capacidade de organização e serviço de referência.

Contudo, e confirmando a terceira hipótese desta dissertação, o estereótipo do bibliotecário é uma realidade que todos os bibliotecários entrevistados consideram existir, apesar de defenderem que esse estereótipo já não representa a realidade actual dos profissionais e que está apenas associado às funções técnicas de tratamento documental (Bibliotecário H). Persiste ainda a imagem de *“velhinha no carrinho dos li-*

vros, com o carrapito e óculos, o chamado “rato de biblioteca” salientada pelo Bibliotecário I e completada pelo Bibliotecário E, ou da “velha de óculos na ponta do nariz, pedindo silêncio a todo o instante”. Também assume a imagem de bibliotecário culto e intelectual salientada pelo Bibliotecário A e H, ou de bibliotecário “chato” e organizado que nos é apresentada pelo Bibliotecário J, e a ideia de um “Guarda-Livros” comentado pelo Bibliotecário D. Apesar de imagens diferentes, o facto é que permanece presente nas preo- cupações de alguns bibliotecários a ideia de que a sociedade os vê como “*indivíduos estranhos*” (Bibliotecário E). Este estereótipo ganha ainda mais força quando confrontados com a imagem de funcionário público, bem como todos os estereótipos que lhe estão conotados: “*a ideia de que o funcionário público não faz nada e passa a vida a passear, que não cumpre horários...*” (Bibliotecário A).

Parece-nos que esta imagem de uma profissão reconhecida, útil e valorizada é única e exclusivamente vista pelos seus próprios profissionais, culpabilizando a sociedade por não reconhecer utilidade na Biblioteca, e desconhecer as suas capacidades e competências, o que se reflecte na fraca adesão aos serviços que a mesma oferece. Vejamos alguns depoimentos das entrevistas:

A imagem aqui em Portugal é marcada por uma nação iletrada. No fundo, para que serve a Biblioteca? Hoje em dia é mais um local a funcionar como um ponto de acesso à internet. Penso que as pessoas não lêem e nem sequer sabem o que faz/é um bibliotecário. (...) Dói quando acham que não fazemos nada. Dói quando os (não)leitores não precisam da biblioteca, o nosso trabalho parece inútil... (...) Cá em Portugal existe uma nítida fraca adesão aos serviços da biblioteca, nem entendem ao certo para que serve. (...)A profissão acaba por ser sobretudo desvalorizada por não acharem ser uma profissão relevante e útil na sociedade, mesmo pelos nossos superiores políticos. (Bibliotecário A)

Pessoalmente só me afecta enquanto profissional, a imagem desactualizada que passa do bibliotecário como alguém que “não faz nada” e se limita a arrumar livros nas estantes. (...) sentimento de não reconhecimento da profissão. (Bibliotecário B)

Considero que o estereótipo é quase sempre de índole negativa sobretudo por aqueles que não utilizam a biblioteca e não conhecem o bibliotecário nem o seu trabalho (Bibliotecário C)

Sim, existe a ideia generalizada da bibliotecária de óculos que lê muito. Mesmo as pessoas que pertencem a este meio usam a imagem como “piada”, e essa “piada” ainda pega. Não é uma questão histórica já. É algo muito enraizado que dura até aos nossos dias. (...) o facto de perguntarem o porquê de tantos bibliotecários para uma só biblioteca. E mais uma vez, o desconhecimento em relação à função de bibliotecário. (Bibliotecário D)

Por este mesmo motivo, alguns bibliotecários incitam à desvalorização das imagens redutoras da profissão que permanecem na cultura popular (Bibliotecário F) e apelam à auto-consciência da qualidade do seu próprio trabalho e utilidade profissional, a fim de dar continuidade a um trabalho desempenhado *“com paixão”* (Bibliotecário A). Enquanto outros, defendem a não desvalorização das imagens independentemente de serem de índole negativa ou positiva (Bibliotecário E), vêem como necessidade a união de esforços para a mudança (Bibliotecário C) para *“mostrar o verdadeiro papel do profissional da informação”* (Bibliotecário B).

Para o *Bibliotecário D* existe ainda uma ligação muito forte com a imagem antiga, pelo que não basta que as pessoas frequentem a biblioteca, mas sim que passem por experiências pessoais para assimilarem de forma mais coesa a importância da profissão, pois como *“não existe uma ideia clara do papel e das funções do bibliotecário,... quanto maior dinamismo tiver a biblioteca mais competências multifacetadas a sociedade atribui ao bibliotecário”*, é por isso necessário consolidar bibliotecas locais dinâmicas para que à imagem de *“Guarda-Livros”* lhes seja acrescentada novas valências.

Todavia, os bibliotecários em Portugal começam a assumir novos papéis e a gozar de um novo estatuto na administração local, pois com os novos equipamentos culturais, assumiram grande protagonismo, tendo-lhes sido reconhecidas outras dinâmicas profissionais que levaram alguns à promoção interna (Bibliotecário F). Agora os bibliotecários assumem funções noutras áreas (cultura, educação, entre outras) dentro da própria administração local (Bibliotecário H). A profissão acaba por desempenhar um papel cada vez mais multifacetado, contribuindo e colaborando com outras áreas; aliás, estas parcerias acabam por ser encaradas como mais-valias para divulgar novas capacidades do bibliotecário e reconhecer-lhe competências na execução dos mais diversos projectos de acção (Bibliotecário D).

Mas estarão os bibliotecários a ser vítimas do estereótipo ou são responsáveis também pela formação do mesmo?

A grande maioria dos autores que defende a existência do estereótipo atribui à sociedade, mas sobretudo aos meios de comunicação, a responsabilidade pelo cultivo da imagem deturpada da realidade; no entanto, a sua permanência deve-se a vários motivos históricos, sociais e culturais, à semelhança do defendido pelo *Bibliotecário C*. Tem, não só relações históricas com a forma como funcionavam as bibliotecas, que

apelavam ao culto do silêncio e conservação do acervo, como implicações próprias da realidade da função desempenhada pelos bibliotecários (Bibliotecário H e J), que apesar de ter passado por várias mudanças ao longo dos anos, permanece enraizada, em parte pela falta de adesão da sociedade, que não frequenta os espaços e por isso desconhece o papel e função do bibliotecário (Bibliotecário A). Alguns bibliotecários entrevistados assumem a responsabilidade da existência destas imagens, pois se são vistos como fechados, protectores do espólio bibliográfico e autoritários quanto ao silêncio do espaço, isso deve-se a si próprios, que realmente assumiram esse papel noutras épocas (Bibliotecário E e I), pois *“não é o estereótipo que prejudica o profissional, a própria pessoa é que pode prejudicar a sua própria imagem”* (Bibliotecário H). Mais se acentua quando não são desenvolvidas estratégias de marketing profissional, que aparentemente em Portugal só agora começam a dar os primeiros passos, ao serem colocadas em discussão, pela Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD), algumas campanhas de promoção profissional (Bibliotecário D). Os bibliotecários começam a defender a necessidade de *“uma classe profissional mais unida, mais coesa, e que seja capaz de “fazer-se ouvir””* (Bibliotecário C).

Numa sociedade onde a velocidade a que se vive impele as pessoas a acreditarem na informação instantânea, aquela informação mais exposta retirada de um determinado momento, a importância da imagem ganha novos contornos. Para Sérgio Serra (2007) a imagem profissional é, não só importante para o reconhecimento social como também para a promoção da profissão e das instituições para as quais trabalham, podendo constituir um meio propiciador de progressão na carreira e na comunicação com os utilizadores, colegas e superiores. Mais ainda, as consequências podem abranger a auto-confiança do profissional, assim como a auto-estima e auto-realização profissional. Começa-se a assistir, hoje em dia, a um esforço acrescido dos bibliotecários portugueses para divulgar uma imagem mais ajustada da profissão. É atribuída maior importância à imagem para obtenção de reconhecimento social, sem descurar o ênfase na qualidade e desempenho profissional. A imagem profissional é vista como relevante para o reconhecimento de qualquer profissão: *“quanto mais positiva for a imagem profissional, mais positiva se torna a imagem que os outros têm em relação a nós”* (Bibliotecário H). Confirmando-se assim a quarta hipótese apresentada nesta dissertação,

relativa ao reconhecimento da importância da imagem que a sociedade tem da profissão para a promoção profissional.

No entanto, estas preocupações em torno da imagem e do estereótipo não parecem afectar a satisfação global com a profissão, sendo que este estudo indica que os bibliotecários a desempenhar funções em bibliotecas públicas em Portugal estão, em geral, satisfeitos com a sua carreira profissional, induzindo respeito próprio, possibilitando a aquisição de novos conhecimentos e aprendizagens que se mostram úteis para a sociedade e que se torna, por isso, um trabalho estimulante (ver Tabela 12).

Tabela 12. Distribuição da amostra relativa à variável Satisfação Global com a Profissão

O trabalho é estimulante e fascinante.	Média IC_{95%}	3.96 [3.84-4.08]
Sou ouvido nas decisões e sugestões que faço no meu trabalho.	Média IC_{95%}	3.56 [3.42-3.69]
O meu trabalho permite-me adquirir novas aprendizagens.	Média IC_{95%}	4.23 [4.10-4.36]
Não deixava a minha profissão mesmo que me oferecessem melhor salário.	Média IC_{95%}	2.79 [2.64-2.94]
Os conhecimentos que adquiro neste trabalho mostram-se úteis para a sociedade.	Média IC_{95%}	4.11 [4.00-4.21]
Enquanto bibliotecário, a minha actividade profissional é prioritária na minha vida.	Média IC_{95%}	2.99 [2.84-3.14]
O meu trabalho proporciona-me um sentimento de respeito por mim próprio.	Média IC_{95%}	4.03 [3.90-4.15]
Penso frequentemente em mudar de profissão.	Média IC_{95%}	2.04 [1.88-2.20]

Como se vê pela análise dos dados, em geral, os bibliotecários estão preocupados com a imagem que deixam transparecer para a sociedade e, como em qualquer outra profissão, desenvolvem mecanismos para quebrar barreiras com o público para o qual trabalham. Procuram a satisfação profissional na utilidade que representam para o seu público e por isso tendem a mostrar-se disponíveis, simpáticos, próximos e a esclarecer os seus utilizadores sobre as verdadeiras funções, valências e capacidades da sua profissão (Bibliotecário I). Através de iniciativas de promoção da leitura que alcance os mais variados públicos, serviços de apoio e formação ao utilizador, bem como na actualização de conhecimentos, os bibliotecários procuram mostrar-se como bons profissionais, pois um bom profissional gera imagens mais positivas para a sociedade.

Numa sociedade de consumo, como a nossa, cada vez mais sujeita a regras de marketing profissional, a imagem transmitida pelo profissional de qualquer área, poderá determinar a sua valorização e aceitação social. É necessária a criação de mecanismos capazes de fortalecer a profissão para que seja dissociada do carácter de invisibilidade que muitas vezes lhe é atribuído pela sociedade. Um bom exemplo de marketing profissional com o objectivo de dar visibilidade à profissão é a campanha desenvolvida pela Ordem dos Arquitectos, “Trabalhar com Arquitectos” (ver Ilustração 9), apostando na distribuição de folhetos que incitavam as pessoas a questionar-se sobre a importância da profissão na vida quotidiana com a simples frase: “Olhe à sua volta. Ainda acha que não precisa de um arquitecto?”



Ilustração 9. Folheto da campanha "Trabalhar com Arquitectos"

E os bibliotecários? Será que a sociedade ainda acha que não precisa de bibliotecários?

Enquanto outras profissões se destacam nas campanhas de marketing, os bibliotecários continuam presos a um passado. Dodds (2009), no seu artigo intitulado “*Advertising the librarian image*”, adverte para a falta de acção dos bibliotecários na sua promoção profissional, pelo que urge agir em prol da valorização profissional na procura por um maior reconhecimento social, dando o primeiro passo na mudança do estereótipo. Em Portugal, já se começa a assistir a um maior empenho destes profissionais na promoção da imagem profissional; prova disso está no grupo de discussão criado na rede social *Facebook* em 2011, *Bibliotecários em Acção*, que tem como pro-

pósito organizar uma “campanha de reconhecimento da importância dos bibliotecários no dia-a-dia do cidadão comum” (Correia, 2011). Passados apenas dez dias da criação do grupo, já este contava com mais de 300 membros. A adesão da comunidade ao grupo foi de tal forma que parecia impulsionar um novo rumo. Neste grupo de discussão foi sugerido, então, a preparação de uma Semana Nacional dos Profissionais de Informação, que tivesse impacto e mobilizasse sobretudo a comunicação social. No entanto, apesar das acesas discussões em torno do tema e das várias sugestões surgidas de campanhas internacionais semelhantes, até à data, a iniciativa não teve qualquer prossecução, em parte, pela dispersão de publicações que a partir daí se sobrepueram. Vários profissionais utilizam o grupo para publicitar as iniciativas das suas bibliotecas locais, fazendo dispersar o verdadeiro objectivo da sua criação. Cram (2005) afirma que os bibliotecários estão mais preocupados em tratar da imagem da biblioteca do que a sua própria imagem (imagem de profissional de biblioteca). Será verdade? Até que ponto o profissional de informação está disposto a promover a sua imagem?

Estes indicadores de preocupação com a imagem parecem, por isso, confirmar a última hipótese apresentada nesta dissertação de que os bibliotecários em Portugal apresentam uma preocupação moderada com a sua imagem profissional, pois, apesar de lhe atribuírem um valor considerável para o reconhecimento social, não desenvolvem com regularidade iniciativas de promoção da mesma.

Pinto e Ochôa (2006), no seu estudo sobre a imagem das competências dos profissionais de informação-documentação, classificaram como de carácter urgente a tomada de medidas que, através da promoção do estatuto social e remuneratório do profissional assim como de uma maior visibilidade da profissão na comunicação social, difundissem uma melhor e mais adequada imagem junto das comunidades. Foi neste sentido que uma última questão foi colocada aos entrevistados, para que indicassem iniciativas que pudessem ser desenvolvidas no âmbito nacional, que auxiliassem na promoção da imagem do bibliotecário. As respostas dos nossos inquiridos indicaram a necessidade de uma maior união profissional para realizar campanhas de marketing de longo alcance:

Trabalho em rede, maior cooperação inter-bibliotecas, criação de uma Ordem dos Bibliotecários, os profissionais desenvolverem produtos de divulgação cultural, maior dinâmica cultural, uma classe profissional mais unida, haver mais atenção a novos pro-

fissionais que têm formação académica na área e promover a nível nacional junto das tutelas e de autarcas portuguesas acções capazes de mostrar que somos importantes e capazes de intervir a nível político, económico, social e cultural. Somos fundamentais ao desenvolvimento de um país justo, formamos cidadãos inclusivos e educamos para a cidadania. (Bibliotecário C)

Campanhas de divulgação da importância do bibliotecário à semelhança da realizada no Reino Unido “Never Underestimate the Importance of a Librarian”. Campanhas de dinamismo da própria biblioteca, tem de ter o seu papel na comunidade e deve por isso promover a sua imagem.

Existe também a componente de relação interpessoal com os utilizadores e outros profissionais. (...) Também a relação com outros técnicos superiores tem de ser natural. (...) É importante reter estas duas ideias: a atitude do bibliotecário face aos utilizadores e a capacidade de interrelacionar com as outras áreas. (Bibliotecário D)

Por um lado, encontros com outros bibliotecários e debate de temas interessantes e atuais; promover eventos demonstrando a importância do papel social e educacional da Biblioteca. No fundo, o que já fazemos.

Por outro, desenvolver maiores laços com a BAD, no sentido de promoção da profissão. (Bibliotecário E)

Iniciativas que possam ser feitas no sentido de divulgar a imagem poderia ser uma campanha de marketing a nível nacional onde uma personalidade, ou várias figuras públicas falarem sobre os bibliotecários que marcaram a sua vida. (Bibliotecário I)

Organizar actividades com várias faixas etárias: trabalhos manuais com crianças, conto de estórias tradicionais/lendas com idosos, clubes de leitura para adultos, visitas guiadas à biblioteca para estudantes, etc...

Organizar pequenos workshops com crianças explicando-lhes tudo o que se pode fazer numa biblioteca e qual a função/importância dos profissionais que nela trabalham, ... (Bibliotecário J)

A mensagem que os bibliotecários entrevistados procuram passar é clara: necessidade de trabalhar em conjunto em prol de uma maior proximidade com o utilizador, através de iniciativas de promoção da leitura que alcance os mais variados públicos, serviços de apoio e formação ao utilizador, bem como na actualização de conhecimentos. Só assim poderão mostrar-se como profissionais qualificados e imprescindíveis para a sociedade, de forma a gerar imagens mais positivas no público.

CONCLUSÃO

A mudança na imagem da profissão é um processo lento e difícil, já que a imagem profissional é uma construção mental, não um objecto. Esta mudança só ocorrerá quando o bibliotecário começar a observar criticamente os processos que desempenha e o ambiente em que está inserido, adaptando-se às constantes transformações da sociedade e direccionando seus produtos e serviços para a comunidade.

(Rocho, 2007)

O interesse e a busca de compreensão da auto-imagem do bibliotecário, partindo de uma perspectiva mais universal e culturalmente abrangente e diversificada até à que reconhecemos como enraizada em Portugal, conduziu a inúmeras descobertas e revelações surpreendentes, que, como vimos, serviram de objecto de estudo neste trabalho. O estudo foi também realizado na tentativa de poder contribuir para a clarificação do papel do bibliotecário, ajudando à remoção de distorções e até preconceitos instalados, e visando a criação de um mais amplo e justo reconhecimento da importância do papel deste profissional na sociedade, bem como uma subsequente e almejada melhoria de condições para os próprios e para os serviços que podem prestar à comunidade.

Uma dessas descobertas está associada a um episódio que passaria quase despercebido no panorama nacional, se não fosse o protagonismo que o principal envolvido viria a alcançar na composição das figuras mais mediáticas da cultura do nosso país. Em 1932, o jornal *O Século* publica um anúncio para preenchimento de uma vaga como conservador-bibliotecário no Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais. Até aqui, nada de novo... Mas eis que uma das personagens (agora considerada) definitivamente marcantes de Portugal do século XX decide candidatar-se ao cargo. Nada mais nada menos que Fernando Pessoa. Sim... o mesmo Fernando Pessoa que hoje nos delicia com obras poético-literárias, afinal, queria ser bibliotecário. Na sua carta de candidatura datada de 16 de Setembro de 1932, Pessoa refere-se desta forma ao anúncio publicado pelo jornal:

No texto do artigo 6, propriamente dito, do Regulamento, diz-se que é necessário que o conservador-bibliotecário seja pessoa de «reconhecida competência e idoneidade». Salvo o que de competência e idoneidade está implícito nas habilitações indicadas como motivo de preferência nos parágrafos do artigo, e portanto se prova documentalmente pelos documentos referentes às indicações de cada parágrafo, a competência e a idonei-

dade não são susceptíveis de prova documental. Incluem, até, elementos como aspecto físico e a educação, que são indocumentáveis por natureza. (Bonnet, 2010)

Claro está que, até pela forma discursivo-argumentativa de resposta ao anúncio, Fernando Pessoa nem sequer viria a ter hipótese de conseguir o lugar a que se candidatava. Deixou-nos, porém, um brilhante testemunho que nos leva a reflectir sobre o paradigma do perfil e requisitos considerado necessários para o exercício da profissão. Um concurso para um lugar como conservador-bibliotecário, no já distanciado ano de 1932, referindo-se à competência, idoneidade, aspecto físico e educação como elementos de importância relevante para execução do cargo. Quais os requisitos que estavam subjacentes ao “aspecto físico”? Aliás, qual a razão de considerar como elemento de candidatura o aspecto físico do candidato?

É sabido que a primeira impressão tem um forte impacto na criação da imagem pessoal, e essa mesma primeira impressão é formada segundo uma influência significativa do sentido da visão (Guedes, 2007); logo, é natural que o aspecto físico represente um factor preponderante na formação da imagem profissional. Hoje em dia, sabe-se que vivemos numa sociedade marcada por uma cultura de aparência, onde a imagem ganha destaque e importância em todas as interacções sociais, e onde a imagem externa é diariamente trabalhada e publicitada. A imagem do bibliotecário é, então, aquilo que as pessoas notam primeiro, a comunicação não-verbal, isto é, o seu corpo, a sua postura, a maneira como se veste, e até o seu penteado.

Muito se tem debatido em torno da imagem profissional e da importância que esta acaba por ter sobre a forma como a profissão é vista e tratada pelos respectivos superiores, sendo que a profissão de bibliotecário parece ser das que mais se debate com esta situação pela forte associação a um sem número de estereótipos que marcam e marcam a sua evolução e desempenho profissional.

De facto, o bibliotecário tem sido ao longo dos anos caricaturado pela cultura popular e viu ser-lhe atribuídas uma diversidade de imagens, desde a velhinha de óculos e coque, à jovem sensual e ao monge guardião do acervo bibliográfico. Todas estas imagens que compõem os mais variados estereótipos em torno da profissão de bibliotecário parecem despertar na classe um sentimento de inconformismo e repulsa que se reflecte em estudos e artigos publicados sobre o tema.

A falta de reconhecimento social, das respectivas capacidades e valências, poderá estar na base de toda esta preocupação em mostrar a verdadeira face da profissão, algo que Dupré (2001) associou a uma obsessão dos profissionais de biblioteca. Será efectivamente uma obsessão dos bibliotecários? Não. A imagem, ou melhor, as imagens estereótipadas existem, e estão presentes no senso comum. Comentários como *“A senhora é bem divertida para quem trabalha na biblioteca”* comportam ideias e imagens pré-concebidas acerca de uma profissão que está em constante mudança e que já em nada se assemelha ao bibliotecário aborrecido, severo, fechado e anti-social que muitas vezes nos serve de molde. Não se assemelha e também não se identifica com essas imagens, e esta falta de identificação poderá transportar uma série de condicionalismos ao nível da auto-estima dos profissionais e, conseqüentemente, na sua auto-realização profissional.

A ideia de que a percepção que os outros têm sobre nós mesmos pode influenciar a forma como nos definimos é a grande questão que envolve os estereótipos em torno da profissão do bibliotecário.

Os estereótipos são conceitos generalizados que as pessoas atribuem a determinado grupo ou classe, impressões criadas a partir de características físicas, comportamentos, costumes de determinado grupo social, que se revelam de crucial importância na formação da percepção dos outros em relação a esse mesmo grupo (Goldstein, 1983). Estas percepções, muitas vezes distorcidas e ilusórias, podem assumir um peso tão importante que se tornam uma “realidade” subentendida. Estas imagens estereótipadas têm por base a falta de conhecimento por parte da sociedade, e por isso, podem ser associadas a um indivíduo, a um grupo social, a papéis sociais e a profissões. Quando os estereótipos se revestem de uma carga negativa, as conseqüências podem ser desastrosas ao nível da formação do auto-conceito dos sujeitos vítimas dessas imagens pré-concebidas, e, quando são associadas a determinadas profissões, podem traduzir-se em entraves à evolução profissional e reconhecimento social (Walter & Baptista, 2007).

Sob uma influência constante das diferentes correntes socioeconómicas, o papel do profissional de biblioteca transforma-se, e com ele, toda a sua imagem se diversifica. Na profissão dos bibliotecários, os estereótipos estão intimamente ligados ao passado da profissão, onde persiste a imagem do “Guardião de Livros”, herdada dos

“monges medievais, guardiões, leitores, conservadores” (Rocho, 2007), sendo posteriormente associada a imagem feminina, fruto da emancipação da mulher no século XIX, que assumiu cargos técnicos com baixas remunerações. Actualmente, à semelhança da imagem atribuída às enfermeiras, as bibliotecárias assumiram igualmente um estereótipo mais associado à sensualidade, pelo que se torna uma imagem corrente na cultura popular. Como vimos, são inúmeras as imagens que sobressaem sobre o profissional de biblioteca, as quais Seale (2008) e Potter (2009) classificam como a *bibliotecária solteirona*, o *bibliotecário disciplinador*, o *bibliotecário comediante*, o *bibliotecário inepto*, o *bibliotecário herói*, o *bibliófilo* e o *bibliotecário caridoso*.

A imagem do profissional de biblioteca assume, assim, diversas facetas, aspectos físicos e formas de estar, como um leque que se desdobra entre as personagens do guardião do saber de Umberto Eco (1980), e do defensor dos bons costumes da velhinha de óculos e coque, que abrange não só a imagem de pessoa culta, como de pessoa rotineira e técnica, que não necessita de grandes propriedades intelectuais para desempenhar o cargo. Esta dicotomia entre bibliotecário culto e o bibliotecário sem formação, entre a bibliotecária velhinha e séria e a bibliotecária sensual e atractiva, poderá estar na base da atribuição de características à profissão que não correspondem à realidade, ou até mesmo, na falta de reconhecimento das valências e capacidades do profissional, gerando consequências internas de falta de realização profissional, bem como consequências externas de não reconhecimento da utilidade da profissão, o que naturalmente se poderá reflectir na atribuição de baixos valores salariais.

Grande parte das imagens estereotipadas foram criadas pelos vários meios de comunicação em massa, desde a cultura cinematográfica à literatura e até mesmo às campanhas publicitárias, e o poder de alcance destas imagens atinge um público muito diversificado. Contudo, os vários estudos sobre o arquétipo do bibliotecário no cinema e na literatura indicam-nos igualmente uma imagem mais moderna da profissão, onde, ainda assim, prevalece a imagem feminina. As campanhas publicitárias optam por imagens mais acentuadas, até porque o seu principal objectivo é causar impacto junto do público e por isso se serve de imagens paradigmáticas como a de bibliotecária com uma certa conotação sexual ou, ao contrário, séria e exigente, quando abordada de uma forma mais cómica. A conotação sexual da bibliotecária pode considerar-se como emergente de uma sociedade ainda marcadamente patriarcal, ou mesmo machista,

que atribui conotações eróticas a figuras femininas cujo arquétipo é de natureza austera e não sensual: a bibliotecária, como a enfermeira ou a freira.

Existem, além disso, algumas ideias que se destacam nas imagens mais difundidas pela cultura popular. Uma delas refere-se à fraca presença masculina na profissão, pois tarefas tecnicistas e simples, que não exigiam grandes esforços intelectuais e responsabilidades, eram habitualmente atribuídas ao gênero feminino. Talvez, por isso, esta profissão era muitas vezes equiparada à profissão de Secretária. Também, em muitos casos, as personagens do gênero masculino que desempenham a função de bibliotecários são retratadas com algumas características femininas, como a sensibilidade (Carmichael, 1992), sendo, por vezes, alvo de conotações relacionadas com a sua orientação sexual.

Outra ideia que se destaca desta análise é a forte associação da profissão ao edifício no qual trabalha. As características que a própria Biblioteca tem, por vezes enquanto edifício austero, frio, fechado e conservador, podem ter repercussões até nas características atribuídas ao próprio profissional. O próprio nome *Biblioteca* já transporta consigo um peso significativo na formação das imagens, e, como tal, a nomenclatura *Bibliotecário* começa a ser alvo de distanciamento por parte de alguns dos seus profissionais, funcionando como estratégia de defesa para com as imagens pré-concebidas e associadas ao nome.

Durante anos, os bibliotecários participaram em acesas discussões em torno do estereótipo da profissão, uns defendendo a premissa de que se deve combater esta imagem e lutar por uma mais ajustada à profissão, como no caso de Kneale (2009), enquanto outros consideram que a auto-imagem do bibliotecário diz mais sobre ele mesmo do que a sua imagem externa - e por isso se deve desvalorizá-la, dando ênfase àquilo que realmente são e como se vêem enquanto profissionais (Cram, 2005). Enquanto isso, multiplicam-se artigos, estudos, blogues, sítios web e páginas nas redes sociais dedicadas ao tema. Mas porquê esta intensa preocupação com a imagem que transmitem para a cultura popular? Estarão os profissionais de biblioteca condicionados na sua auto-imagem por influências externas? Ou é fruto de uma falta de reconhecimento social da utilidade e importância da profissão para esta sociedade dita de informação?

O facto é que a preocupação está presente, e a discussão bem acesa noutros países. Todavia, em Portugal, este assunto parece-nos arredado do foco de atenção. Enquanto, nos Estados Unidos da América, se assiste a uma catadupa de estratégias de marketing profissional, aqui presencia-se um distanciamento do profissional de biblioteca em relação à sua imagem. Em Portugal, os bibliotecários preocupam-se mais com a promoção da imagem da Biblioteca, do que com a promoção da sua própria imagem profissional.

Isso é também o que se pode constatar do resultado desta investigação que pretendeu conhecer a auto-imagem dos bibliotecários de bibliotecas públicas em Portugal, que compõe o universo de estudo.

Após a análise dos dados quantitativos recolhidos a partir dos inquéritos, complementados com os testemunhos manifestados nas entrevistas, procurou-se centrar o foco na detecção do estereótipo português do bibliotecário, tendo como principal objectivo a divulgação de uma imagem mais ajustada dos profissionais de bibliotecas públicas em Portugal, e tentando responder à questão de investigação: qual a auto-imagem profissional dos bibliotecários a desempenhar funções em bibliotecas públicas de Portugal? Desta questão central emergiram outras questões específicas, visando conhecer também a imagem que os bibliotecários acreditam que a sociedade tem deles e se essa mesma imagem está relacionada com a sua auto-imagem real, compreendendo qual a importância que os nossos profissionais atribuem à sua imagem.

De acordo com este estudo, e respondendo à primeira questão de investigação, os bibliotecários em Portugal apresentam uma auto-imagem positiva, baseada na criatividade, simpatia, sentido de organização e responsabilidade. Identificam-se com a nomenclatura *Bibliotecário/a*, pelo que não se inibem de assim se nomearem. Pode-se até dizer que lhes dá um certo orgulho desempenhar esta profissão.

Se alguém ainda está preso à ideia de bibliotecária solteirona, pode ficar a saber que está errado. Em Portugal, na sua grande maioria, os bibliotecários são casados ou a viver em união de facto, pelo que isso, desde já, representa um corte com o estereótipo. E, apesar de pertencerem a uma classe maioritariamente feminina, nota-se um aumento considerável de homens a exercer cargos de bibliotecários, fruto também das novas atribuições de competências dadas pela Sociedade de Informação e da gradual aproximação de competências profissionais entre géneros.

É descartada a imagem de bibliotecário comodista, rotineiro, conservador, anti-social, detalhista e sério, reclamando uma mudança no sentido dos paradigmas actuais, que apontam para uma maior proximidade com o utilizador, apostando numa imagem mais versátil, activa, divertida, sociável e simpática.

E agora uma das grandes questões tendo em vista a dignificação do profissional pela qualificação e especificação de tarefas: sim, existem cursos superiores de biblioteconomia, e, sim, é necessário estudos para desempenhar funções como bibliotecário. Alguns bibliotecários queixaram-se da falta de conhecimento por parte da sociedade que, por vezes, não lhes associa qualidade e preparação intelectuais, pois não acham isso necessário para a execução do cargo. No entanto, os bibliotecários portugueses apresentam um elevado índice de escolaridade e formação específica, sendo que poucos se ficam apenas pela licenciatura.

Persiste, ainda, aquela ideia de que o bibliotecário passa grande parte do seu tempo na leitura das obras que tem na biblioteca – e, afinal, não tem assim um trabalho tão intenso, pois lhe sobra muito tempo para colocar a leitura em dia. Mais uma imagem distorcida! O gosto pela leitura é nítido e um número considerável de bibliotecários reclamou a leitura recreativa como um dos seus interesses, não querendo, porém, isto dizer que o façam no local de trabalho, até porque, nesse espaço, a disponibilidade é do utilizador. Entretanto, os bibliotecários mostraram-se bastante diversificados nos seus gostos e lazeres pessoais: desde viagens ao cinema, à música e à arte de cozinhar, muitos foram os interesses mencionados pelos nossos profissionais. Enfim, não vêem nem vivem só de livros... como lhes é frequentemente associado

E se ainda se constatasse que temos bibliotecários de cabelo comprido solto e bibliotecárias com tatuagens e *piercings*?! E o que pensariam se confirmássemos que, afinal, não usam óculos nem coque? E até que se vestem de maneira casual? Pois é, os bibliotecários em Portugal apesar de estarem representados na sua maioria por indivíduos sem quaisquer alterações aspectuais para o exercício da sua profissão, também nos surge quem fuja à regra. Não andam sempre vestidos de forma formal ou antiquada, e optam muito por formas de vestir descontraídas. Tão pouco se mostram muito adeptos de cabelos presos, preferindo penteados de cabelo solto no local de trabalho. E quanto ao uso de óculos... mais de metade negou o seu uso.

Que imagem é esta então que nos é mostrada pelos bibliotecários? Não pode ser associada directamente a nenhum dos estereótipos anteriormente definidos, nem parecem seguir uma linha condutora e uniformizada. Apesar de não ser possível salientar características comuns a toda a profissão, é possível afirmar que os bibliotecários em Portugal têm presente uma auto-imagem jovem, dinâmica e moderna, própria do seu tempo.

Portanto, verifica-se que a auto-imagem dos bibliotecários em Portugal é positiva e não está directamente ligada ao estereótipo do bibliotecário tradicional. Mas será que esta visão está relacionada com a visão que os bibliotecários acreditam que a sociedade tem deles? Em parte, sim. Os bibliotecários em Portugal consideram também que a sua auto-imagem social é positiva, pelo que se podem encontrar algumas semelhanças com a auto-imagem real, salvo em algumas excepções. Os bibliotecários acreditam que lhes são constantemente atribuídas características, tais como serem detentores de boa memória, cultura e intelectualidade (essenciais para o exercício da profissão), mas não lhes são reconhecidas, de imediato, competências como a criatividade e o espírito crítico. Contudo, considera-se que os grandes avanços da tecnologia, e a consequente adaptação das novas tecnologias de informação à profissão, têm gerado uma evolução na imagem, que é repercutida pelos bibliotecários para a sociedade, pelo que se começa a vê-los de uma forma mais objectiva e favorável.

Ainda assim, persiste a ideia de que a sociedade pouco sabe das verdadeiras funções do bibliotecário, são desconhecidas as suas capacidades e não lhes é reconhecida utilidade pública. Eggert (1996) reuniu alguns depoimentos e concluiu que, mesmo numa população escolarizada, o conhecimento da biblioteca e a construção de um reconhecimento social da profissão ainda são muito vagos. A população, de um modo geral, conhece pouco acerca da profissão, pois para eles esta não é prioridade.

Esta falta de reconhecimento social pode desencadear reacções de fraca auto-estima e de realização profissional. Mas será este o caso dos bibliotecários em Portugal? Surpresa! Contrariando a tendência negativista da realidade portuguesa, os bibliotecários sentem-se bastante satisfeitos e realizados com a sua vida profissional, que lhes possibilita desafios estimulantes, induzida em respeito pelos próprios profissionais e os faz sentirem-se úteis na sociedade para a qual trabalham. Mais ainda, consideram que a sua profissão inspira confiança aos utilizadores, desempenhando papéis sociais e

culturais relevantes e reconhecidos pela própria sociedade. Contudo, verifica-se também um ponto fraco. Como seria inevitável... o salário. Os bibliotecários em Portugal mostram-se bastante descontentes com a sua remuneração mensal, o que, além do desconhecimento e antigos preconceitos sobre a pouca valia atribuída às competências específicas destes profissionais, pode ser explicado pela sua condição enquanto funcionários públicos, sendo por isso o principal alvo nos cortes do Estado perante a crise económica actual.

Assim, e apesar da imagem positiva dos bibliotecários em Portugal, o facto é que a grande maioria considera ainda persistir uma imagem estereotipada da profissão. Algo que tem vindo a mudar, sobretudo com a inauguração dos vários equipamentos culturais a que se tem assistido nos últimos anos. Muitos foram os que assumiram ter passado por experiências pessoais onde a sua profissão era abordada em jeito de brincadeira ou de uma forma que aparentemente indicava desconhecimento. Por esse mesmo motivo, alguns bibliotecários consideram que arquétipo tem de ser debatido, a começar pelos próprios, para que respectivas e sempre renovadas valências sejam atribuídas aos profissionais de biblioteca, a fim de lhes ser reconhecido o valor que acreditam merecer. Do mesmo modo, Rocho (2007) defendia que para os profissionais se afastarem da imagem negativa do estereótipo, deviam impor-se de maneira a ganhar alguma notoriedade social, pois quanto mais informação a sociedade obtiver sobre a profissão dos bibliotecários, menos estereotipada será a visão projectada nos profissionais.

Embora alguns bibliotecários defendam a desvalorização das imagens a eles associadas, o certo é que muitos sugerem formas e iniciativas que podem ser realizadas para dar a conhecer à sociedade uma nova faceta da profissão. Estratégias de marketing profissional, desde campanhas publicitárias à realização de actividades lúdico-recreativas, organização de palestras, debates e até jantares. Todos apelam à união dentro da classe de bibliotecários nacional e defendem uma associação mais activa na defesa dos seus interesses. É ainda proposta por um dos entrevistados a criação de uma Ordem dos Bibliotecários que os representasse perante o poder político nacional.

Contudo, parece-nos pertinente salientar uma das actividades propostas, pela sua criatividade e possibilidade de longo alcance: numa das entrevistas, foi sugerida uma campanha a nível nacional, onde várias figuras públicas testemunhassem sobre

uma experiência com um bibliotecário, como alguém que lhes tivesse marcado a vida. Esta sugestão, pela sua simplicidade e pelo impacto que poderia causar junto da população, fez-nos recordar uma notícia que também deliciou a comunicação social e os bibliotecários internacionais: na sua autobiografia Keith Richards (2011), guitarrista dos Rolling Stones, afirma que o seu grande sonho secreto era ser bibliotecário. Apesar daquele ar roqueiro, cultivava uma grande paixão pelos livros e chegou mesmo a receber formação para organizar a sua biblioteca pessoal. Sem pensar, Keith Richards, havia contribuído para uma estratégia de marketing profissional de longo alcance.

Porém, acima de tudo, mais do que campanhas de marketing profissional, o bibliotecário considera que deve avaliar-se permanentemente e procurar exercer a sua função com profissionalismo, dedicação, empenho, mas, sobretudo, amor à profissão.

As limitações mais salientes deste estudo encontram-se sobretudo direccionadas com a recolha de dados, patente na desconfiança sentida por parte de alguns bibliotecários que se recusavam a partilhar informações tão simples como indicar o número de profissionais com formação superior a trabalhar na biblioteca. Noutros casos, a dificuldade de comunicação teve como base toda a burocracia que envolve a resposta a um único *e-mail*. E muitos outros foram os casos de total indiferença para com o *e-mail* recebido. Apesar destas limitações causadas pela inércia, desconfiança, desconhecimento ou receio de represálias, este projecto acabou por envolver um número significativo de participantes, indicador de um interesse acrescido com o tema em questão.

Em síntese, e sem descurar a necessidade de aprofundamento deste mesmo estudo, recomenda-se, para futuros projectos, a investigação e análise da imagem do bibliotecário vista pela sociedade, como ferramenta de maior consolidação e estratégia de reconhecimento e promoção profissionais. Na continuidade também de estudos anteriores, sugere-se, portanto, uma maior preocupação com a imagem que a profissão deixa transparecer para o seu público. O quebrar de barreiras e o derrube de muros, que pode ser feito com competências únicas e um simples sorriso: simpatia, disponibilidade e profissionalismo. É importante desenvolver uma classe mais unida, onde a partilha de informação e conhecimentos torne possível uma melhoria contínua dos serviços.

Numa sociedade que consome e gera continuamente informação, os bibliotecários ganham, cada vez mais, um papel mais significativo e indispensável, funcionando como mediadores entre a informação e o utilizador. Mais do que nunca, são precisos aqui e agora. E tudo leva a crer que, mais do que nunca, serão de incontornável importância no futuro! Daí a urgência e necessidade de reforçar, dignificar e salientar as valências e capacidades dos bibliotecários/profissionais de informação em prol do bem comum, neste ponto de viragem civilizacional, onde o não acesso à informação e ao conhecimento facilmente poderia degenerar num retrocesso ao caos, por falta de capacidade ordenada de comunicação entre os elementos das múltiplas e distintas sociedades numa era de globalização. Cremos que a crescente auto-consciencialização da importância do papel dos profissionais da área biblioteconómica será, por conseguinte, decisiva para a ratificação de uma elevada consideração e estatuto, com inerente e mais justa retribuição pelos serviços prestados junto das comunidades, sejam elas de âmbito mais regional ou universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Absher, L. (1997). *The lipstick librarian*. Consultado em 13 de Outubro de 2012, de <http://www.lipsticklibrarian.com/index.html>
- Anatomy of a librarian*. (Maio de 2011). Consultado em 8 de Setembro de 2011, de Master Degree Online: <http://master-degree-online.com/infographic-anatomy-of-a-librarian/>
- Arant, W., & Benefiel, C. R. (2002). *The imagem and role of the librarian*. New York: The Haworth Information Press.
- Araújo, P. S. (2010). *O marketing pessoal do bibliotecário: um estudo com os bibliotecários do sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (Trabalho final de Bacharel). Disponível no LUME UFRGS Repositório Digital, <http://hdl.handle.net/10183/27805>.
- Archie Mcphee. (2003). *Librarian Action Figure*. Consultado em 28 de Maio de 2013, de <http://mcphee.com/shop/librarian-action-figure.html>
- Barbosa, M. L. (1995). *A importância de um auto-conceito positivo na formação da identidade das crianças no jardim de infância* (Tese de Mestrado). Porto: FPCEUP.
- Barros, M. e. (2002). *Bibliotecários sem fronteiras*. Consultado em 2 de Outubro de 2012, de <http://bsf.org.br/>
- Blackwelder, M. B., & Dimitroff, A. (July de 1996). The imagem of health sciences librarians: how we see ourselves and how patrons see us. *Bulletin of the Medical Library Association*, 84(3), pp. 345-350.
- Bolander, V. B. (1998). *Sorensen e Luckmann : enfermagem fundamental : abordagem psicofisiológica*. Lisboa: Lusodidacta.
- Bonnet, J. (2010). *Bibliotecas cheias de fantasmas*. Lisboa: Quetzal.
- Bowes, B. (1979). *Between the stacks*. London: Jay Landesman Limited.
- Brewerton, A. (February de 2001). Wear lipstick, have a tattoo, belly-dance, then get naked: the making of a virtual librarian. *NewBreed Librarian*. 1(1). Disponível em <https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/bitstream/handle/1794/1098/v1n1.pdf>
- Cardoso, J. A. (17 de Maio de 2010). *Professora começa hoje a trabalhar no arquivo*. Consultado em 19 de Setembro de 2013, de DN Portugal: http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1571595&seccao=Norte
- Carmichael, J. V. (Outubro/Dezembro de 1992). The male librarian and the feminine image: a survey of stereotype, status, and gender perceptions. *Library and Information Science Research*. 14(4), pp. 411-447.

- Carmichael, J. V. (1996). *The Gay Librarian: A Comparative Analysis of Attitudes Towards Professional Gender Issues*. Consultado em 23 de Setembro de 2013, de http://libres.uncg.edu/ir/uncg/f/J_Carmichael_Gay_1996.pdf
- Castro, C. A. (2000). Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. *Revista Informação e Sociedade*. 10(1). Consultado em 24 de Fevereiro de 2013, de www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/346/268
- Correia, M. M. (20 de Setembro de 2011). *Bibliotecários em Acção [Grupo]*. Consultado em 12 de Agosto de 2013, de Facebook: <https://www.facebook.com/groups/bibliotecariosemacao/>
- Cram, J. (2005). Self love and joy and satisfaction in librarianship. *Australasian Public Libraries and Information Services*. 4(2), p. 75. Consultado em 13 de Fevereiro de 2012, de <http://www.alia.org.au/~jcram>
- Cruz, M. d. (2011). Luz, câmara, ação: a representação da imagem do profissional bibliotecário na filmografia. In *XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência de Informação, Brasil, 7-10 Agosto 2011*. Meceió: Centro Cultural e de Exposições de Maceió.
- Davis, G. (2000). *The image of the librarian: what's in a name?* Consultado em 9 de Outubro de 2012, de http://www.suite101.com/article.cfm/librarians_information_science/50958
- Decreto-Lei nº 121/2008 de 11 de Julho. Diário da República nº133/2008 – I Série. Ministério das Finanças e da Administração Pública.
- Decreto-Lei nº 247/91 de 10 de Julho. Diário da República nº156/91 – I Série-A. Ministério das Finanças.
- DN. (16 de Maio de 2010). *Vereadora diz porque Bruna foi para biblioteca*. Consultado em 5 de Setembro de 2013, de DN Portugal: http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1571284&seccao=Norte
- Dodds, K. (2009). Advertising the librarian image: stereotypical depictions of librarians in advertising. In *PCA-ACA Annual Conference, New Orleans, 8 Abril 2009*.
- Duarte, M. d. (2011). *A supervisão e a (re)construção da auto-imagem profissional* (Tese de Mestrado). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Dupré, D. (2001). *The perception of image and status in the library profession*. Consultado em 14 de Janeiro de 2013, de <http://charro1010.wordpress.com/2009/11/29/the-perception-of-image-and-status-in-the-library-profession-deirdre-dupre/>
- Eco, U. (1980). *O nome da rosa*. Lisboa: Difel.
- Eggert, G. (1996). A percepção social do profissional bibliotecário: uma pesquisa exploratória. *Revista ACB*. 1(1), p. 33-43.

- Elliott, M. A. (1996). *The librarian's stereotyped image in romance novels: 1980-1995: has the image changed?* (Tese de Mestrado). Kent: Kent State University School of Library Science. Disponível na ERIC (No. ED401924).
- Fadiman, J., & Frager, R. (1979). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harper & Row.
- Fagundes, R. (4 de Abril de 2012). *Não sei ser*. Consultado em 2 de Outubro de 2013, de Cítrico Cintilante: <http://ctricocintilante.blogspot.pt/2012/04/nao-sei-ser.html>
- Ferreira, M. J. (2012). *A influência do autoconceito no combate à depressão em contexto de educação e formação de adultos* (Tese de Mestrado). Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- Figueiredo, M. J. (2005). Bases da filosofia política de Aristóteles. *Philosophica*. 26, pp. 129-151.
- Fortin, M.-F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Fraga, N. E., Mattos, C. E., & Cassa, G. d. (Maio/Agosto de 2008). O marketing profissional e suas interfaces: a valorização do bibliotecário em questão. *Perspectivas em Ciência da Informação*. 13(2), pp. 148-167.
- Freixo, M. J. (2011). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas* (3ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Gleitman, H., Fridlund, A. J., & Reisberg, D. (2011). *Psicologia* (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goldstein, J. H. (1983). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois.
- Gordon, R. S. (2006). *The nextgen librarian's survival guide*. Medford: Information Today, Inc.
- Guedes, S. M. (2007). *Como contruir uma boa imagem pessoal e profissional*. Consultado em 30 de Setembro de 2013, de Psicologia.pt: http://www.psicologia.pt/artigos/ver_opiniao.php?codigo=AOP0130
- Hall, A. (1992). Behind the bun, or batgirl was a librarian. *CLA Journal*. 49:5, 345-347.
- Hansenne, M. (2004). *Psicologia da personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- Heline, D., & Heisler, E. (Realizadores). (2010). *No meio do nada* [Série televisiva]. California: ABC Television Network.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2009). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Hughes, K. (March/April de 2003). The Hollywood Librarian : an interview with Ann M. Seidl. *Public Libraries*. 42(1), pp. 82-85.
- Hutchins, D. T. (2000). We aren't a stereotype. *Library journal*. 125(2), p. 57.

- IFLA. (2003). *Os serviços da biblioteca pública : directrizes da IFLA/UNESCO (2001)*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Iturbe, A. G. (2013). *A Bibliotecária de Auschwitz*. Lisboa: Planeta Manuscrito.
- Jacobsen, P. S. (2010). *A imagem do profissional bibliotecário na literatura de ficção* (Trabalho final de Bacharelato). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Kakoulas, M. (6 de Agosto de 2009). *Tattooed librarian calendar*. Consultado em 29 de Setembro de 2013, de needlesandsins.com: http://www.needlesandsins.com/cgi-bin/mt/mt-search1.cgi?blog_id=2&tag=tattooed%20librarians&limit=20
- Kakoulas, M. (18 de Dezembro de 2010). *"Tattooed librarian students of the pacific northwest" calendar*. Consultado em 29 de Setembro de 2013, de needlesandsins.com: <http://www.needlesandsins.com/2010/12/tattooed-librarian-students-of-the-pacific-northwest-calendar.html>
- King, A. (April de 1999). Image is everything: so go get one already. *College & Research Librarie News*. 60(4), pp. 277, 318.
- Kneale, R. A. (2002). *You don't look like a librarian: librarian's views of public perception in the internet age*. Consultado em 24 de Setembro de 2012, de <http://www.librarian-image.net/perc.html>
- Kneale, R. A. (2009). *You don't look like a librarian: shattering stereotypes and creating positive new images in the internet age*. Medford: Information today.
- Kremer, J. M. (1983). A formação dos bibliotecários nos Estados Unidos. *Revisa Palavra-Chave*, São Paulo, n.3, p.17-19. Consultado em 22 de Setembro de 2013, de Extralibris: http://web.archive.org/web/20070126043507/http://academica.extralibris.info/bibliotecario/a_formacao_de_bibliotecarios_n.html
- Lei nº 12-A/2008 de 27 de Fevereiro. Diário da República nº 41/2008 – I Série. Assembleia da República
- Lei nº 64-B/2011 de 30 de Dezembro. Diário da República nº250/2011 – I Série. Assembleia da República
- Lei nº 66-B/2012 de 31 de Dezembro. Diário da República nº252/2012 – I Série. Assembleia da República
- Lima, C. C., & Lima, K. d. (2009). *Auto-imagem do bibliotecário versus a visão social : uma análise da valorização profissional* (Trabalho final de Bacharelato). Maceió: Universidade Federal de Alagoas.
- Lipton Ice Tea. (2005). *Time Out: uma pausa das que valem a pena* [Ficheiro em vídeo]. Consultado em 5 de Setembro de 2013, de <http://www.youtube.com/watch?v=WcXIOvoZwE8>
- Magalhães, A. M., & Alçada, I. (2011). *Uma aventura na biblioteca* (5ª ed.). Alfragide: Caminho.

- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2007). *Fundamentos de metodologia científica* (6ª ed.). S.Paulo: Atlas.
- Maria. (29 de Julho de 2012). *Do Glasses Make the Librarian?* [Mensagem de blogue]. Consultado em 16 de Setembro de 2013, de Pop! Goes de Librarian: <http://5916socialmedia.cci.fsu.edu/~mda10c/?p=68>
- McGarty, C., Yzerbyt, V. Y., & Spears, R. (2002). Social, cultural and cognitive factors in stereotype formation. In *Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups* (pp. 1-15). Cambridge: Cambridge University.
- Meneses, M. L., & Bruges, P. d. (2006). *Mastectomia e autoconceito*. Loures: Lusociência.
- Mercedes-Benz Class E. (2009). *Beauty is nothing without brains* [Ficheiro em vídeo]. Consultado em 25 de Agosto de 2013, de <http://www.youtube.com/watch?v=dFAeBb2QvYU>
- Moraes, M. B., & Lucas, E. d. (Janeiro/Junho de 2012). A Responsabilidade social na formação do bibliotecário brasileiro. *Em Questão*. 18:1, pp. 109-124.
- My Morning Jacket. (2008). [CD]. Librarian. In *Evil Urges* (Vols. Faixa 8, 4 min., 16 seg.). New York: Ato Records.
- Myers, M. J. (1998). *Imagens de bibliotecários na ficção científica e fantasia: incluindo uma lista comentada*. Kentucky: Eastern Kentucky University.
- Neto, F. (1998). *Psicologia social*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Newman, B., & Howeron, E. D. (February de 2012). *This is what a librarian looks like*. Consultado em 8 de Agosto de 2013, de <http://looklikelibraryscience.com/>
- Nunes, M. B. (2007). Leitura, literacias e inclusão social. In J. T. Lopes, *Práticas de dinamização da leitura*. Porto: Sete-Pés - Projectos Artísticos e Culturais.
- Ochôa, P., & Barata, P. J. (2010). *Avaliar o desempenho e gerir a carreira numa fase de turbulência: o caso dos profissionais de Informação-Documentação em organizações públicas*. Consultado em 28 de Setembro de 2013, de Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/187>
- Oliveira, A. B. (2012). *Estereótipo bibliotecário : o profissional da informação no contexto da sociedade contemporânea*. Natal: Feedback.
- Oliveira, Z. C. (1980). *Um estudo da auto-imagem profissional do bibliotecário* (Tese de Mestrado). Brasília: Universidade de Brasília.
- Pagowsky, N. (Novembro de 2012). *Librarian Wardrobe*. Consultado em 5 de Julho de 2013, de <http://librarianwardrobe.com/>

- Pinto, L. G., & Ochôa, P. (2006). *A imagem das competências dos profissionais de Informação- Documentação: relatório*. Lisboa: Observatório da Profissão de Informação- Documentação (OP I-D).
- Potter, N. (July de 2009). *Why are we still defined by our building?* Consultado em 23 de Agosto de 2013, de Thewikiman: <http://thewikiman.org/resources/building.pdf>
- Richards, K. (2011). *Life*. Lisboa: Theoria.
- Rocho, R. D. (2007). *O estereótipo do bibliotecário no cinema* [Trabalho final de Bacharelato]. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul.
- Roggau, Z. (2006). Los bibliotecarios, el estereotipo y la comunidad. *Información, cultura y sociedad*, 15, pp. 13-34.
- Rufus Wainwright. (2012). *Out Of The Game* [Ficheiro em vídeo]. Consultado em 25 de Agosto de 2013, de <http://www.youtube.com/watch?v=6KvTDeHlfl>
- Santos, S. d. (2000). *Estudos sobre as razões da existência de estereótipos e preconceitos em relação à imagem profissional do bibliotecário* [Trabalho final de Bacharelato]. Brasília: Universidade de Brasília.
- Seale, M. (2008). Old maids, policeman, and social rejects: mass media representations and public perceptions of librarians. *Electronic Journal of Academic and Special Librarianship*, 9(1). Consultado em 26 de Julho de 2013, de http://southernlibrarianship.icaap.org/content/v09n01/seale_m01.html
- Serra, A. V. (1986a). A importância do auto-conceito. *Psiquiatria clínica*, 7(2), pp. 57-66.
- Serra, A. V. (1986b). Auto-conceito e ansiedade social. *Psiquiatria clínica*, 7(2), pp. 103-108.
- Serra, A. V. (1988). O auto-conceito. *Análise Psicológica*, 2 (VI), pp. 101-110.
- Serra, A. V., & Pocinho, F. (2001). Auto-conceito, coping e ideias de suicídio. *Psiquiatria Clínica*, 22(1), pp. 9-21.
- Serra, S. (Março de 2007). A importância da gestão da imagem profissional. *Nursing*, 17(219), pp. 17-20.
- Shaw, K. (October de 2003). *Buns on the run: changing the stereotype of the female librarian*. Consultado em 15 de Agosto de 2013, de <http://students.washington.edu/aliss/silverfish/archive/Oct2003/shaw.htm>
- Sigmund, A. H. (2009). *Designing research for publication*. Los Angeles: SAGE.
- Silva, A. L. (2009). *A auto-imagem do profissional bibliotecário na sociedade contemporânea: estudo de caso do Município de Salvador (BA)* (Tese de Mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Steiner, L. (2010). Bernardino traquinas. In *Bernardino traquinas; Os sons da biblioteca* (2ª ed., pp. 3-53). Lisboa: Planeta Editora.

Walker, S., & Lawson, V. L. (1993). The librarian stereotype and the movies. *The journal of academic media librarianship*. 1,1, 16-28.

Walter, M. T. (2008). *Bibliotecários no Brasil: representações da profissão* (Tese de Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília.

Walter, M. T., & Baptista, S. G. (Setembro/Dezembro de 2007). A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. *Informação & Sociedade: Estudos*, 17(3), pp. 27-38.

Weaver, E. (2001). *The bellydancing librarian*. Consultado em 2012 de Setembro de 12, de <http://sonic.net/~erisw/bdlib.html>

ANEXOS

ANEXO 1: QUESTIONÁRIO AOS PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECAS PÚBLI-
CAS - FEMININO

Questionário aos Profissionais de Bibliotecas Públicas



Este questionário, reservado a profissionais de biblioteca a desempenhar funções em Bibliotecas Públicas em Portugal, com formação superior BAD de acordo com o Decreto-Lei nº 247/91, de 10 de Julho, destina-se única e exclusivamente a um projecto de investigação no âmbito do Mestrado de Educação e Bibliotecas da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, para qual pedimos a sua colaboração, garantindo que todos os dados recolhidos serão **anónimos e confidenciais**.

O objecto de estudo deste projecto de investigação visa a abordagem do estereótipo do bibliotecário na cultura popular, e por esse mesmo motivo, algumas questões poderão causar uma certa estranheza; contudo, pedimos para que responda com sinceridade e objectividade.

A sua participação é crucial para o sucesso deste estudo, pelo que se apela que dispense 5 a 10 minutos para responder às 17 perguntas deste questionário.

Este questionário está redigido segundo os instrumentos ortográficos anteriores ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

I. DADOS PESSOAIS

Pedimos-lhe para que responda com informações específicas acerca de si próprio.

1. Indique-nos, por favor, qual o Distrito e Concelho da sua área de trabalho:*

Por favor, escreva aqui a(s) sua(s) resposta(s):

Distrito: _____

Concelho: _____

2. Género *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Masculino

Feminino

3. Idade *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

< 26 anos

26 - 35 anos

36 - 45 anos

46 - 55 anos

56 - 60 anos

> 60 anos

4. Estado Civil *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Solteiro
- Casado / União de Facto
- Divorciado / Separado
- Viúvo

5. Escolaridade *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-Graduação / Especialização
- Mestrado
- Doutoramento

Nota: Escolha o nível de escolaridade mais elevado

5.1. Qual a designação da sua formação na área de Biblioteconomia ou Ciências Documentais / Ciência da Informação - variante Bibliotecas? *

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Por exemplo: Pós-graduação em Ciência da Informação - Variante Bibliotecas, Licenciatura em Ciências da Informação e da Documentação, etc.

6. Vínculo Contratual *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Contrato de trabalho por tempo indeterminado
- Contrato de trabalho a termo resolutivo certo
- Contrato de trabalho a termo resolutivo incerto
- Contrato de prestação de serviços / recibos verdes
- Estágio
- Voluntariado
- Outro: _____

7. Qual a designação que atribui à sua profissão quando tal lhe é questionado?*

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Por Exemplo: Bibliotecário; Profissional da Informação, etc.

II. AUTO-IMAGEM

Percepção que um indivíduo tem de si próprio.

8. Como se caracteriza psicologicamente?

Por favor, pedimos-lhe que seleccione 5 (e apenas 5) características que atribui a si próprio.*

Seleccione 5 respostas

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- | | | |
|-------------------------------------|---|---|
| <input type="checkbox"/> Prático | <input type="checkbox"/> Pró-activo | <input type="checkbox"/> Objectivo |
| <input type="checkbox"/> Criativo | <input type="checkbox"/> Perfeccionista | <input type="checkbox"/> Culto |
| <input type="checkbox"/> Rotineiro | <input type="checkbox"/> Conservador | <input type="checkbox"/> Dinâmico |
| <input type="checkbox"/> Teórico | <input type="checkbox"/> Seguidor | <input type="checkbox"/> Metódico |
| <input type="checkbox"/> Simpático | <input type="checkbox"/> Extrovertido | <input type="checkbox"/> Sensível |
| <input type="checkbox"/> Comodista | <input type="checkbox"/> Inovador | <input type="checkbox"/> Inteligente |
| <input type="checkbox"/> Introverso | <input type="checkbox"/> Anti-social | <input type="checkbox"/> Espírito Crítico |
| <input type="checkbox"/> Sêrio | <input type="checkbox"/> Superficial | <input type="checkbox"/> Detalhista |
| <input type="checkbox"/> Líder | <input type="checkbox"/> Organizado | <input type="checkbox"/> Eficiente |
| <input type="checkbox"/> Sociável | <input type="checkbox"/> Boa memória | <input type="checkbox"/> Responsável |

9. Possui alguma modificação corporal (tatuagens ou piercings)?*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Sim
 Não

9.1. Se sim, quais? *

Por favor, escreva aqui a sua resposta: _____

10. Como caracteriza o modo como se veste e se apresenta no trabalho?*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Formal Casual
 Desportivo Gótico
 Hippie Outro : _____

11. Como costuma usar o seu penteado no local de trabalho?*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Preso Cabelo curto
 Puxo Outro: _____
 Solto

12. Usa óculos? *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Sim
 Não

13. Quais os seus interesses?

Por favor, pedimos-lhe que seleccione 3 (e apenas 3) interesses e/ou hobbies que possua.*

Selecione 3 respostas

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- | | | |
|--|---|---|
| <input type="checkbox"/> Leitura Recreativa | <input type="checkbox"/> Voluntariado | <input type="checkbox"/> Teatro |
| <input type="checkbox"/> Música | <input type="checkbox"/> Viajar / Turismo | <input type="checkbox"/> Arte |
| <input type="checkbox"/> Jardinagem | <input type="checkbox"/> Actividades religiosas | <input type="checkbox"/> Actividades de desporto em equipa (Futebol, Basquetebol, etc.) |
| <input type="checkbox"/> Passatempos ao ar livre | <input type="checkbox"/> Animais de estimação | <input type="checkbox"/> Jogos de computador |
| <input type="checkbox"/> Cozinhar | <input type="checkbox"/> Artes Marciais | <input type="checkbox"/> Moda |
| <input type="checkbox"/> Jogos de cartas | <input type="checkbox"/> Poesia | <input type="checkbox"/> Antiguidades |
| <input type="checkbox"/> Filmes / Cinema | <input type="checkbox"/> Ciências ocultas | <input type="checkbox"/> Redes Sociais |
| <input type="checkbox"/> Fotografia | <input type="checkbox"/> Reality shows | <input type="checkbox"/> Carros e Motociclos |
| <input type="checkbox"/> Exercício Físico / Gi-násio | <input type="checkbox"/> Dança | <input type="checkbox"/> História |
| <input type="checkbox"/> Pintura e Escultura | <input type="checkbox"/> Novelas | <input type="checkbox"/> Outro: |
| <input type="checkbox"/> Caminhadas / Corridas | <input type="checkbox"/> Escrita criativa | _____ |
| | <input type="checkbox"/> Computadores | |

14. Como se identifica? *

Pedimos-lhe que seleccione a imagem com a qual mais se identifica enquanto profissional de biblioteca.

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:



Evelyn Carnahan (A Múmia, 1999/2001)



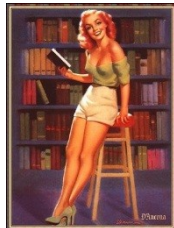
Tom Grill / Corbis



Batman series (ca 1960)



Tattooed Librarians of the Pacific Northwest Calendars (2011)



Edward D'Ancona



Party Girl (1995)

III. AUTO-IMAGEM SOCIAL

Imagem que o indivíduo tem de si, tendo em conta a opinião dos outros, ou seja, forma como acredita que é visto pela sociedade.

15. Como pensa que os seus utilizadores o vêem?

Por favor, pedimos-lhe que seleccione 5 (e apenas 5) características que considera que os utilizadores atribuem à sua imagem.*

Selecione 5 respostas

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- | | | |
|-------------------------------------|---|---|
| <input type="checkbox"/> Prático | <input type="checkbox"/> Pró-activo | <input type="checkbox"/> Objectivo |
| <input type="checkbox"/> Criativo | <input type="checkbox"/> Perfeccionista | <input type="checkbox"/> Culto |
| <input type="checkbox"/> Rotineiro | <input type="checkbox"/> Conservador | <input type="checkbox"/> Dinâmico |
| <input type="checkbox"/> Teórico | <input type="checkbox"/> Seguidor | <input type="checkbox"/> Metódico |
| <input type="checkbox"/> Simpático | <input type="checkbox"/> Extrovertido | <input type="checkbox"/> Sensível |
| <input type="checkbox"/> Comodista | <input type="checkbox"/> Inovador | <input type="checkbox"/> Inteligente |
| <input type="checkbox"/> Introverso | <input type="checkbox"/> Anti-social | <input type="checkbox"/> Espírito Crítico |
| <input type="checkbox"/> Sério | <input type="checkbox"/> Superficial | <input type="checkbox"/> Detalhista |
| <input type="checkbox"/> Líder | <input type="checkbox"/> Organizado | <input type="checkbox"/> Eficiente |
| <input type="checkbox"/> Sociável | <input type="checkbox"/> Boa memória | <input type="checkbox"/> Responsável |

16. Como pensa que os seus utilizadores o vêem?

Afastando a imagem que tem de si próprio, pedimos-lhe que seleccione a imagem que mais se aproxima da percepção que considera que a sociedade tem de si enquanto profissional de biblioteca.*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Imagens da autoria de Carlos Mike Cunha



IV. REALIZAÇÃO PROFISSIONAL

17. Qual o seu grau de satisfação profissional?

Por favor use a seguinte escala para exprimir o seu grau de concordância com as afirmações que se seguem e seleccione o quadro correspondente. *

- 1- **Discordo Totalmente**
- 2- **Discordo**
- 3- **Concordo Parcialmente**
- 4- **Concordo**
- 5- **Concordo Totalmente**

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	1	2	3	4	5
Considero o meu trabalho bem remunerado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O trabalho é estimulante e fascinante.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Esta profissão possibilita-me uma ascensão profissional apelativa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se não fosse a remuneração, não estaria neste emprego.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não aconselharia ninguém a seguir esta carreira.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As tarefas que desempenho são desinteressantes, rotineiras e monótonas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou ouvido nas decisões e sugestões que faço no meu trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gostaria de seguir uma carreira mais útil para a sociedade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não deixava a minha profissão mesmo que me oferecessem melhor salário.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enquanto bibliotecário, a minha actividade profissional é prioritária na minha vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A minha remuneração está abaixo das minhas expectativas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu trabalho permite-me adquirir novas aprendizagens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu trabalho proporciona-me um sentimento de respeito por mim próprio.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Penso frequentemente em mudar de profissão.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou satisfeito com o ordenado que ganho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O bibliotecário é uma profissão respeitada pelas outras profissões.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto que desvalorizam o meu trabalho enquanto bibliotecário.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	1	2	3	4	5
Os bibliotecários inspiram confiança nos utilizadores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O bibliotecário é uma profissão admirada pelas outras profissões.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enquanto bibliotecário não desempenho uma função com grande importância social.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desempenho uma profissão com pouco prestígio.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os conhecimentos que adquiero neste trabalho mostram-se úteis para a sociedade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Esta profissão é importante para a promoção da cultura.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enquanto profissional de bibliotecas públicas, o meu papel social é relevante e reconhecido pela comunidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A responsável pelo estudo agradece a sua participação.



ANEXO 2: QUESTIONÁRIO AOS PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS – MASCULINO

Questionário aos Profissionais de Bibliotecas Públicas



Este questionário, reservado a profissionais de biblioteca a desempenhar funções em Bibliotecas Públicas em Portugal, com formação superior BAD de acordo com o Decreto-Lei nº 247/91, de 10 de Julho, destina-se única e exclusivamente a um projecto de investigação no âmbito do Mestrado de Educação e Bibliotecas da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, para qual pedimos a sua colaboração, garantindo que todos os dados recolhidos serão **anónimos e confidenciais**.

O objecto de estudo deste projecto de investigação visa a abordagem do estereótipo do bibliotecário na cultura popular, e por esse mesmo motivo, algumas questões poderão causar uma certa estranheza; contudo, pedimos para que responda com sinceridade e objectividade.

A sua participação é crucial para o sucesso deste estudo, pelo que se apela que dispense 5 a 10 minutos para responder às 17 perguntas deste questionário.

Este questionário está redigido segundo os instrumentos ortográficos anteriores ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

I. DADOS PESSOAIS

Pedimos-lhe para que responda com informações específicas acerca de si próprio.

1. Indique-nos, por favor, qual o Distrito e Concelho da sua área de trabalho:*

Por favor, escreva aqui a(s) sua(s) resposta(s):

Distrito: _____

Concelho: _____

2. Género *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Masculino

Feminino

3. Idade *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

< 26 anos

26 - 35 anos

36 - 45 anos

46 - 55 anos

56 - 60 anos

> 60 anos

4. Estado Civil *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Solteiro
- Casado / União de Facto
- Divorciado / Separado
- Viúvo

5. Escolaridade *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-Graduação / Especialização
- Mestrado
- Doutoramento

Nota: Escolha o nível de escolaridade mais elevado

5.1. Qual a designação da sua formação na área de Biblioteconomia ou Ciências Documentais / Ciência da Informação - variante Bibliotecas? *

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Por exemplo: Pós-graduação em Ciência da Informação - Variante Bibliotecas, Licenciatura em Ciências da Informação e da Documentação, etc.

6. Vínculo Contratual *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Contrato de trabalho por tempo indeterminado
- Contrato de trabalho a termo resolutivo certo
- Contrato de trabalho a termo resolutivo incerto
- Contrato de prestação de serviços / recibos verdes
- Estágio
- Voluntariado
- Outro: _____

7. Qual a designação que atribui à sua profissão quando tal lhe é questionado?*

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Por Exemplo: Bibliotecário; Profissional da Informação, etc.

II. AUTO-IMAGEM

Percepção que um indivíduo tem de si próprio.

8. Como se caracteriza psicologicamente?

Por favor, pedimos-lhe que seleccione 5 (e apenas 5) características que atribui a si próprio.*

Seleccione 5 respostas

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- | | | |
|-------------------------------------|---|---|
| <input type="checkbox"/> Prático | <input type="checkbox"/> Pró-activo | <input type="checkbox"/> Objectivo |
| <input type="checkbox"/> Criativo | <input type="checkbox"/> Perfeccionista | <input type="checkbox"/> Culto |
| <input type="checkbox"/> Rotineiro | <input type="checkbox"/> Conservador | <input type="checkbox"/> Dinâmico |
| <input type="checkbox"/> Teórico | <input type="checkbox"/> Seguidor | <input type="checkbox"/> Metódico |
| <input type="checkbox"/> Simpático | <input type="checkbox"/> Extrovertido | <input type="checkbox"/> Sensível |
| <input type="checkbox"/> Comodista | <input type="checkbox"/> Inovador | <input type="checkbox"/> Inteligente |
| <input type="checkbox"/> Introverso | <input type="checkbox"/> Anti-social | <input type="checkbox"/> Espírito Crítico |
| <input type="checkbox"/> Sêrio | <input type="checkbox"/> Superficial | <input type="checkbox"/> Detalhista |
| <input type="checkbox"/> Líder | <input type="checkbox"/> Organizado | <input type="checkbox"/> Eficiente |
| <input type="checkbox"/> Sociável | <input type="checkbox"/> Boa memória | <input type="checkbox"/> Responsável |

9. Possui alguma modificação corporal (tatuagens ou piercings)?*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Sim
 Não

9.1. Se sim, quais? *

Por favor, escreva aqui a sua resposta: _____

10. Como caracteriza o modo como se veste e se apresenta no trabalho?*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="radio"/> Formal | <input type="radio"/> Casual |
| <input type="radio"/> Desportivo | <input type="radio"/> Gótico |
| <input type="radio"/> Hippie | <input type="radio"/> Outro : _____ |

11. Como costuma usar o seu penteado no local de trabalho?*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- | | |
|-----------------------------|------------------------------------|
| <input type="radio"/> Preso | <input type="radio"/> Cabelo curto |
| <input type="radio"/> Puxo | <input type="radio"/> Outro: _____ |
| <input type="radio"/> Solto | |

12. Usa óculos? *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- Sim
 Não

13. Quais os seus interesses?

Por favor, pedimos-lhe que seleccione 3 (e apenas 3) interesses e/ou hobbies que possua.*

Selecione 3 respostas

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- | | | |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Leitura Recreativa | <input type="checkbox"/> Voluntariado | <input type="checkbox"/> Teatro |
| <input type="checkbox"/> Música | <input type="checkbox"/> Viajar / Turismo | <input type="checkbox"/> Arte |
| <input type="checkbox"/> Jardinagem | <input type="checkbox"/> Actividades religiosas | <input type="checkbox"/> Actividades de desporto em equipa (Futebol, Basquetebol, etc.) |
| <input type="checkbox"/> Passatempos ao ar livre | <input type="checkbox"/> Animais de estimação | <input type="checkbox"/> Jogos de computador |
| <input type="checkbox"/> Cozinhar | <input type="checkbox"/> Artes Marciais | <input type="checkbox"/> Moda |
| <input type="checkbox"/> Jogos de cartas | <input type="checkbox"/> Poesia | <input type="checkbox"/> Antiguidades |
| <input type="checkbox"/> Filmes / Cinema | <input type="checkbox"/> Ciências ocultas | <input type="checkbox"/> Redes Sociais |
| <input type="checkbox"/> Fotografia | <input type="checkbox"/> Reality shows | <input type="checkbox"/> Carros e Motociclos |
| <input type="checkbox"/> Exercício Físico / Ginásio | <input type="checkbox"/> Dança | <input type="checkbox"/> História |
| <input type="checkbox"/> Pintura e Escultura | <input type="checkbox"/> Novelas | <input type="checkbox"/> Outro: |
| <input type="checkbox"/> Caminhadas / Corridas | <input type="checkbox"/> Escrita criativa | _____ |
| | <input type="checkbox"/> Computadores | |

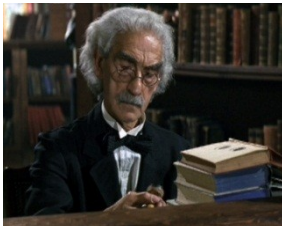
14. Como se identifica? *

Pedimos-lhe que seleccione a imagem com a qual mais se identifica enquanto profissional de biblioteca.

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:



The Librarian (2004, 2006, 2009)



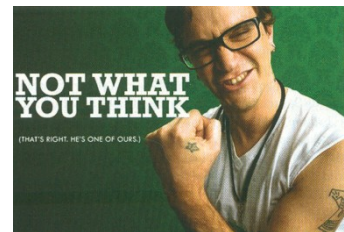
Indiana Jones and the Last Crusade (1989)



Sophie's Choice (1982)



Conan the Librarian - UHF (1985)



Chicago Public Library ad campaign (2009)



The Time Machine (2002)

III. AUTO-IMAGEM SOCIAL

Imagem que o indivíduo tem de si, tendo em conta a opinião dos outros, ou seja, forma como acredita que é visto pela sociedade.

15. Como pensa que os seus utilizadores o vêem?

Por favor, pedimos-lhe que seleccione 5 (e apenas 5) características que considera que os utilizadores atribuem à sua imagem.*

Selecione 5 respostas

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- | | | |
|-------------------------------------|---|---|
| <input type="checkbox"/> Prático | <input type="checkbox"/> Pró-activo | <input type="checkbox"/> Objectivo |
| <input type="checkbox"/> Criativo | <input type="checkbox"/> Perfeccionista | <input type="checkbox"/> Culto |
| <input type="checkbox"/> Rotineiro | <input type="checkbox"/> Conservador | <input type="checkbox"/> Dinâmico |
| <input type="checkbox"/> Teórico | <input type="checkbox"/> Seguidor | <input type="checkbox"/> Metódico |
| <input type="checkbox"/> Simpático | <input type="checkbox"/> Extrovertido | <input type="checkbox"/> Sensível |
| <input type="checkbox"/> Comodista | <input type="checkbox"/> Inovador | <input type="checkbox"/> Inteligente |
| <input type="checkbox"/> Introverso | <input type="checkbox"/> Anti-social | <input type="checkbox"/> Espírito Crítico |
| <input type="checkbox"/> Sério | <input type="checkbox"/> Superficial | <input type="checkbox"/> Detalhista |
| <input type="checkbox"/> Líder | <input type="checkbox"/> Organizado | <input type="checkbox"/> Eficiente |
| <input type="checkbox"/> Sociável | <input type="checkbox"/> Boa memória | <input type="checkbox"/> Responsável |

16. Como pensa que os seus utilizadores o vêem?

Afastando a imagem que tem de si próprio, pedimos-lhe que seleccione a imagem que mais se aproxima da percepção que considera que a sociedade tem de si enquanto profissional de biblioteca.*

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

Imagens da autoria de Carlos Mike Cunha



IV. REALIZAÇÃO PROFISSIONAL

17. Qual o seu grau de satisfação profissional?

Por favor use a seguinte escala para exprimir o seu grau de concordância com as afirmações que se seguem e seleccione o quadro correspondente. *

- 1- **Discordo Totalmente**
- 2- **Discordo**
- 3- **Concordo Parcialmente**
- 4- **Concordo**
- 5- **Concordo Totalmente**

Por favor, seleccione uma resposta apropriada para cada item:

	1	2	3	4	5
Considero o meu trabalho bem remunerado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O trabalho é estimulante e fascinante.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Esta profissão possibilita-me uma ascensão profissional apelativa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se não fosse a remuneração, não estaria neste emprego.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não aconselharia ninguém a seguir esta carreira.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As tarefas que desempenho são desinteressantes, rotineiras e monótonas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sou ouvido nas decisões e sugestões que faço no meu trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gostaria de seguir uma carreira mais útil para a sociedade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não deixava a minha profissão mesmo que me oferecessem melhor salário.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enquanto bibliotecário, a minha actividade profissional é prioritária na minha vida.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A minha remuneração está abaixo das minhas expectativas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu trabalho permite-me adquirir novas aprendizagens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu trabalho proporciona-me um sentimento de respeito por mim próprio.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Penso frequentemente em mudar de profissão.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou satisfeito com o ordenado que ganho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O bibliotecário é uma profissão respeitada pelas outras profissões.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto que desvalorizam o meu trabalho enquanto bibliotecário.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	1	2	3	4	5
Os bibliotecários inspiram confiança nos utilizadores.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O bibliotecário é uma profissão admirada pelas outras profissões.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enquanto bibliotecário não desempenho uma função com grande importância social.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desempenho uma profissão com pouco prestígio.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os conhecimentos que adquirei neste trabalho mostram-se úteis para a sociedade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Esta profissão é importante para a promoção da cultura.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enquanto profissional de bibliotecas públicas, o meu papel social é relevante e reconhecido pela comunidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A responsável pelo estudo agradece a sua participação.



ANEXO 3: GUIÃO DA ENTREVISTA

Esta entrevista tem como objectivo investigar as opiniões dos profissionais de informação sobre o estereótipo do bibliotecário e a importância dada à imagem profissional transmitida.

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário?

Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?

(No caso de resposta afirmativa):

- Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido?
ou
- Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.

Já passou por alguma experiência caricata?

(No caso de resposta negativa)

Acha que o estereótipo é uma obsessão dos bibliotecários?

Devemos desvalorizar as imagens com que somos confrontados constantemente?

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode reflectir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

ANEXO 4: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA BIBLIOTECÁRIO A

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário?

Deve haver... Mas a imagem/estatuto do(a) bibliotecário(a) depende, a meu ver, de 3 factores: 1) somos uma nação iletrada; 2) os doutores e a cultura são tratados como inacessíveis, algo que causa insegurança, receio de não saber falar e estar por parte do(a) interlocutor(a); 3) somos funcionários públicos.

As pessoas não lêem, não vêem utilidade na Biblioteca, para que precisam da Biblioteca? De livros?

E a ajudar está que o maior número de utilizadores de uma biblioteca está na Sala Multimédia = Internet = jogos.

Costumo citar parte de uma música dos Dire Straits “we have just one world, but we live in different ones” e é assim que me sinto. A imagem aqui em Portugal é marcada por uma nação iletrada. No fundo, para que serve a Biblioteca? Hoje em dia é mais um local a funcionar como um ponto de acesso à internet. Penso que as pessoas não lêem e nem sequer sabem o que faz/é um bibliotecário.

Mais ainda que o estereótipo em torno do bibliotecário existe um estereótipo em torno da figura do funcionário público. A ideia de que o funcionário público não faz nada e passa a vida a passear, que não cumpre horários, é uma imagem muito mais marcante do que a imagem que transparecemos enquanto bibliotecários (porque na rua todos nos vêem, na biblioteca...).

Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?

Não me é indiferente, porque gosto imenso do que faço e adoraria partilhar a leitura com todos, partilhar os livros com todos... Dói quando acham que não fazemos nada. Dói quando os (não)leitores não precisam da biblioteca, o nosso trabalho parece inútil... Sou bibliotecária há 13 anos, e nos meus primeiros anos de serviço sentia revolta, a partir de 2009 essa revolta se tornou mágoa, hoje em dia apenas sinto resignação. Costumo dizer que deixei de ser bibliotecária em 2009, agora apenas me resigno.

Os(as) novos(as) bibliotecários(as) que apareceram com as novas bibliotecas da RNBP, são muito diferentes do pessoal que antes trabalhava nas bibliotecas (= armazéns de livros, frios, silenciosos, com arrumação tipo armazém), agora as bibliotecas são espaços vivos e os(as) bibliotecários(as) são pessoas activas, disponíveis... A imagem já não depende só de nós, é mais uma imagem enraizada. E porque as pessoas não vão à biblioteca, é difícil mudá-la, por desconhecimento. Cá em Portugal existe uma nítida frac adesão aos serviços da biblioteca, nem entendem ao certo para que serve. Quem lê,

de uma forma geral, quer o último livro que saiu, apenas se interessam por obras recentes e compram-nas... Quem gosta de ler, vai à biblioteca e lê, escolhe perante aquela manancial de obras fantásticas, umas mais que outras, claro! Para muita gente (é essa a opinião com que me confronto) só vai à biblioteca quem não tem computador, quem não tem livros em casa, quem não tem dinheiro! (Pois, porque somos uma nação de gente rica!!) Ir à biblioteca é algo que é feito pelos que não “têm nada”. O facto de ser uma sociedade que corre constantemente para algum lado, que vê programas de TV que não têm princípio nem meio nem fim, excluem qualquer poder crítico, qualquer exercício mental (verdadeira sociedade de consumo em acção!) e a conseqüente falta de tempo para parar e pensar e até, quem sabe, ler, é talvez o maior responsável pela existência do estereótipo.

Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido?

Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.

Não é negativo nem positivo. Considero até que a figura de bibliotecário moderna é bastante positiva mas não há pessoas suficientes a frequentar bibliotecas para a podermos mostrar. Se olharmos para o facto de nos verem como pessoas cultas, o que à priori parece ser uma imagem positiva, pode depois contribuir para o afastamento das pessoas em relação a nós, por nos acharem inacessíveis, fechados e têm medo de nos interpelar por achar que depois não nos irão compreender. É preciso desmistificar esta imagem de culto, e combater a falta de informação e de estudos desta sociedade.

Já passou por alguma experiência caricata?

Não sei se aplica, mas quando comecei a trabalhar, (vim como responsável da Biblioteca Municipal) às vezes entravam pessoas na Biblioteca que vinham à procura do antigo funcionário da Biblioteca que lhes fazia os papeis do IRS, escrevia cartas, etc. (ele não sabia, mas era um verdadeiro funcionário da biblioteca! Eu apresentava-me como a nova funcionária, e eles achavam que eu dependia do Curador do Museu, ou seja, eu tinha um Chefe Homem, aquele “armazém onde eu trabalhava cheio de livros” pertencia ao Museu!

Acha que o estereótipo é uma obsessão dos bibliotecários?

Devemos desvalorizar as imagens com que somos confrontados constantemente?

Não acho que seja uma obsessão e acho até que devíamos desvalorizar estas imagens. E continuar o nosso trabalho (com paixão).

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode refletir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

Em certa parte sim, o facto de ser uma pessoa com boa disposição, extrovertida e divertida faz com que por vezes não seja levada a sério. A profissão acaba por ser sobretudo desvalorizada por não acharem ser uma profissão relevante e útil na sociedade, mesmo pelos nossos superiores políticos.

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

Preocupo-me bastante com a imagem que transmitimos (a equipa da “minha” biblioteca), a forma como nos vestimos e nos apresentamos no local de trabalho para termos uma imagem acessível e descontraída, que cativa e não afaste ou assuste. Também pela minha personalidade alegre e descontraída, costumo ser bastante informal na maneira de vestir (pessoalmente não gosto de fatos nem fardas), sou alegre e procuro vestir-me como tal. Considero sobretudo que ser bibliotecário é uma missão, e deve promover a leitura – gostava que todos descobrissem o prazer de ler -, procuro por isso ser acessível e convidar as pessoas a entrar e ver exposições comigo, quebrar medos e receios em relação à biblioteca em si e em relação a nós. A verdade é que num meio pequeno, acabam depois por nos ver mais como pessoas do que como profissionais. Procuramos (a equipa da Biblioteca) sorrir sempre, conversar e responder a tudo o que nos é solicitado para que aqueles que não nos conhecem nos fiquem a conhecer um pouco mais e queiram voltar acreditando que teremos sempre uma resposta, estaremos sempre lá para eles. Mas é necessário que as pessoas entrem na biblioteca! Aqui desenvolvemos várias actividades de incentivo à leitura onde procuramos chamar até nós o maior número de população, convém salientar que esta zona é predominantemente ocupada por uma população idosa. (Convém também não esquecer que 13 anos é muito pouco tempo para mudar opiniões)

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

Poderíamos fazer mais coisas, há sempre coisas que se podem inventar, o problema, o meu problema é que me custa esperar pelo retorno... talvez ainda o veja um dia. Unir-mo-nos e debatermos as questões, é importante, mais uma vez acredito que de forma informal com jantaradas (já iniciamos aqui na nossa zona... Os bibliotecários dos vários concelhos do distrito reunirem-se numa jantarada organizada por cada um à vez... Mas isso só (!!)) nos dá força para continuar, quanto à mudança de imagem não interfere... Sinceramente, acho que nos devemos focar no público e ser insistentes e persistentes (o que não é impossível, mas pode seguramente levar a desânimo) customer care É necessário nos unirmos todos nesse sentido e desmistificar a imagem. Os políticos deveriam nos valorizar mais.

ENTREVISTA BIBLIOTECÁRIO B

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário?

Sim, julgo que existe.

Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?

Pessoalmente só me afecta enquanto profissional, a imagem desactualizada que passa do bibliotecário como alguém que “não faz nada” e se limita a arrumar livros nas estantes. Actualmente não penso que sejamos responsáveis pela imagem negativa dado o esforço que se tem feito para mudar essa situação.

Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido?

Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.

Como é óbvio prejudica e não vem ajudar em nada a má formação de muitos profissionais da informação presentemente, atendendo aos inúmeros cursos que entretanto surgiram, sem qualidade alguma.

Já passou por alguma experiência caricata?

Não

Acha que o estereótipo é uma obsessão dos bibliotecários?

Não penso que seja uma obsessão é apenas o sentimento de não reconhecimento da profissão.

Devemos desvalorizar as imagens com que somos confrontados constantemente?

Não digo desvalorizar, apenas mostrar o verdadeiro papel do profissional da informação.

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode refletir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

O reconhecimento profissional depende apenas da qualidade do nosso trabalho e é nesse sentido que trabalho a imagem que passa para os leitores da Biblioteca e os meus superiores.

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

Como já referi a qualidade do seu trabalho, por exemplo na vertente da extensão cultural e educativa, promovendo um contacto maior com a comunidade que serve, identificando o seu perfil de utilizador, as suas necessidades e trabalhar nesse sentido.

ENTREVISTA BIBLIOTECÁRIO C

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário?

Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?

Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido?

Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.

Já passou por alguma experiência caricata?

Ainda persiste algum estereótipo em torno o bibliotecário sobretudo por vários motivos: históricos, sociais e culturais.

Para mim é-me indiferente porque enquanto profissional numa sociedade dita de “sociedade de informação” tento adaptar todo o meu esforço e empenho para mudar a imagem que era tida para os recursos humanos que trabalhavam e ainda trabalham em algumas bibliotecas. Muitos profissionais por vezes adoptam uma postura passiva, ainda muito enraizados em processos antigos, de cariz meramente tecnicista – tratar e guardar documentos. Hoje a biblioteca é muito mais que isso, é um espaço que, para além do tradicional tratamento técnico documental deve direccionar o seu esforço para o público adoptando uma postura mais criativa para atrair diferentes públicos, e públicos de todas as idades para isso deve ser também um agente educativo e cultural. Deve deixar a perspectiva antiga predominante de preservação e tecnicista.

Considero que o estereótipo é quase sempre de índole negativa sobretudo por aqueles que não utilizam a biblioteca e não conhecem o bibliotecário nem o seu trabalho. É natural que esta situação prejudique o profissional das bibliotecas sobretudo na sua imagem e na atribuição de competências e valorização profissional por parte das tuteladas.

Pessoalmente não me sinto lesada porque tento fazer o meu melhor com competência, com conhecimentos actualizados e levando a biblioteca para fora de portas, através da dinamização de projectos de dinamização do livro e da leitura junto de diferentes públicos, nomeadamente o infantil. Existe uma panóplia de acções mensais para todos os públicos, apesar de por vezes a divulgação não ser a melhor.

Acha que o estereótipo é uma obsessão dos bibliotecários?

O estereótipo não é uma obsessão do bibliotecário. Basta observar que temos chefias e outros que entendem que qualquer pessoa pode trabalhar numa biblioteca, pior que

isso uma pessoa mesmo que não seja bibliotecário ou não tenha sequer formação possa gerir uma biblioteca e seus bibliotecários.

Devemos desvalorizar as imagens com que somos confrontados constantemente?

Não devemos desvalorizar, devemos é preocuparmo-nos e tentar unir esforços para a mudança, mas acho que há muito a fazer por parte da nossa classe e de quem nos representa.

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode reflectir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

Sem dúvida que a imagem é relevante para o reconhecimento, mas há muita mudança a efectuar sobretudo ao nível de mentalidades. Obviamente que a nossa imagem enquanto profissionais pode influenciar o reconhecimento por parte dos superiores, mas continuo a afirmar que é necessário que os bibliotecários sejam uma classe profissional mais unida, mais coesa, e que seja capaz de “fazer-se ouvir” para isso muito há ainda para fazer. Basta o facto de nos equipararem aos outros técnicos superiores da AP.

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

Ser uma profissional competente, activa/dinâmica, preocupar-me em promover a biblioteca junto do público através de uma variada acção cultural. Estar atenta às necessidades de informação solicitada, formar os utilizadores e estar actualizada em conhecimentos. Obviamente que temos contingências, sobretudo quando não temos autonomia na nossa acção e actuação. O profissional antes de mais deve gostar do que faz e estar motivado para a profissão.

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

Trabalho em rede, maior cooperação inter-bibliotecas, criação de uma Ordem dos Bibliotecários, os profissionais desenvolverem produtos de divulgação cultural, maior dinâmica cultural, uma classe profissional mais unida, haver mais atenção a novos profissionais que têm formação académica na área e promover a nível nacional junto das tutelas e de autarcas portuguesas acções capazes de mostrar que somos importantes e

capazes de intervir a nível político, económico, social e cultural. Somos fundamentais ao desenvolvimento de um país justo, formamos cidadãos inclusivos e educamos para a cidadania.

ENTREVISTA BIBLIOTECÁRIO D

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário?

Sim, existe. A ideia de um “Guarda-livros”, principalmente porque existe pouca informação do trabalho do bibliotecário. A imagem do bibliotecário. A sociedade olha para o bibliotecário como alguém que trabalha na biblioteca e por isso, qualquer pessoa que trabalhe na biblioteca é intitulado de bibliotecário sobretudo por se desconhecer as suas tarefas e competências. Pessoas que gozam de uma biblioteca local dinâmica podem atribuir uma imagem diferente à profissão do bibliotecário mas também muitas vezes vêem certas iniciativas como ligadas ao trabalho de animador e não de bibliotecário. Não existe uma ideia clara do papel e das funções do bibliotecário, portanto, quanto maior dinamismo tiver a biblioteca mais competências multifacetadas a sociedade atribui ao bibliotecário.

Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?

Somos responsáveis, não pelas atitudes que temos, mas no sentido de que não fazemos marketing da nossa profissão. Uma das ideias que está em cima da mesa da BAD é mesmo a criação de campanhas de promoção profissional. Dar a conhecer a profissão de bibliotecário. Fazer marketing da profissão.

Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido?

Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.

Sim, existe a ideia generalizada da bibliotecária de óculos que lê muito. Mesmo as pessoas que pertencem a este meio usam a imagem como “piada”, e essa “piada” ainda pega. Não é uma questão histórica já. É algo muito enraizado que dura até aos nossos dias. É necessário dinamizar as bibliotecas locais, é necessário as pessoas experienciarem para tomarem consciência da função do bibliotecário. Bibliotecas locais dinâmicas geram imagem de bibliotecários multifacetados que acabam por substituir a imagem do “guarda-livros”, as pessoas mudam se experienciarem novas actividades. A imagem antiga ainda não foi substituída, mas em certos locais essa imagem já viu acrescentada novas valências.

Já passou por alguma experiência caricata?

Que me lembre talvez o facto de perguntarem o porquê de tantos bibliotecários para uma só biblioteca. E mais uma vez, o desconhecimento em relação à função de bibliotecário. Também a ideia de que quem trabalha na biblioteca são bibliotecários e os próprios intitularem-se como tal, mesmo estagiários de outras áreas, que só por estarem a estagiar na biblioteca já se intitulam de bibliotecários.

Acha que o estereótipo é uma obsessão dos bibliotecários?

Devemos desvalorizar as imagens com que somos confrontados constantemente?

As imagens que têm da nossa profissão deveriam ser alteradas pelas experiências que as pessoas vão tendo na biblioteca. A própria evolução das bibliotecas, os edifícios, as funções, os serviços disponibilizados, deveriam estar a par das mudanças da própria imagem mas ainda não há um “descolar” da imagem antiga. Mesmo pessoas que frequentam dia a dia a nossa biblioteca não tinham a noção do trabalho que se realiza cá dentro. Mais uma vez, é necessário que eles experimentem para tomarem conhecimento. Já não basta só que frequentem a biblioteca.

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode reflectir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

Sim, a ideia de que bibliotecário pode ser qualquer pessoa, desde que saiba ler é algo que pode ser prejudicial, principalmente porque depois vemos bibliotecas a ser geridas por alguém que não é da área. Não há uma imagem consolidada e por isso há uma certa ousadia na atribuição de funções a quem não tem habilitações para tal.

É necessário uma imagem forte para construir uma identidade da profissão e o comportamento hierárquico torna-se fundamental. A imagem para já continua fraca e difusa.

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

Campanhas de divulgação da importância do bibliotecário à semelhança da realizada no Reino Unido “Never Underestimate the Importance of a Librarian”. Campanhas de dinamismo da própria biblioteca, tem de ter o seu papel na comunidade e deve por isso promover a sua imagem.

Existe também a componente de relação interpessoal com os utilizadores e outros profissionais. Hoje com a facilidade de acesso à informação temos de estar constantemente a tentar focar nos objectivos, a chamar a atenção dos restantes profissionais de biblioteca para que não deixem de focalizar na imagem da profissão e nas suas funções.

Também a relação com outros técnicos superiores tem de ser natural. A parceria dos bibliotecários com outros técnicos superiores só pode trazer mais-valias porque dão conta da mais-valia do bibliotecário nos projectos de acção.

É importante reter estas duas ideias: a atitude do bibliotecário face aos utilizadores e a capacidade de interrelacionar com as outras áreas.

ENTREVISTA BIBLIOTECÁRIO E

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário?

Apesar das bibliotecas hoje viverem num novo paradigma, acho que ainda existe este estereótipo. Ainda há o estereótipo da velha de óculos na ponta do nariz, pedindo silêncio a toda o instante. Talvez seja um pouco exagerado, mas ainda nos veem como uns indivíduos estranhos.

Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?

Somos responsáveis, na medida em que durante muito tempo, a figura do bibliotecário foi associada à vigilância cerrada de coleções de manuscritos e de livros. Só com o avanço da tecnologia houve um aumento dos cursos de biblioteconomia e só a partir daí o bibliotecário ganhou estatuto.

Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido? Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.

É de índole negativa. Hoje os bibliotecários ainda lutam por espaços de trabalho, pelo reconhecimento social e pela modernização da sua imagem. O bibliotecário é visto como um profissional que domina todo o conhecimento que a Biblioteca pode conter, o que é uma imagem completamente equivocada. O bibliotecário deveria ser visto como intermediário e facilitador entre o conhecimento e aquele que procura a informação. Atualmente, com a emergência da sociedade do conhecimento, evidenciada pelo avanço das tecnologias de informação, os estereótipos negativos podem ser entraves ao crescimento destes profissionais.

Já passou por alguma experiência caricata?

Com realce, julgo que não.

Acha que o estereótipo é uma obsessão dos bibliotecários? Devemos desvalorizar as imagens com que somos confrontados constantemente?

Não, de forma alguma. Acho que nunca devemos desvalorizar as imagens que se nos aparecem, sejam elas de que índole for.

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode refletir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

É muito relevante e, infelizmente, na maioria das vezes esse reconhecimento não é válido por parte dos superiores. Principalmente porque é um trabalho que não se vê, ou que pelo menos não “dá tanto nas vistas”. Este facto leva à falta de investimentos

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

O que tento fazer diariamente é ser disponível, quer para o público interno, quer para o público externo e estar ao alcance da satisfação das necessidades de informação dos utilizadores e leitores da biblioteca. E esforçar-me para o aperfeiçoamento contínuo.

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

Por um lado, encontros com outros bibliotecários e debate de temas interessantes e atuais; promover eventos demonstrando a importância do papel social e educacional da Biblioteca. No fundo, o que já fazemos.

Por outro, desenvolver maiores laços com a BAD, no sentido de promoção da profissão.

ENTREVISTA BIBLIOTECÁRIO F

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário?
Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?

Existe um estereótipo sim, mas penso que não se coaduna com a realidade portuguesa. Aquela imagem da senhora de carrapito e óculos, em Portugal é uma imagem que está longe de se confirmar. Os bibliotecários em Portugal gozam de um certo estatuto que lhes confere uma imagem bem distante da imagem de “rato de biblioteca”. Alguns desempenham até funções importantes e assumem papéis relevantes nas autarquias locais.

Para isso também muito veio contribuir a construção da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, que disseminou pelo país, de norte a sul, equipamentos modernos (por vezes o equipamento mais moderno do concelho), com dinâmicas culturalmente desafiadoras e contemporâneas, até aí pouco conotadas com as bibliotecas (numa óptica tradicional).

Também a entrada de homens na profissão (que antes era maioritariamente dominada pelas mulheres) pode contribuir para a alteração do estereótipo.

Agora em Congressos podemos ver a variedade e heterogeneidade de bibliotecários que existe no país, com muita gente jovem e com “mais mundo”.

Há medida que as pessoas vão conhecendo a biblioteca, principalmente com os novos equipamentos que temos hoje em dia, a imagem sobre a biblioteca e os seus profissionais vai se também alterando. O estereótipo já não é uma realidade nos dias de hoje.

Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido?

Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.
Já passou por alguma experiência caricata?

Não. Nunca me senti conotada pelo estereótipo.

Acha que o estereótipo é uma obsessão dos bibliotecários?

Devemos desvalorizar as imagens com que somos confrontados constantemente?

Devemos desvalorizar o mais possível. O estereótipo não contribui em nada para a imagem profissional do bibliotecário. É uma imagem redutora. Hoje em dia ser-se bibliotecário é muito mais diversificado, é uma profissão que está ligada a muitas outras áreas para além da biblioteconomia pura e dura: gestão, dinamização cultural, projectos de mediação leitora, tecnologias da informação, comunicação e marketing...

A nível internacional há exemplos de bibliotecas muito activas e dinâmicas, muito bem implementadas nas suas comunidades.

Acho que, até de certa forma, às vezes se explora a imagem da bibliotecária, no que toca ao aspecto mais relacionado com a vertente sex-symbol do estereótipo.

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode reflectir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

É fundamental. Hoje em dia o bibliotecário deve sair o mais possível do seu gabinete e fazer parte da vida pública. Deve integrar-se na vida pública e cultivar uma certa imagem. Os bibliotecários têm contribuído muito para esta mudança de imagem.

Se a imagem reflecte no reconhecimento profissional, sem dúvida. Essa imagem mostra que faz um bom percurso profissional levando a um maior reconhecimento, pelo menos em teoria (penso que isto é mais sentido a nível local do que nacional). Talvez na prática ainda não se tenha verificado em certos sítios. Mas em algumas Câmaras, quando surgiram novos equipamentos culturais, os bibliotecários locais assumiram grande protagonismo. Foi-lhes reconhecido dinâmicas profissionais que o levaram à promoção interna. Aqui talvez a imagem não esteja tão ligada à imagem do bibliotecário mas profundamente ligada a uma imagem de carreira profissional competente, audaz e inovadora.

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

Trabalho. De resto não me preocupo. Não cultivo imagem. Apenas trabalho.

Acho que os bibliotecários se devem preocupar em trabalhar bem, o melhor e mais competentemente que lhes for possível. Deveríamos ter bibliotecários com sensibilidades diferentes, de diferentes proveniências e, sobretudo, com amor à profissão.

A profissão nunca deve deixar de estar vinculada à vida cultural. É importante que o bibliotecário seja um intelectual da cultura e procure promover a cultura não só profissionalmente, mas que esta faça parte intrínseca da sua vida pessoal.

ENTREVISTA BIBLIOTECÁRIO G

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário?
Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?
Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido?
Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.
Já passou por alguma experiência caricata?
Acha que o estereótipo é uma obsessão dos bibliotecários?
Devemos desvalorizar as imagens com que somos confrontados constantemente?

A imagem do bibliotecário, tal como a imagem de qualquer profissional é importante sem, todavia, considerar que seja o mais importante.

Considero que existe um estereótipo à volta da imagem do bibliotecário da mesma forma que o há em relação a outras profissões. Se nas bibliotecas escolares, os bibliotecários eram os professores com depressões e se nas bibliotecas públicas era a Sra. de carrapito e sempre rezingona, actualmente essa imagem tem vindo a mudar.

Ao longo dos anos e com a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação, a própria designação dos bibliotecários é cada vez mais sinónimo de profissional da informação, ágil na recolha e processamento da informação em vários suportes.

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode reflectir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

O reconhecimento profissional dos superiores poderá ser um reflexo da imagem, mas creio que o bom avaliador tenderá a fazer uma análise objectiva e não subjectiva.

Mais importante do que a imagem, é o desempenho profissional.

A ênfase que se tem dado à imagem em detrimento de outras qualidades é sinal dos tempos e das formas de vida.

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

Da minha parte tento melhorar a imagem do bibliotecário através do meu trabalho, raramente através da minha imagem. Da mesma forma escolho os meus livros.

ENTREVISTA BIBLIOTECÁRIO H

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário?
Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?

Há sim um estereótipo, talvez ligado àquela imagem de “rato de biblioteca”. Mas também penso que cada vez menos isso se verifica, principalmente porque as próprias bibliotecas têm vindo a mudar. Essa imagem tinha a ver com uma forma de estar que a própria biblioteca implicava, com a exigência do silêncio, onde só tínhamos acesso a livros, e apenas o bibliotecário tinha acesso directo às obras. As tarefas eram mais concentradas no livro em si. Hoje em dia já não é assim. As bibliotecas disponibilizam outro tipo de materiais (CDs, DVDs) e já não se concentram unicamente nos livros.

Há estereótipo mas penso que hoje é usado sobretudo por brincadeira, porque no fundo julgo que o bibliotecário já não é identificado com esse perfil de “rato de biblioteca”. O conceito de biblioteca mudou e isso implicou mudança também no conceito de bibliotecário.

Não somos culpados pela existência do estereótipo. Tem mais a ver com a forma como antes funcionavam as bibliotecas. Era um ambiente mais propício à criação do estereótipo. Mas as bibliotecas mudaram. Ainda há pessoas que achamos ter o perfil do “rato de biblioteca”, mas os bibliotecários hoje em dia são diferentes, muito mais activos. Portanto, não penso que a culpa seja nossa, a realidade da função que desempenhamos é que assim o impõe.

Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido?

Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.

Já passou por alguma experiência caricata?

Não prejudica. Claro que há bibliotecários que associamos logo à imagem estereotipada, mas a grande maioria já não tem qualquer semelhança. Não é o estereótipo que prejudica o profissional, a própria pessoa é que pode prejudicar a sua própria imagem. Não me sinto lesada mas também não me sinto favorecida: se o estereótipo nos considera fechados, sérios, concentrados também nos considera pessoas cultas, com muito saber...Nem numa perspectiva nem noutra me senti lesada ou favorecida por isso.

Eu não desempenho neste momento trabalho técnico. Talvez por fazer mais a animação e os contactos institucionais, não tenha sentido tanto os efeitos do estereótipo, que na verdade está mais associado às funções técnicas, de tratamento documental... Também o facto de pertencer a uma terra pequena, de ser “nativa” da terra, de me conhecerem para além da vertente profissional, faz com que não sinta qualquer estigma associado ao esteriótipo. Agora é natural que outras pessoas o sintam.

Acha que o estereótipo é uma obsessão dos bibliotecários?

Devemos desvalorizar as imagens com que somos confrontados constantemente?

Nunca fui obcecada pela ideia. Sempre gostei de livros mas não tenho essa maneira de estar. Não me passou pela cabeça essa preocupação com o estereótipo. Há sempre uma brincadeira ou outra, mas não passa disso... de uma brincadeira. Não acho que seja obsessão. Mesmo com as pessoas com quem lido, os bibliotecários com quem mantenho contacto, nunca senti uma preocupação com o estereótipo.

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode reflectir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

A imagem profissional é relevante para o reconhecimento de qualquer profissão. Quanto mais positiva for a imagem profissional, mais positiva se torna a imagem que os outros têm em relação a nós. Se conhecermos bons profissionais de biblioteca, geramos ideias mais positivas em torno da profissão.

Além disso, os bibliotecários – nomeadamente nas autarquias- não cingem o seu trabalho à Biblioteca: desempenhamos muitas vezes funções noutras áreas (cultura, educação, etc...). Portanto nunca me senti não reconhecida...mas acredito que possa acontecer.

O que sinto é que as pessoas ainda acham que a biblioteca é um lugar para as crianças e para os velinhos que vão ler o jornal. Para os restantes, a biblioteca não serve para nada e depois surpreendem-se quando tomam conhecimento dos serviços que a biblioteca dispõe. Existe ainda muito desconhecimento por parte da sociedade do que é e faz a biblioteca. É mais associada ao estudo escolar e ao lazer (leitura de jornais). Algumas mães entram na biblioteca porque vão com os filhos, mas não vão para elas. Há um certo desconhecimento do que a biblioteca também lhes pode proporcionar.

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

Tento fazer o meu trabalho o melhor possível e acho que essa é a maior promoção que posso fazer! Tanto nas pesquisas, como nas leituras e nas actividades de animação que faço com o público escolar. Para o grande público fazemos sessões mensais de poesia – em instituições, colectividades, escolas- mas aqui acho que promovemos mais a poesia que a biblioteca ou o bibliotecário.

Há uns anos perdemos a nossa ligação à Fundação Calouste Gulbenkian, e com ela perdemos muitas iniciativas que se faziam e que abrangiam outro tipo de públicos. Nos últimos anos mantemos mais a ligação com o público escolar.

Não há grandes iniciativas que possam promover a profissão. A melhor promoção é sermos bons profissionais. Damos atenção ao que o utilizador pede e tentar ajudar mesmo que não haja resposta directa na biblioteca. Devemos preservar a simpatia e evitar desprezar o utilizador. Dar “luzes” sobre o que nos é pedido, mesmo que a pessoa saia da biblioteca sem a informação pretendida. Dar acesso a um grande leque de informações...

Outra das coisas que mais gosto de fazer é sugerir leituras. Sempre que posso direcciono as atenções para o livro porque acho que é uma tristeza a pessoa não gostar de ler! Perde tanto...No fundo, acho que há um livro, um escritor, ou um género de literatura para toda a gente. Só é preciso que o descubramos! E se as pessoas associarem a Biblioteca a momentos de prazer e aprendizagem isso também é promover as Bibliotecas.

ENTREVISTA BIBLIOTECÁRIO I

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário? Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?

Sim, existe sim. Aquela imagem de velhinha no carrinho dos livros, com o carrapito e óculos, o chamado “rato de biblioteca”. Também aquela ideia de que quem trabalha na biblioteca deve ler imenso.

Eu procuro sempre debater esta imagem quando as pessoas não têm a mínima noção do que fazemos na biblioteca. Cheguei a ter amigos que me respondia “-que horror!” quando lhes contava que trabalhava na biblioteca, mas depois ficavam admirados quando lhes explicava o que fazia ao certo no trabalho.

Há, também aquela expressão: Tem tanta sorte, deve se fartar de ler! Devemos desmistificar, procurar sempre explicar o que fazemos, principalmente na nossa área que como biblioteca pública abrange um público que vai dos 0 aos 100. Temos de lhes mostrar que existe todo um trabalho de indexação, catalogação e também de animação.

Em parte somos responsáveis por esta imagem, pelo mandar calar, por não deixar pegar nos livros, por estar num canto. Fomos responsáveis sim há muitos anos.

Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido?

Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.

Já passou por alguma experiência caricata?

Nalguns casos sim, é negativo. Noutros casos já não considero. Tive colegas meus que já foram interpelados da seguinte forma: “O que fizeste tu para te colocarem na biblioteca?”. É aquela ideia de que a biblioteca é um local de castigo. Mas comigo nunca aconteceu.

Acho que este estereótipo não prejudica se tivermos cuidado em dar a volta. As pessoas ficam admiradas com as coisas que sabemos fazer. Temos de lhes mostrar as nossas capacidades. Devemos sempre nos tentar aproximar do público eliminando barreiras que por vezes nem damos conta de existirem. Por exemplo, o nome Serviço de Referência pode não elucidar o utilizador do que se trata. Um senhor entrou na biblioteca e assim que lhe expliquei que o serviço era de apoio ao utilizador o senhor respondeu que afinal era ali que ele devia fazer a sua questão. Amavelmente o auxiliei e apresentei a

sala e os restantes serviços, prontamente o utilizador quis inscrever-se como leitor. É esta aproximação que devemos sempre tentar.

Situações caricatas que passei são aquelas expressões que muitas vezes ouço de que pensam que passo o dia todo a ler livros e que sei de cor todos os livros que tenho na biblioteca.

Acha que o estereótipo é uma obsessão dos bibliotecários?

Devemos desvalorizar as imagens com que somos confrontados constantemente?

Eu não sou obcecada. Mas quando vejo que não fazem a mínima ideia do que faço na biblioteca tento imediatamente esclarecer. Agora com as novas tecnologias e as redes sociais são um auxílio para nos aproximarmos mais do utilizador e para quebrarmos com essa imagem estereotipada. Devemos desvalorizar a imagem e mostrar o que fazemos, o que somos.

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode reflectir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

Sim, é importante porque as pessoas acabam por reconhecer a importância da nossa profissão para a vida deles. Ao fazermos o nosso trabalho, auxiliar nas dúvidas e nas pesquisas.

Também com os superiores isso acontece. Quando não são da área, e desconhecem o nosso trabalho, temos de nos esforçar um pouco mais para mostrar as nossas capacidades e as nossas funções.

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

Procuro, no atendimento, ter uma imagem acessível para que possam se aproximar sem medo. Usar uma abordagem mais informal. Claro que por vezes também tenho de vestir o estereótipo para mandar calar ou baixar o tom de voz, mas isso porque o serviço assim o impõe. Mas tentamos aqui no serviço ter uma imagem descontraída no

atendimento e temos essa facilidade por ser uma biblioteca pública. Evitamos sobretudo não fazer aquele ar de chateados porque fomos interrompidos.

Iniciativas que possam ser feitas no sentido de divulgar a imagem poderia ser uma campanha de marketing a nível nacional onde uma personalidade, ou várias figuras públicas falarem sobre os bibliotecários que marcaram a sua vida.

ENTREVISTA BIBLIOTECÁRIO J

1. Estereótipo do Bibliotecário

Considera que existe um certo estereótipo em torno da imagem do bibliotecário?

Qual a sua posição em relação ao estereótipo? É-lhe indiferente? Considera que somos responsáveis pela existência de estereótipos?

Sim, existe. Não considero que sejamos responsáveis pela existência de estereótipos mas penso que o bibliotecário é visto pelos utilizadores do espaço da biblioteca como uma pessoa chata porque, sendo a biblioteca um espaço onde deve haver silêncio, cabe ao bibliotecário chamar a atenção dos leitores que não o fizerem, daí que o “shhh!” seja um som normalmente característico dos profissionais de informação. Este estereótipo incomoda-me bastante porque se o bibliotecário tem de estar sempre a chamar a atenção dos utilizadores da biblioteca é porque estes não têm consciência do ambiente de silêncio que deve existir numa biblioteca. Um estereótipo também associado ao bibliotecário é a capacidade de organização: muita gente parte do princípio que todos os bibliotecários são organizados (já me disseram: “És bibliotecária? Então deves ser muito organizada!!”), talvez porque uma das funções de um técnico de biblioteca é precisamente organizar e manter organizado o fundo documental da biblioteca e facilmente poderá transpor essa capacidade de organização para o seu dia-a-dia. Este estereótipo não me incomoda nada, até porque, no meu caso, adequa-se. O estereótipo que mais me incomoda é a ideia que se tem que o trabalho do bibliotecário é estar sentado numa secretária à espera que apareçam os leitores e que a sua única tarefa é proceder ao empréstimo dos livros.

Esse estereótipo é de índole negativa? Prejudica os profissionais de biblioteca? Se prejudica, em que sentido? Sente-se pessoalmente lesado pela existência do estereótipo? Em que sentido?

Esse estereótipo favorece a profissão? Em que sentido? Relate exemplos.

Em parte sim, é negativo. Mas não penso que prejudique, pelo contrário favorece. Penso que o estereótipo associado ao bibliotecário pela sua capacidade de organização pode contribuir para que o leitor confie no nosso trabalho, principalmente no que se refere ao serviço de referência. Ou também pode acontecer que alunos que tenham de fazer trabalhos académicos venham ter connosco tirar dúvidas sobre como fazer uma referência bibliográfica. Também existe a ideia que um bibliotecário pode ajudar a escolher um autor ou um livro visto que poderá conhecê-los bem. Relate exemplos. Já me

aconteceu várias vezes, virem ter comigo alunos a pedir ajuda para fazer referências bibliográficas para alguns trabalhos académicos e/ou escolares. Também já aconteceu os leitores da biblioteca quererem requisitar um livro mas não fazerem a mínima ideia do que pretendem e pedem ajuda. Então, perguntando-lhes que tipos de livros gostam mais, indico-lhes livros e autores que poderão gostar.

Já passou por alguma experiência caricata?

Já me aconteceu algo ao qual achei muita piada, sim. Ligaram-me da Vodafone para que eu respondesse a um questionário sobre os serviços prestados pela operadora móvel e quando, para fins estatísticos, me perguntaram qual era a minha profissão e eu disse que sou bibliotecária, responderam-me: “A sério?? Que máximo...Deve ser tão giro trabalhar numa biblioteca!”. E já não é a primeira vez que me dizem isso. Nunca percebi muito bem porquê; talvez porque é um local muito associado à cultura e isso torna a nossa profissão extremamente interessante.

2. Importância da Imagem do Bibliotecário

Considera que a imagem profissional transmitida é relevante para o reconhecimento da importância da profissão? Acha que a imagem transmitida pode reflectir no reconhecimento profissional por parte dos superiores?

Sim penso que a imagem transmitida pelos profissionais pode reflectir-se no reconhecimento social da utilidade da profissão mas também no reconhecimento por parte dos nossos superiores hierárquicos.

3. Iniciativas de Promoção de Imagem

O que faz para promover a sua imagem profissional no local de trabalho?

Tento manter a secretária arrumada de forma a transmitir a ideia de ser uma profissional organizada e, numa tentativa de contrariar a ideia que o trabalho do bibliotecário é passar o dia sentado atrás de uma secretária à espera que apareçam leitores, tento sempre organizar iniciativas de forma a mostrar que o trabalho feito na biblioteca é heterogéneo e que fazemos tudo o que está ao nosso alcance para promover o livro e hábitos de leitura.

Que tipo de iniciativas poderiam ser desenvolvidas pelos bibliotecários para promover a imagem da profissão?

Organizar actividades com várias faixas etárias: trabalhos manuais com crianças, conto de estórias tradicionais/lendas com idosos, clubes de leitura para adultos, visitas guiadas à biblioteca para estudantes, etc...

Organizar pequenos workshops com crianças explicando-lhes tudo o que se pode fazer numa biblioteca e qual a função/importância dos profissionais que nela trabalham, ...